

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

Mafalda Sofia dos Santos Rodrigues

Lisboa, julho de 2013

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

Mafalda Sofia dos Santos Rodrigues

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em
Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob
orientação da Professora Doutora Violante Magalhães

Lisboa, julho de 2013



Escola Superior de Educação João de Deus

Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a)..... Violante Magalhães.....

tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a) licenciado(a) Mafalda Sofia dos Santos Rodrigues.....

realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.....

considero que se trata de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito à Comissão de Mestrado do Conselho Técnico-Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respetivo Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 22 de Julho de 2013

O(A) Orientador(a)



Índice geral

Índice de quadros	XII
Índice de figuras	XIV
Introdução	1
1. Identificação dos locais de estágio	3
2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional	4
3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional	5
4. Identificação do grupo de estágio	5
5. Descrição da metodologia utilizada	6
6. Pertinência do Estágio Profissional	7
7. Cronograma	7
Capítulo 1 Relatos Diários	11
1.1. Rotinas	13
1.2. Grupo de 4 anos (Alcobaça)	18
1.2.1. Caracterização do Grupo	18
1.2.2. Espaço e horário	18
1.2.3. Relatos diários	20
1.3. Grupo de 3 anos (Lisboa)	28
1.3.1. Caracterização do Grupo	28
1.3.2. Espaço e horário	28
1.3.3. Relatos diários	29
1.4. Grupo de 3 anos (Alcobaça)	35
1.4.1. Caracterização do Grupo	35
1.4.2. Espaço e horário	35

1.4.3.	Relatos diários	36
1.5.	Grupo de 4 anos (Lisboa)	43
1.5.1.	Caracterização do Grupo	43
1.5.2.	Espaço e horário	43
1.5.3.	Relatos diários	44
1.6.	Grupo de 5 anos (Alcobaça)	48
1.6.1.	Caracterização do Grupo	48
1.6.2.	Espaço e horário	48
1.6.3.	Relatos diários	49
1.7.	Grupo de 5 anos (Lisboa)	57
1.7.1.	Caracterização do Grupo	57
1.7.2.	Espaço e horário	58
1.7.3.	Relatos diários	59
1.8.	Turma de 1.º ano (Alcobaça)	65
1.8.1.	Caracterização da turma	65
1.8.2.	Espaço e horário	66
1.8.3.	Relatos diários	66
1.9.	Turma de 1.º ano (Lisboa)	72
1.9.1.	Caraterização da turma	72
1.9.2.	Espaço e horário	73
1.9.3.	Relatos diários	74
1.10.	Turma de 2.º ano (Alcobaça)	78
1.10.1.	Caracterização da turma	78
1.10.2.	Espaço e horário	79
1.10.3.	Relatos diários	80
1.11.	Turma de 2.º ano (Lisboa)	88
1.11.1.	Caracterização da turma	88
1.11.2.	Espaço e horário	88
1.11.3.	Relatos diários	89
1.12.	Turma de 4.º ano (Lisboa)	95

1.12.1.	Caracterização da turma	95
1.12.2.	Espaço e horário	96
1.12.3.	Relatos diários	97
1.13.	Turma de 3.º ano (Lisboa)	107
1.13.1.	Caracterização da turma	107
1.13.2.	Espaço e horário	107
1.13.3.	Relatos diários	108
1.14.	Estágio Intensivo	118
1.14.1.	Relatos diários	118
Capítulo 2	Planificações	121
2.1.	Fundamentação teórica	123
2.2	Planificações fundamentadas	126
2.2.1.	Planificação da Área de Conhecimento do Mundo	127
2.2.2.	Planificação da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	131
2.2.3.	Planificação da Área da Língua Portuguesa	135
2.2.4.	Planificação da Área da Matemática	138
Capítulo 3	Dispositivos de Avaliação	141
3.1.	Fundamentação teórica	143
3.2	Dispositivo de avaliação da atividade da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática	147
3.2.1.	Contextualização da atividade	147
3.2.2.	Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade	147
3.2.3.	Grelha de avaliação no Domínio da Matemática	149
3.2.4.	Interpretação da grelha de avaliação	150
3.2.5.	Apresentação dos resultados em gráfico	150
3.2.6.	Análise do gráfico	150
3.3.	Dispositivo da avaliação da atividade da Área de Expressão	

e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	151
3.3.1. Contextualização da atividade	151
3.3.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade	151
3.3.3. Grelha de avaliação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	153
3.3.4. Interpretação da grelha de avaliação	154
3.3.5. Apresentação dos resultados em gráfico	154
3.3.6. Análise do gráfico	154
3.4. Dispositivo de avaliação da atividade da Área de Estudo do Meio	155
3.4.1. Contextualização da atividade	155
3.4.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade	155
3.4.3. Grelha de avaliação na Área de Estudo do Meio	157
3.4.4. Interpretação da grelha de avaliação	158
3.4.5. Apresentação dos resultados em gráfico	158
3.4.6. Análise do gráfico	158
3.5. Dispositivo de avaliação da atividade da Área de Português	159
3.5.1. Contextualização da atividade	159
3.5.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade	159
3.5.3. Grelha de avaliação na Área do Português	161
3.5.4. Interpretação da grelha de avaliação	162
3.5.5. Apresentação dos resultados em gráfico	162
3.5.6. Análise do gráfico	162
Reflexões finais	163
1. Considerações finais	165
2. Limitações	166
3. Novas pesquisas	167
Referências Bibliográficas	169

Anexos		179
Anexo 1	Dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática	181
Anexo 2	Dispositivos de avaliação I e II do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	185
Anexo 3	Dispositivo de avaliação de Estudo do Meio	189
Anexo 5	Dispositivo de avaliação de Português	193

Índice de quadros

Quadro 1	Cronograma de Estágio Profissional	9
Quadro 2	Horário de estágio no Grupo de 4 anos (Alcobaça)	19
Quadro 3	Horário de estágio no Grupo de 3 anos (Lisboa)	29
Quadro 4	Horário de estágio no Grupo de 3 anos (Alcobaça)	36
Quadro 5	Horário de estágio no Grupo de 4 anos (Lisboa)	44
Quadro 6	Horário de estágio no Grupo de 5 anos (Alcobaça)	49
Quadro 7	Horário de estágio no Grupo de 5 anos (Lisboa)	58
Quadro 8	Horário de estágio na Turma de 1.º ano (Alcobaça)	66
Quadro 9	Horário de estágio na Turma de 1.º ano (Lisboa)	73
Quadro 10	Horário de estágio na Turma de 2.º ano (Alcobaça)	79
Quadro 11	Horário de estágio na Turma de 2.º ano (Lisboa)	89
Quadro 12	Horário de estágio na Turma de 4.º ano (Lisboa)	96
Quadro 13	Horário de estágio na Turma de 3.º ano (Lisboa)	108
Quadro 14	Exemplo de uma planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem	125
Quadro 15	Plano de aula na Área de Conhecimento do Mundo	127
Quadro 16	Plano de aula no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	131
Quadro 17	Plano de aula de Português (1.º A)	135
Quadro 18	Plano de aula de Matemática (1.º A)	138
Quadro 19	Escala de Likert utilizada nos dispositivos de avaliação	146
Quadro 20	Parâmetros e critérios de avaliação no Domínio da Matemática	148
Quadro 21	Grelha de avaliação da atividade no Domínio da Matemática	149
Quadro 22	Parâmetros e critérios de avaliação no Domínio da	

	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	152
Quadro 23	Grelha de avaliação da atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	153
Quadro 24	Parâmetros e critérios de avaliação na Área de Estudo do Meio	156
Quadro 25	Grelha de avaliação da atividade na Área de Estudo do Meio	157
Quadro 26	Parâmetros e critérios de avaliação na Área do Português	160
Quadro 27	Grelha de avaliação da atividade na Área do Português	161

Índice de figuras

Figura 1	Aspeto da sala do Grupo de 4 anos (Alcobaça)	19
Figura 2	Aspeto da sala do Grupo de 3 anos (Alcobaça)	35
Figura 3	Aspeto da sala do Grupo de 5 anos (Alcobaça)	49
Figura 4	Resultados da avaliação da atividade no Domínio da Matemática	150
Figura 5	Resultados da avaliação da atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	154
Figura 6	Resultados da avaliação da atividade na Área de Estudo do Meio	158
Figura 7	Resultados da avaliação da atividade na Área de Português	162

Introdução

O presente Relatório integra-se no âmbito da Unidade Curricular de Estágio Profissional I, II, III do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação João de Deus.

O Estágio Profissional decorreu entre setembro de 2011 e fevereiro de 2013, ao longo de três semestres. Foi realizado em duas escolas privadas pertencentes à mesma Instituição. Uma delas situa-se em Alcobaça e a outra em Lisboa. A primeira tem valências de Berçário, Creche, Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, possuindo um grupo de crianças/turma por cada faixa etária/ano de escolaridade. A escola de Lisboa tem dois grupos/turmas por cada faixa etária/ano de escolaridade de Pré-Escolar/1.º Ciclo do Ensino Básico. Fiz ainda um Estágio intensivo, realizado no âmbito do Seminário de Contacto com a Realidade Educativa, durante uma semana, em fevereiro de 2012, numa escola privada de Leiria, pertencente à mesma Instituição, junto de duas turmas de 1.º ano de escolaridade.

1. Identificação dos locais de estágio

O espaço físico da escola privada de Alcobaça é composto por dois edifícios. No edifício principal, no rés-do-chão estão as salas dos grupos de 4 e 5 anos, casas de banho, um refeitório, uma cozinha e o gabinete da Diretora. No 1.º andar estão as salas de Berçário e Creche, um dormitório, uma copa, casas-de-banho e arrumos. O outro edifício, construído em 1990 e ampliado em 1999, é composto por dois andares. No rés-do-chão funcionam as salas dos grupos de 2 e 3 anos, um refeitório e casas-de-banho. No 1.º andar existem cinco salas do 1.º Ciclo, um ginásio e casas-de-banho. O espaço envolvente possui várias árvores, é amplo e limitado por gradeamentos.

A escola de Lisboa situa-se num dos maiores bairros de Lisboa (em termos de população) e é essencialmente um dormitório. A escola tem dois edifícios. Num deles, no rés-do-chão, há duas salas de 1.º Ciclo, uma biblioteca, uma sala de cerâmica e expressão plástica, o gabinete da diretora, a sala de professores e casas-de-banho. No 1.º andar, existem quatro salas de 1.º Ciclo, um ginásio, uma sala de informática e casas-de-banho. O outro edifício tem uma sala grande, dividida, na qual funcionam os dois grupos de 3 anos. Há ainda um salão, onde estão dois grupos de 4 anos, e duas salas dos grupos de 5 anos. Neste edifício há ainda duas salas de 1.º Ciclo, casas de banho, cozinha e cantina.

A escola de Leiria situa-se no centro desta cidade, numa zona residencial. Tem três edifícios, todos com rés-do-chão e 1.º andar, onde funcionam as salas de aula para as valências que funcionam nesta escola: Pré-Escolar e 1.º Ciclo. Por estes dois edifícios, distribuem-se ainda o gabinete da Diretora, ginásio, Biblioteca, sala de Informática, Cantina, casas de banho. Há dois espaços exteriores de recreio, um deles com escorrega.

Do Pré-Escolar ao 1º Ciclo, todos os grupos/turmas têm uma educadora/professora titular. Já as aulas de Música, Inglês e Educação Física são lecionadas por professores da área específica.

2. Descrição da Estrutura do Relatório de Estágio Profissional

Neste Relatório, à presente Introdução seguem-se três capítulos, nos quais se apresentam relatos diários de estágio, planificações de aulas e dispositivos de avaliação.

O capítulo referente aos Relatos Diários está dividido em catorze secções, de forma a relatar todo o contexto do Pré-Escolar e 1.º Ciclo. Início o capítulo referindo-me às rotinas praticadas por crianças dos grupos e turmas de ambas as escolas onde estagiei, as onze secções seguintes respeitam a cada grupo/turma por escola – de Alcobaça ou de Lisboa; a última secção refere-se ao estágio intensivo realizado em Leiria.

No segundo capítulo, para além da fundamentação teórica sobre o ato de planificar, encontram-se quatro planificações que fiz para algumas das aulas que leccionei. Duas delas são referentes ao Pré-Escolar (especificamente, na Área de Conhecimento do Mundo e na Área de Expressão e Comunicação, Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita) e outras duas ao 1.º Ciclo do Ensino Básico (de Português e de Matemática).

No terceiro capítulo, depois de reflectir sobre a avaliação, encontram-se quatro dispositivos de avaliação que apliquei durante o meu Estágio Profissional. A um grupo de Pré-Escolar, foram aplicados dois dispositivos de avaliação, respeitantes à Área de Expressão e Comunicação, Domínio da Matemática e Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Em duas turmas do 1.º Ciclo do Ensino Básico (de 1.º e 3.º anos de escolaridade), apliquei dispositivos de avaliação relativos a Estudo do Meio e a Português.

No final destes capítulos, após a Reflexão Final, onde farei considerações gerais sobre o estágio e o presente trabalho, apresento as Referências Bibliográficas e os Anexos.

3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional

É de extrema importância a elaboração do presente Relatório, pois a conclusão do Mestrado em Ensino Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e a consequente certificação para a docência depende dele. Ao redigir este Relatório, tive necessidade de integrar os conceitos adquiridos durante a Licenciatura em Educação Básica e o Mestrado, voltar a todas as aprendizagens teóricas, de forma a associar conteúdos académicos com reflexões profissionais.

É essencial a consolidação dos conhecimentos adquiridos, de forma a tirar conclusões que, futuramente, quer a nível profissional, quer a nível pessoal, me serão úteis, pois ajudar-me-ão a conseguir ultrapassar situações que possam vir a surgir ao longo da vida. Acresce que, neste Relatório, é feita uma reflexão pessoal sobre a Prática Pedagógica, o que me vai permitir observar com mais atenção o que é feito e o que fazemos com as crianças, de forma a conseguir ter uma melhor perceção do que funciona com estas, permitindo-me aprender a fazer melhor futuramente. Penso que é com as observações e reflexões sistemáticas e aprofundadas sobre o que vejo e sobre as minhas intervenções na prática pedagógica que ganharei consistência para continuar a observar, avaliar, refletir, pesquisar, construir hipóteses e reformular as minhas intervenções futuras.

4. Identificação do Grupo de Estágio

Para a realização do Estágio Profissional, a equipa de supervisão de Estágio Profissional (habitualmente designado por Prática Pedagógica) da Escola Superior de Educação João de Deus estabeleceu certos critérios. Em reunião, ficou estipulado que eu seria inserida num grupo de estágio com mais duas colegas (a M. e a J.).

Segundo Loughran (citado por Flores e Simão, 2009):

As experiências partilhadas dão (...) 'autorização' para se arriscar fazer algo que pode ser entendido como falha (quando se trabalha sozinho) de modo a alargar as fronteiras da prática através do apoio e "crítica" de outra pessoa

que nós valorizamos. A responsabilidade partilhada de planejar, ensinar e relatar a experiência torna-se num catalisador para uma valiosa aprendizagem através da experiência, sendo esta qualitativamente diferente do que aquela em que se faz estas mesmas coisas sozinho (p. 31).

As minhas colegas de Prática Pedagógica passaram a ser um apoio importante para mim durante todo o período de estágio. Ajudámo-nos no planeamento das aulas, nas pesquisas, em ideias, bem como na avaliação.

5. Descrição da metodologia utilizada

A elaboração deste trabalho teve como base a observação de aulas e a experimentação didática. Procurei incluir também uma análise reflexiva sobre as práticas observadas.

Assim, na realização do presente Relatório, a metodologia utilizada foi a recolha de dados através da observação direta. Este tipo de observação é aquele em que o próprio investigador procede diretamente à recolha de informação, não estruturada, ou seja, o investigador não recorre a meios técnicos e age livremente.

É através da observação direta que recolhemos informação para podermos relatar de forma direta o que vimos durante o estágio. Bogdan e Biklen (1994) referem que, “na investigação qualitativa a fonte direta é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal” (p. 47). Estes autores acrescentam, ainda, que este tipo de investigador frequenta “os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência” (p. 48).

A maior parte da informação indispensável à execução deste relatório foi recolhida através da observação direta. Foi com este tipo de observação que obtive as informações necessárias e essenciais, que me permitiram aprender e refletir sobre a prática pedagógica para poder melhorar o meu desempenho como estagiária.

Segundo Quivy e Campenhoudt (1998) “os métodos de observação direta constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos, sem a medição de um documento ou testemunho” (p. 196). Ao utilizar este tipo de metodologia durante toda a prática pedagógica consegui reunir numerosas informações que tão úteis me foram, e essenciais para a elaboração do presente Relatório, como para o meu crescimento pessoal.

Formalmente, este Relatório foi preparado de acordo com as normas APA (American Psychological Association) e Azevedo (2000).

6. Pertinência do Estágio Profissional

O estágio profissional é fundamental na nossa aprendizagem e desenvolvimento, enquanto futuros profissionais, pois estamos em contacto com a realidade educativa e podemos colocar em prática e consolidar os nossos conhecimentos teórico-práticos aprendidos.

Conforme refere Korthagen (2001), a teoria e a prática devem ser efetuadas em simultâneo, pois a sua junção ajuda-nos a saber observar, refletir, autoavaliarmos e a saber improvisar, perante determinada circunstância. Alarcão et. al. (1997) defendem que na formação de futuros educadores e professores há que ter em conta que,

A experiência de várias décadas de formação de professores em Portugal e a investigação educacional (tanto no nosso país como no estrangeiro) mostram que a formação inicial não se pode reduzir à sua dimensão académica (aprendizagem de conteúdos organizados por disciplinas), mas tem de integrar uma componente prática e reflexiva. (p. 8)

Também Freire (2006, p. 36) defende a importância da reflexão da prática pedagógica, afirmando: “Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Ao longo deste período de estágio, vamos, acima de tudo, aprender a aprender com a observação e a prática, nas aulas dadas. É com o estágio profissional que consigo ter consciência do dia-a-dia de um Jardim-de-Infância ou de uma escola de Ensino Básico e perceber as diferentes atividades que terei que desenvolver, como educadora e como professora, tal como a importância da relação entre aluno e docente, o que me irá permitir um desenvolvimento como futura profissional.

7. Cronograma

No cronograma que se apresenta na página seguinte, especifico os dias que correspondem ao Estágio Profissional I, II e III, nomeadamente a aulas observadas e a

aulas dadas – aulas programadas ou aulas “surpresa”. Indico também os dias referentes a reuniões da Prática Pedagógica. Por último, assinalo os dias de reuniões com a Orientadora, os que usei para pesquisas bibliográficas e os dedicados à elaboração do Relatório de Estágio.

Quadro 1 – Cronograma de estágio profissional

Meses	out 2011				nov				dez				jan 2012				fev				mar				abr				mai				jun				set				out				nov				dez				jan 2013							
Semana/ Atividade	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4								
Observação de aulas	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x								
Aulas programadas					x			x					x	x							x				x	x							x	x							x	x											x							
Aulas surpresa					x												x												x																															
Reuniões Prática Ped.					x								x																x								x																							
Reuniões acompanhamento					x		x						x		x	x					x	x							x	x			x	x			x	x			x	x			x	x			x	x							x	x		
Pesquisa bibliográfica					x	x	x	x					x	x	x		x	x	x	x					x	x	x	x					x	x	x	x									x	x	x						x	x	x	x				
Elaboração do relatório de estágio					x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x					x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x									x	x	x	x					x	x	x	x				

Capítulo 1

Relatos diários

Em virtude de ser Auxiliar de Ação Educativa numa das escolas privadas onde estagiei, foi-me gentilmente permitido pelo Diretor da Escola Superior de Educação João de Deus que desenvolvesse a minha Prática Pedagógica subdividida entre o meu local de trabalho, numa escola de Alcobaça, e uma outra escola, situada na zona de Lisboa, pertencente à mesma instituição. Assim, durante o primeiro e segundo semestre de 2011/12, realizei a Prática nessas duas escolas (Alcobaça e Lisboa); no terceiro e último semestre (2012/13), realizei a Prática Pedagógica sempre na escola de Lisboa.

Após o primeiro dia de Estágio Profissional (26 de setembro de 2011), no qual houve uma reunião para organizar os grupos da Prática Pedagógica, passei a fazer, semanalmente, 5 horas na escola onde trabalho e as restantes 7 horas na outra escola de Lisboa.

1.1 Rotinas

Alguns dos momentos relacionados com as rotinas extracurriculares são comuns a todos os alunos que frequentam os dois estabelecimentos de ensino, variando mais significativamente entre o Pré-Escolar e o 1.º Ciclo. Por isso vou descrevê-los separadamente.

Todas as crianças que frequentam estas duas escolas usam bibes, desde o Pré-Escolar ao final do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Cada faixa etária tem um bibe de cor diferente. Com o uso dos bibes, todas as crianças andam iguais, independentemente do meio socioeconómico de cada uma. Aquando de uma visita a uma destas escolas, Grácio (1995) referiu

Quem olhar para todas aquelas alegres crianças, tagarelando sem reservas umas com as outras, não pensará que está em face de pequenos de todas as classes sociais, desde o que vive (?) num pardieiro do Casal Ventoso ao que mora num palacete das Avenidas Novas e chega à escola de automóvel. Os bibes que só se diferenciam na cor, conforme as idades (...) unem-nos a todos num mesmo plano. (p. 8)

Para os mais pequenos, como para os mais velhos, em ambas as escolas onde estagiei, existe uma rotina diária similar, que possibilita às crianças um equilíbrio saudável e organizado.

Segundo Zabalza (1998a, p. 158), a criação de uma rotina diária faz “com que o tempo seja um tempo de experiências ricas e interações positivas”. Também

Hohmann e Weikart (2004, p. 224) defendem a existência de uma rotina diária, pois esta “oferece uma estrutura para os acontecimentos do dia”.

Na Educação Pré-Escolar, as crianças não têm a noção de tempo e é com a existência de uma rotina diária que conseguem perceber a existência de uma sequência de atividades realizadas ao longo do dia. Hohmann e Weikart (2004) referem:

(...) O que é que se passa agora? O que é que fazemos a seguir? (...) Quando é que vamos para o recreio?; a rotina diária ajuda as crianças a responder a este tipo de questões ao oferecer-lhes uma sequência de acontecimentos que elas podem seguir e compreender. (p. 224)

Os mesmos autores defendem que as rotinas facultam à criança uma organização social que cria uma comunidade e prepara o palco para o desenvolvimento das suas interações sociais. Estas vão influenciar a forma como as experiências de aprendizagem despertam (p. 225).

Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997, p. 42), toda a rotina diária deve ser: “Algo intencional por parte do Educador; desta forma ganha uma conotação educativa, pois permite à criança saber o que poderá fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações”.

Em ambas as escolas, na Educação Pré-Escolar, e no que se refere aos grupos de 3 anos, o dia começa no salão com o acolhimento de todas as crianças, em roda, a cantar. Hohmann e Weikart (2004) dizem sobre as rotinas de acolhimento deste tipo,

Desde os tempos ancestrais que pessoas de todas as culturas se reuniram em redor de fogueiras ou lareiras para cantar, dançar, contar histórias e trocar informações. Num espírito semelhante, crianças e adultos reúnem-se (...) em grupo grande para experimentar companheirismo, partilhar informação relevante e pelo prazer de fazer coisas em conjunto, como uma comunidade. (...) As experiências do tempo em grupo grande, como o cantar em conjunto, levam à construção de um sentido de ‘nós’ e ‘nosso’ (p. 405).

Também Cordeiro (2010) refere que

O chamado ‘tempo de grande grupo’ é um espaço destinado à partilha, por todo o grupo, de informações consideradas importantes, bem como à habituação a participar em atividades próprias para grupos maiores. O tempo em grande grupo reúne crianças e adultos, por períodos de tempo breves, ajudando a construir o sentido de ‘nós’ e de ‘nosso’ (p. 374).

Cordeiro refere ainda a importância de cantar em grupo, assim como a de poder aprender novas canções. Isto “permite às crianças estimular a memorização, adquirir mais vocabulário, desenvolver a motricidade grossa, interiorizar regras, expressar o sentido rítmico, explorar o corpo e complementar a noção de espaço e de tempo” (p. 373).

Quando chegam as educadoras de cada grupo, as crianças vão para as respectivas salas, onde se sentam e conversam um pouco. À segunda-feira falam sobre o fim de semana; nos outros dias da semana é estabelecido um diálogo, de modo a promover a partilha de experiências entre as crianças, fomentando, desta forma, o desenvolvimento verbal, levando-as a comunicar com os colegas e com a educadora. Cumpre-se, portanto, o que vem referido nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997), pois o educador deve ter

A capacidade do educador escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentando o diálogo entre crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar. (p. 66-67)

Por vezes, depois desse momento de diálogo, as educadoras leem um livro. De seguida, os grupos são separados, indo cada um para a sua sala, onde as crianças iniciam as atividades estruturadas.

A meio da manhã, as crianças vão para o recreio e comem umas bolachas, pão ou fruta. De volta à sala, iniciam novas atividades, dependendo sempre das necessidades que apresentam (cansaço, maior ou menor disposição para as propostas da educadora).

As crianças dos grupos de 3 anos dormem a sesta. Durante o recreio, o pessoal não docente do Jardim Escola, coloca os catres, na sala, para que, logo depois do almoço, as crianças possam dormir. Aos 3 anos é muito importante o tempo reservado à sesta. Cordeiro (2010) defende que a sesta “é um direito da criança, nesta idade. Deve ser feita num ambiente calmo” (p. 373). Este ato é essencial para o bem-estar físico psicológico da criança, contribuindo para o seu crescimento saudável. O mesmo autor defende ainda que esta rotina diária deve “estabelecer-se através do treino quotidiano” (p. 289). A sesta é, portanto, um hábito essencial no dia-a-dia das crianças desta faixa-etária.

Na hora da sesta, as crianças têm o hábito de utilizar objetos de pertença, como bonecos de peluche, fraldas de pano e chuchas, objetos estes designados por

“objetos de transição”. Estes objetos transmitem segurança às crianças no momento de dormir. Cordeiro (2010, p. 374) defende que “os objetos de transição (...) são importantes neste momento do adormecer, em que acontece, com mais ênfase, a lembrança dos pais e da casa”, visto que vão auxiliar na criação de “um elo entre os dois universos” (p. 374), a casa e a escola.

Às 12h, as crianças fazem a higiene e vão para a cantina onde lhes é servido o almoço. Durante o período dedicado às refeições, as crianças adquirem hábitos comportamentais éticos e sociais. Vilhena e Silva (2002) referem que o tempo de almoço é um

Tempo precioso de prazer e convívio, os almoços são também tempo de múltiplas aprendizagens em que as crianças vão conquistando uma importante competência – saber estar à mesa de acordo com as regras sociais. Aprender a estar à mesa é um processo longo. Muitas crianças estão habituadas a comer em casa de formas diversas e necessitam de compreender que não está em causa a cultura familiar, mas a necessidade de também saberem estar à mesa de formas socialmente aceites. (pp. 13 e 14)

Por volta das 14h30, as crianças de 3 anos acordam, calçam-se, vão à casa de banho e é-lhes vestido o bibe para irem ao recreio. Quando a sala está pronta, já sem os catres, regressam à sala para realizar mais algumas atividades.

Referindo-me agora às rotinas das crianças de 4 anos, em ambas as escolas, o dia inicia-se com a roda (de crianças e educadoras) e diversas canções.

A propósito da forma de acolhimento a ser feita em Jardim-de-Infância, Cordeiro (2010) defende que o momento de acolhimento não deve ser

(...) demasiado rígido em termos de horários, dado que há crianças que chegam mais cedo, outras mais tarde, em função dos horários dos pais e da distância a percorrer, é mais uma oportunidade de estimular a relação família/escola, e transmitir informação do que se passou e de alguma preocupação dos pais (p. 370).

Depois de saírem da roda, e antes de irem para as salas, as crianças vão à casa de banho, realizar a sua higiene. Dentro da sala, iniciam as actividades. A meio da manhã fazem um pequeno lanche e vão ao recreio, onde brincam livremente. O momento em que as crianças brincam livremente é muito importante para o desenvolvimento social das crianças. Segundo Neto (2001, p. 11), “a necessidade física e o jogo espontâneo nesta fase de desenvolvimento é crucial, se não mesmo decisiva na delimitação de hábitos saudáveis para uma vida ativa”.

Depois do recreio, os grupos regressam à sala, onde continuam com as suas atividades. Por volta das 12h, vão à casa de banho e seguem para a cantina. Depois

do almoço, as crianças vão para o recreio até às 14h30; voltam novamente para a sala, de forma a realizarem mais algumas atividades.

Por último, menciono as rotinas dos grupos de crianças de 5 anos de ambas as escolas. Registo que o dia se inicia, tal como sucede com os outros grupos, na roda. Por volta das 9h30, as crianças vão para a sala, sentam-se nos respetivos lugares e preparam o material necessário para começarem a trabalhar.

Nesta faixa etária, as crianças começam as actividades curriculares com a Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, mais especificamente com o Método de Leitura de João de Deus, usando a *Cartilha Maternal*.

A meio da manhã, os grupos de crianças de 5 anos fazem um pequeno lanche e vão para o recreio brincar. Regressam à sala para realizarem outras atividade, na área da Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática, na Área de Conhecimento do Mundo, Expressão Motora, Cerâmica ou Música.

Por volta das 12h, vão à casa de banho lavar as mãos e depois almoçam. De seguida, vão para o recreio onde podem brincar livremente. Às 14h30 retomam as atividades.

Quanto ao 1.º Ciclo, em ambas as escolas onde estagiei, o acolhimento é feito no ginásio, onde se reúnem todos os alunos, permitindo, desta forma, a socialização entre eles. Este acolhimento é feito de forma lúdica e apelativa: as crianças jogam e cantam em roda, vivendo momentos de alegria e divertimento.

De seguida, as turmas seguem para as respetivas salas, onde iniciam as suas atividades, de acordo com os horários.

A meio da manhã, os alunos fazem um pequeno intervalo, durante o qual comem bolachas, pão ou fruta. Esta pausa é essencial para a continuação de uma boa aprendizagem e um bom desempenho por parte dos alunos. Como refere Cordeiro (2010, p. 372), “se o momento anterior for académico impõem-se agora um de brincadeira pura”. Ao longo do dia, naturalmente, há também momentos reservados à higiene e às refeições.

1.2 Grupo de 4 anos (Alcobaça)

Entre 26 de setembro e 4 de novembro de 2011, estagiei na escola de Alcobaça, junto de um grupo de crianças de 4 anos. O estágio decorria às 2.^{as} feiras, entre as 9h e as 11h, e às 4.^{as} feiras, entre as 9h e as 12h.

1.2.1 Caracterização do Grupo

O grupo de crianças desta sala tem vinte crianças (doze meninas e oito meninos). Apenas duas destas crianças não frequentaram a instituição no ano letivo anterior; as restantes frequentaram a sala dos 3 anos. Treze crianças completaram os 4 anos até Agosto.

Segundo a Educadora do Grupo, onze crianças têm irmãos a frequentar a mesma instituição (dois na creche, um no Jardim-de-Infância e quatro no 1.^o ciclo do Ensino Básico). Estas crianças vivem na cidade de Alcobaça ou arredores e deslocam-se para a escola a pé ou em transporte particular.

Ainda de acordo com informações orais da Educadora, trata-se de um grupo bastante interessado nas atividades propostas. As crianças são animadas e recetivas a novidades. A audição de canções e músicas é muito apreciada pelo grupo. Manifestam, também, muito interesse pela leitura e audição de histórias, assim como pela representação de fantoches e dramatizações. Ao nível da linguagem, exceção feita a duas crianças com algumas dificuldades ao nível da dicção, exprimem-se bem. Apreciam muito as aulas de Expressão Motora.

De uma forma geral, conforme referido pela Educadora, acatam bem as regras da sala de aula, apesar de algumas crianças terem mais dificuldade em cumpri-las. Realizam tarefas por etapas e gostam de ter responsabilidade pelas tarefas propostas pelos adultos. Começaram já a organizar os jogos de grupo, respeitando a sua vez e a dos outros e cumprindo as regras estabelecidas.

1.2.2 Espaço e horário

O Grupo tem aulas no salão, que se encontra no edifício principal, no rés-do-chão. O Salão tem duas janelas grandes.

A sala tem dois armários grandes. Num deles, é guardado o material de apoio e, no outro, os livros da biblioteca escolar. Existem dois armários mais pequenos: um que serve de suporte à Educadora e outro, onde se encontra guardado o material

didático. Como se pode ver na Figura 1, o mobiliário é composto por três mesas com sete bancos cada, o que perfaz 21 bancos. Há um quadro verde para escrever com giz. Na parede, para além de decorações variadas, há ainda um painel maior, onde estão expostos os trabalhos realizados pelas crianças.



Figura 1 - Aspeto da sala do Grupo de 4 anos (Alcobaça)

Como referi atrás, apenas estive com este Grupo às 2.^{as} feiras, entre as 9h e as 11h, e às 4.^{as} feiras, entre as 9h e as 12h, pelo que só pude assistir aos tempos correspondentes a Conhecimento do Mundo, a Iniciação à Matemática (Palhinhas e Materiais Alternativos) e a Expressão Físico-Motora. No entanto, e como nem sempre este horário era cumprido rigidamente, pude assistir a outras atividades.

Quadro 2 – Horário de estágio no Grupo de 4 anos (Alcobaça)

Horas	2. ^a feira	4. ^a feira
9h/9:30h	Canções de Roda / Jogos de Movimento	
9:30h/10h	Diálogo com as crianças sobre o fim de semana	Iniciação à Matemática: Palhinhas/ Materiais alternativos
10h/10:30h	Conhecimento do Mundo	Expressão Físico-Motora
10:30h/11h	Intervalo/Tempo de Jogos	
11h/11:45h	_____	Atividade relacionada com o tema anterior.

1.2.3 Relatos diários

4.ª feira, 28 de setembro de 2011

Com as crianças sentadas no chão, a Educadora deu uma aula de Estimulação à Leitura, com a história *Os ovos misteriosos*, de Luísa Ducla Soares. Começou por ler a história, mostrando as imagens do livro. Após, falou com as crianças sobre os animais que são personagens neste conto (galinha, papagaio, serpente, avestruz, crocodilo e pinto) e sobre as famílias que têm filhos adotivos.

Fundamentação teórica/ Inferências

A leitura é fundamental para a aprendizagem das crianças. Cabe, por isso, ao educador iniciar este longo caminho de estimulação à leitura, criando espaços adequados na sala de aula para contar histórias, com silêncio, luminosidade e conforto, selecionando os livros que irá ler às crianças, e reservando tempo para todos os dias poder ler, contar e também deixar que as crianças brinquem, manipulem livremente os livros, enquanto o educador pode ir também vendo os livros. Aliás, o educador deve cultivar diariamente este hábito, servindo de modelo, lendo bastante para as crianças, com técnicas de leitura sedutora.

A criança deve ouvir diariamente contos e manipular livros, tal como refere Magalhães (2008): “o Educador precisa de induzir hábitos de leitura, pondo o aluno quotidianamente, em contacto com o livro e com outros suportes” (p. 62). Se, diariamente, as crianças tiverem o hábito de se sentar a ouvir histórias, mais treinada estará a sua concentração, pois, como refere a mesma autora, “quanto mais tempo [as crianças] passam a escutar histórias, mais favorecido é o treino da concentração” (p. 63).

Tal como é referido por Magalhães (2008), é de extrema importância que o educador faça uma boa seleção das histórias a ler: “em termos de introdução à narrativa, a utilização do conto literário escrito propositadamente para a infância assume-se como prioridade no jardim-de-infância e não deveria esperar, em circunstância alguma, pela aprendizagem formal da leitura” (p. 63). Luísa Ducla Soares é uma das escritoras portuguesas que é já um “clássico da literatura infantil portuguesa” (p. 71). Com uma obra vasta, mais de uma centena de livros neste domínio, Luísa Ducla Soares escreve poesia, prosa, texto dramático, adaptações e recontos de textos da tradição oral (rimas, contos), etc. Os valores, a linguagem e

ilustrações utilizadas nas suas obras cativam e prendem as crianças, levando-as a voarem pelo mundo imaginário.

Os ovos *misteriosos* têm por intriga uma galinha que, de repente, se apercebe que tem mais ovos no ninho do que os tinha posto. Todos estes ovos são de animais diferentes, os quais ela acarinha e os acolhe como se fossem filhos dela. É, portanto, um conto que propicia falar de, entre outras coisas, a maternidade afectiva, etc. A Educadora, que contou bem a história (de forma calma, mostrando o livro) soube retirar dela o fundamental ao discutir com as crianças o tema da família.

6.ª feira, 30 de setembro de 2011

As crianças trouxeram brinquedos de casa e a Educadora aproveitou para conversar com eles sobre o que cada um tinha trazido e que significava para eles. Embora tivesse planeado, como o horário indica, trabalhar a Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática, não tinha disponível o 4.º Dom de Froebel, pelo que optou por aquela atividade.

Fundamentação teórica/ Inferências

A Educadora soube improvisar, quando reparou que não tinha disponível o material que necessitava. Fê-lo, sem que as crianças dessem por isso, pois, aproveitando o facto de estas terem trazido os brinquedos de casa, passou para outra grande área do conhecimento – Área da Expressão e Comunicação.

A docente soube envolver as crianças interagindo com estas e estimular o diálogo. Como refere Sim-Sim (2008)

A interação diária com o educador de infância é uma fonte inesgotável de estímulos para a criança. É muito importante que o educador tenha consciência de que é um modelo, de que há muitas palavras que são ouvidas pela primeira vez ditas pelo educador, que há regras de estrutura e uso da língua que são sedimentadas na sala de jardim-de-infância. Nesse sentido, é importante que a atitude conversacional/ adulto criança se pautem por parâmetros que facilitem o processo de desenvolvimento da linguagem. As crianças precisam de oportunidades para conversar, o que requer tempo e espaço por parte do adulto para a ouvir e falar com ela. (p. 27)

É importante que o educador proporcione situações que levem as crianças a falar e a distinguir, como mencionam as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997, p. 56), “entre o real e o imaginário e

forneça suportes que permitam desenvolver a imaginação criadora como procura e descoberta de soluções e exploração de diferentes ‘mundos’”.

2.ª feira, 3 de outubro de 2011

Sentados em semicírculo a educadora conversou com as crianças sobre o que tinham feito no fim de semana. Depois, as crianças foram para as mesas e a Educadora distribuiu uma caixa de Blocos Lógicos, uma linha de fronteira grande e uma linha de fronteira pequena por cada criança. Colocou a linha de fronteira grande no centro da mesa, e dentro desta colocou os Blocos Lógicos, a fim de dar a teoria de conjuntos. Trabalharam as formas geométricas, a linha de fronteira, o conjunto universal, conjunto vazio e conjunto singular.

Fundamentação teórica

Como material de auxílio para trabalhar a teoria de conjuntos a Educadora recorreu aos Blocos Lógicos. Este é um material estruturado, constituído por várias peças. Cada uma destas peças tem 4 atributos diferentes – a cor, a forma, a espessura e o tamanho. Saraiva (2003) refere que os Blocos Lógicos,

(...) são constituídos por 48 peças, que se distribuem em quatro figuras geométricas: círculo, quadrado, retângulo e triângulo. Estas peças possuem dois tamanhos e em cada um deles: 2 espessuras (fina e grossa) e 3 cores (vermelho, azul e amarelo). (pág. 148)

Damas et al. (2010, p. 13) defendem a importância do uso destas peças, que permitem “a realização de atividades aliciantes e diversificadas que ajudam a construir conceitos de lógica indispensáveis à compreensão de noções básicas e fundamentais”.

É referido por Caldeira (2009, p. 382) que na matemática é designado por conjunto, uma coleção de objetos da mesma natureza. Esta autora acrescenta: “A qualquer número de elementos de uma determinada espécie dá-se o nome de conjunto. Esses elementos podem ser em número finito ou infinito”.

2.ª feira, 10 de outubro de 2011

A Educadora distribuiu por cada criança um fio grosso para fazerem a fronteira de um conjunto. No centro de cada mesa colocou um círculo de fio maior do que os que distribuiu individualmente, e dentro desse círculo colocou Blocos Lógicos. Foi

revidendo com as crianças o conjunto universal, vazio e singular. De seguida, explicou-lhes o que é um retângulo, pois algumas crianças não o conseguiam identificar. Pediu às crianças que tirassem um retângulo do conjunto universal e o colocassem dentro da linha de fronteira que tinham. As crianças identificaram o seu conjunto como conjunto singular. Cada uma identificou a peça que tirou para o seu conjunto e disse as características do retângulo (forma, cor, tamanho e espessura). Ensinou-lhes a canção: “Eu sou o retângulo,/ cresci mais de um lado,/ para fazer inveja/ ao Sr. Quadrado.” A Educadora desenhou, no quadro, vários conjuntos (vazio, singular, universal). Ensinou-lhes que há conjuntos maiores e conjuntos menores.

Fundamentação teórica/ Inferências

Mendes e Delgado (2008, p. 10) referem que “Observar e manipular formas geométricas contribui para o desenvolvimento da capacidade de reconhecimento dessas formas”.

A Educadora trabalhou muito bem esta matéria com as crianças. Seguiu uma explicação precisa sobre os conjuntos, visto que, como nos informa Caldeira (2009, pp. 320-321), “Ao conjunto que nos serve de base (conjunto das peças) para formarmos outros conjuntos chamamos conjunto universo (...) Um conjunto com um único elemento, designa-se por conjunto singular. (...) Um conjunto que não tem qualquer elemento designa-se por conjunto vazio”.

Pacientemente, quando se apercebeu que as crianças não identificavam o retângulo, explicou-lhes que este tem 4 lados, iguais dois a dois, tem 6 faces e 4 lados. Sobretudo, soube introduzir o assunto de uma forma acessível, ao dizer-lhes que o retângulo era idêntico ao quadrado mas que crescera um pouco mais que este.

Após essa explicação, ensinou-lhes uma canção. Ora, sabendo que este Grupo aprecia a audição de canções e músicas, foi ao encontro dos gostos das crianças, fechando este tema com uma canção. Segundo Aguera (2008),

A rima e o ritmo estão totalmente vinculados ao processo psico-evolutivo da infância. Os pequenos poemas, as canções, as lengalengas, etc. têm, pois, um enorme valor significativo do qual deveríamos tirar partido se queremos uma educação criativa, que tenha como ponto de partida os interesses dos mais pequenos. (p.23)

4.ª feira, 12 de outubro de 2011

A Educadora apresentou o tema de vida “Animais da quinta – O porco”. Começou por fazer uma breve revisão do que tinham falado na última aula (sobre a vaca). Perguntou qual o nome do companheiro da vaca, dos filhotes, o que comia, onde ‘moram’, quais as características da vaca e qual a sua utilidade para o Homem. De seguida, iniciou o tema “O porco”. Primeiro, contou uma história sobre os porquinhos; depois, foi perguntando se alguém sabia como é que se chamava a companheira do porco, os seus filhotes, etc., e foi explicando às crianças as características do porco, o que comia, a sua utilidade para o Homem, etc. Foi-lhes mostrando imagens e bonecos onde havia um porco, uma porca e leitões.

Na aula de Expressão Motora, as crianças, após o aquecimento, fizeram alguns exercícios e um jogo com as bolas. Terminaram deitados no chão, de olhos fechados, a imaginar que estavam a ouvir o som do mar, das gaivotas...

Fundamentação teórica/ Inferências

As crianças foram para a aula de Expressão Motora muito entusiasmadas. É uma prática que as deixa muito contentes.

Não posso deixar de salientar a importância desta atividade, uma vez que, de acordo com Rabinovich (2007):

A Educação Física ocupa lugar importante entre as diferentes atividades inovadoras propostas às crianças da Educação Infantil, pois, atualmente, tais práticas possibilitam o desenvolvimento da cultura corporal, oferecendo oportunidades variadas, tais como: autonomia, segurança, domínio corporal e respeito às singularidades de cada criança. (p. 27)

2.ª feira, 17 de outubro de 2011

A Educadora mostrou-lhes uma apresentação em *PowerPoint* com todos os animais da quinta. Relembrou as suas características, alimentação, utilidade para o Homem, etc.

Fundamentação teórica/ Inferências

Os animais da quinta são conhecidos por todas as crianças deste Grupo. Vivem numa pequena cidade rodeada por zonas rurais, o que lhes desperta a curiosidade em saber mais sobre estes animais. Martins (2009) refere:

(...) os animais e as plantas fazem parte do dia-a-dia das crianças através de um contacto mais ou menos direto, quer seja em casa, no Jardim-de-Infância ou que observem em visitas ao Jardim Zoológico, quintas ou quando fazem um piquenique. (p. 79)

Já na aula do dia 12 de Outubro, tinha podido verificar que a Educadora faz constantes passagens de um tema ao outro, relembando os temas dados anteriormente e pedindo a colaboração das crianças. Mais uma vez, pude constatar a sua preocupação em consolidar as matérias.

4.ª feira, 19 de outubro de 2011

A aula foi sobre a audição. Depois de falar sobre para que serve a audição, a Educadora fez com as crianças um jogo, usando cd com sons de animais da quinta e bonecos representativos de vários animais da quinta. As crianças ouviam o som, identificavam-no, e iam buscar o animal correspondente ao som.

Na aula de Expressão Motora, as crianças fizeram aquecimento, correram, depois fizeram um circuito, com 5 estações. Na primeira, tinham que saltar 2 vezes à volta do pino; na segunda, saltar ao pé-coxinho, uma vez, à volta do pino; depois, na terceira, tinham de saltar para dentro de um arco; nas outras duas estações, tinham de passar a rastejar por baixo de uma ponte.

Fundamentação teórica/ Inferências

Ao realizar a atividade da audição dos sons de animais a Educadora conseguiu captar a atenção das crianças. O tema da audição está incluído no tema dos sentidos, e vem descrito nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997) que

A Área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Curiosidade que é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo. (p. 79)

2.ª feira, 24 de outubro de 2011

Hoje a Educadora usou os Blocos Lógicos. As crianças fizeram um jogo. A Educadora colocou as várias peças dos Blocos Lógicos dentro de uma saquinha de pano e as crianças, recorrendo ao tato, pegavam numa peça e, sem a ver, diziam as

características desta. De seguida, fizeram sequências com as peças dos Blocos Lógicos, a Educadora ia utilizando o quadro para explicar.

Fundamentação teórica

A manipulação dos Blocos Lógicos são um estímulo importante para o reconhecimento de formas e o raciocínio lógico. Nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997, p. 76) vem referido que existem “materiais utilizados na educação pré-escolar que permitem desenvolver noções matemáticas, (...) com a lógica, como os Blocos Lógicos”.

Os Blocos Lógicos são um material que desperta a curiosidade das crianças e, se bem utilizado pelo Educador, pode ser uma ferramenta facilitadora da assimilação de conceitos como a classificação, seriação, correspondência, sequências, etc.

4.ª feira, 26 de outubro de 2011

Hoje a Educadora abordou o tema dos animais selvagens. Ia mostrando imagens e algumas miniaturas de cada um dos animais às crianças e ia revendo as características de cada um deles. As crianças observaram e identificaram as diferenças entre o leão e a leoa. No final, cantaram a canção: “Tinha olhos de leão...”.

Fundamentação teórica/ Inferências

As imagens utilizadas pela Educadora eram bem grandes e apelativas, o que permitiu que fossem vistas por todas as crianças. Spodeck e Saracho (1998, p. 335) salientam que as imagens apresentadas às crianças devem “ser grandes o suficiente para puderem ser vistas por um grupo de crianças, e não devem conter um excesso de detalhes, para que elas possam se concentrar no que é importante”.

Tal como já tinha tido oportunidade de verificar noutras aulas, a Educadora recorreu à Expressão Musical para auxiliar as crianças a consolidar os temas que vai dando.

2.ª feira, 31 de outubro de 2011

As crianças sentaram-se nos lugares e a Educadora distribuiu por cada mesa o Cuisenaire. Pediu que fizessem a escada até à cor amarela. Todos os meninos a

fizeram sem dificuldades. Depois, a Educadora solicitou, individualmente, que a lessem por ordem crescente e por cores, por valores e por ordem decrescente. Distribuiu uma saquinha por cada criança, pediu que colocassem a escada dentro da saca e que segurassem a saca por baixo da mesa. A Educadora perguntou a uma menina qual era a peça que queria que os colegas tirassem da saquinha. Esta menina pediu que tirassem a peça amarela que vale 5 valores. As crianças, recorrendo ao tato, tiraram de dentro da saca a peça pretendida. Depois, outros meninos foram pedindo outras peças. De seguida brincaram livremente com o material.

Fundamentação teórica

O Cuisenaire é um material constituído por várias peças de pequenas dimensões, de madeira ou plástico, as peças têm tamanhos e cores diferentes, cada cor corresponde ao valor de cada peça.

Caldeira (2009) afirma que, “para além do desenvolvimento da lógica matemática, o material Cuisenaire possui um considerável valor na educação sensorial. As peças são feitas de um material de fácil manipulação e diferentes cores, de forma a estimular a criatividade e a experimentação” (p. 126). Alsina (2004, citada por Caldeira, 2009) refere:

As barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para aquisição progressiva das competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental... para introduzir e praticar as operações aritméticas (p. 126).

4.ª feira, 2 de novembro de 2011

Hoje, juntaram-se no salão todas as crianças dos grupos da Educação Pré-Escolar, e fizeram merendeiras. As crianças ajudaram a colocar os ingredientes no alguidar, amassaram e fizeram as bolinhas para irem ao forno.

Fundamentação teórica/ Inferências

As crianças estavam ansiosas para poder fazer as merendeiras. Via-se a alegria destas, enquanto ajudavam. Acho que é muito importante que a escola não deixe passar esta tradição de fazer as merendeiras para o lanche das crianças, bem como outras tradições, pois estes momentos evidenciam as tradições culturais da nossa sociedade.

Balancho & Coelho (1996) referem: “as tradições fazem parte da nossa identidade cultural” (p. 93); daí a importância de, na escola, serem reservados momentos que as enalteçam, de forma a podermos preservá-las, evitando a sua extinção, uma vez que “o reavivar de tradições liga o presente ao passado, mantendo vivos hábitos e costumes que se vão perdendo com o tempo (p. 90).

1.3 Grupo de 3 anos (Lisboa)

Entre 26 de setembro e 4 de novembro de 2011, estagiei na escola de Lisboa, junto de um grupo de crianças de 3 anos (Grupo A). O estágio decorria às 6.^{as} feiras, entre as 9h e as 17h.

1.3.1 Caracterização do Grupo

O Grupo A é composto por 28 crianças, dezassete do género masculino e onze do feminino. Todas estas crianças completaram os 3 anos de idade até 31 de dezembro de 2011.

De acordo com a Educadora do Grupo, as crianças estão bem integradas na dinâmica da escola e demonstram motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.3.2 Espaço e horário

A sala é partilhada pelos dois Grupos dos 3 anos. A divisão do espaço ocupado por cada um dos grupos é delimitada por um armário.

O espaço ocupado pelo Grupo A tem duas áreas distintas: uma ocupada com 5 mesas retangulares e uma outra, perto das janelas, que tem um grande tapete. Esta última área é utilizada em momentos de Estimulação à Leitura e para aulas de Conhecimento do Mundo. Existem alguns armários e uma estante com livros perto do ‘cantinho da leitura’.

Nas paredes da sala, estão expostos os trabalhos elaborados pelas crianças, o quadro dos aniversários, o quadro das presenças, o quadro dos ‘chefes’ e os cabides (com a identificação de cada uma das crianças).

Como só estive com este grupo à 6.^a feira, entre as 9h e as 17h, só assisti aos tempos correspondentes a este dia, cujo horário passo a transcrever, no Quadro 3, na página seguinte.

Quadro 3 – Horário de estágio no Grupo de 3 anos (Lisboa)

Horas	6.ª feira
9h/9:30h	Acolhimento / Canções de roda
9:30h/10h	Área de projeto: estimulação à leitura
10h/10:30h	Iniciação à matemática
10:30h/11h	Ed. do movimento
11h/11:30h	Recreio
11:30h/12h	Higiene / preparação para o almoço
12h/12:30h	Almoço
12:30h/14:30h	Sesta
14:30h/15h	Higiene /preparação para a sala
15h/16h	Atividades de arte plástica; desenvolvimento da motricidade fina; jogos orientados; estimulação à leitura; aulas orientadas
16h/16:20h	Higiene
16:20h/17h	Lanche /saída

1.3.3 Relatos diários

6.ª feira, 7 de outubro de 2011

A Educadora começou por ler às crianças o livro *Perdido e Achado* – uma história sobre a amizade e saudade entre um pinguim e um menino. De seguida, deu uma aula de Conhecimento do Mundo, sobre o corpo humano. Tinha uma menina e um menino desenhados em cartolina plastificada e dividida por partes (cabeça, tronco membros superiores e inferiores).

No período da tarde, a Educadora deu-lhes uma atividade onde teriam que colar os olhos, nariz e boca.

Posteriormente, pediu-me ajuda para a avaliação diagnóstica. Andei nos lugares a trabalhar com cada criança, individualmente, com o auxílio de uns carrinhos para avaliar a estruturação espacial (tinham de me dizer frente, atrás, ao lado, em cima e em baixo), e eu ia marcando nas folhas o que eles respondiam.

Fundamentação teórica/ Inferências

Ao ler-lhes o livro, a Educadora conseguiu prender-lhes a atenção, não só pela história, que era muito interessante, mas acima de tudo pelas inflexões de voz e expressões que ia fazendo, enquanto lhes lia a história. Jensen (2002, p. 83) refere que “uma mudança na tonalidade de voz, ritmo, volume ou sotaque podem prender a atenção”.

Para avaliar o conhecimento das crianças sobre a estruturação espacial, a Educadora deu-me carrinhos de várias cores, o que facilitou a compreensão das crianças em relação ao que lhes era pedido. As *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministérios da Educação, 2007, p. 76) salientam que a “experimentação de situações de deslocação no espaço, (...) de objetos, a verbalização dessas ações e a sua representação gestual ou gráfica são modos de realizar e de sistematizar aprendizagens matemáticas”. Zabalza (1998a, p. 16) refere que “a capacidade de avaliar processos capacita, além disso, o professor(a) de mecanismos necessários para ser realmente construtor do seu trabalho e sentir-se protagonista do mesmo e do seu aperfeiçoamento”.

6.ª feira, 14 de outubro de 2011

Quando chegámos à sala, a Educadora solicitou a uma colega de estágio que desse uma aula de estimulação à leitura. A colega leu a história *O Pequeno Azul e o Pequeno Amarelo*. A Educadora deu-lhe uns pompons azuis, amarelos e verdes, que a colega distribuiu por cada criança e, enquanto ia lendo a história, pedia que quem tivesse o pompom da cor que ela ia dizendo o fosse levantando e abanando. Este livro falava na família e na amizade.

A Educadora aproveitou o que foi contado na história (que quando o pequeno azul e o pequeno amarelo se abraçaram ficaram verdes) e pediu-nos ajuda para que, com as tintas amarelas e azuis, misturássemos as cores à frente das crianças para que estas vissem como a junção destas 2 cores se fazia o verde.

Fundamentação teórica/ Inferências

Foi interessante assistir à forma como a Educadora aproveitou a história contada pela colega para mostrar às crianças, através de uma atividade prática, como é que se faz a cor verde.

É sustentado por Hohmann & Weikart (2004, p. 5) que a aprendizagem pela ação é um dos princípios básicos do currículo Pré-Escolar, pois desta forma é permitido às crianças “viver experiências diretas e imediatas e retirar delas significado através da reflexão – as crianças pequenas constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo”.

6.ª feira, 21 de outubro de 2011

Às 9h, chegaram as Supervisoras da Prática Pedagógica e às 9h30 chamaram-nos para assistirmos a uma aula “surpresa” que iria decorrer na sala do Grupo dos 4 anos. Quando chegámos, a colega estava a receber da Supervisora um livro: *O Rato Torto*. Leu-o durante um tempo em silêncio e, de seguida, foi espalhando as borrachinhas no chão, em semicírculo, e chamando as crianças para se sentarem. Depois, apagou as luzes, sentou-se, acendeu uma vela, e disse às crianças que, para lhes poder contar a história, teriam que ir para o castelo das histórias. Levantaram-se todos e foram fazendo o que a colega mandava, até chegarem ao castelo. Andaram, correram, subiram montanhas, andaram a cavalo, escalaram as paredes do castelo, chegaram, sentaram-se em silêncio, a ouvir a história. Ao longo da história, as crianças iam interagindo com a minha colega. No final, a colega fez-lhes perguntas sobre o livro. Depois, fez o caminho inverso até “voltarem à escola”, e cantaram a canção: “O Coelho Alberto”.

A seguir, tivemos reunião com as coordenadoras.

De tarde, a Educadora fez um trabalho com as crianças sobre a árvore. Contei-lhes uma história: “A Joanhinha resmungona”.

Fundamentação teórica/ Inferências

As aulas “surpresa” têm como objetivo avaliar a capacidade dos estagiários, perante determinado conteúdo não programado, lecionarem e se adaptarem a condições imprevistas. A verdade é que, de certa forma, ajudam-nos a preparar para qualquer imprevisto.

Zeichner (1993, p. 14) defende que a toda esta prática ajuda a “preparar os futuros professores para serem agentes ativos do seu próprio desenvolvimento profissional”.

Depois das aulas “surpresa”, a equipa de Supervisão e os estagiários reúnem-se, para se fazer uma breve reflexão, por parte dos estagiários, e uma avaliação por

parte da equipa de Supervisão. Esta reunião é essencial, pois permite-nos refletir e fazer uma autoavaliação do nosso desempenho, o que permite que possamos melhorar a nossa prática. A reflexão e os comentários sobre o que sucedeu durante o desenrolar da aula, sobre o que correu melhor e o que correu menos bem vão permitir ao aluno estagiário aprimorar a sua postura, os seus métodos e conhecimentos.

Estanqueiro (2010) refere que “Uma boa prática pedagógica é ajudar os alunos a fazer uma autoavaliação rigorosa do seu desempenho e a tomar consciência dos vários fatores que influenciam os seus resultados” (p. 97). O mesmo autor defende que “quem sabe o que errou e porque errou, poderá mais facilmente corrigir-se e aperfeiçoar-se” (p. 98).

6.ª feira, 28 de outubro de 2011

Tive aula “surpresa”, na área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, solicitada pela Educadora titular. Sentei as crianças em “U”, no tapete, cantámos a música do Dragão. Disse-lhes que o dragão estava sentado com as “pernas à chinês”; para ouvir a história que ia contar, pedi-lhes que se sentassem do mesmo modo e ficassem com atenção. Envolvi-os em magia, fingindo atirar uns pozinhos mágicos, com os quais ficaríamos dentro de uma bola de sabão gigante, e comecei a ler o livro *Mais uma ovelha?* Durante a leitura solicitei que me ajudassem a fazer o som do vento, o uivo do lobo, o berro das ovelhas. Pedi-lhes que ajudassem o Gaspar a contar as ovelhas, e que adormecessem como o Gaspar. No final, falámos sobre a história. As crianças disseram quantas ovelhas tinha o Gaspar, que o lobo se tinha vestido de ovelha para entrar dentro da casa do Gaspar. Falaram sobre a forma como Gaspar tratava as ovelhas e as vestia e aconchegava para dormir.

De seguida, as crianças foram para a aula de cerâmica, onde trabalharam com o barro livremente.

Na aula de ginástica jogaram “coelho à toca”, brincaram de coelhinhos.

Fundamentação teórica/ Inferências

Foi a minha primeira aula “surpresa”. Embora tivesse sido solicitada pela Educadora e não pelas Supervisoras da Prática Pedagógica, senti-me nervosa, mas, pouco depois de ter iniciado a aula, comecei a sentir-me mais segura e gostei muito de a ter dado.

Na verdade, é quando nos deparamos com situações inesperadas, que nos podem causar incómodo e stress, que conseguimos desenvolver estruturas que nos permitem ultrapassar medos, criando desta forma resiliência. Garmezy e Masten (1991, citado em Canavarro, 2007, p. 17) definem resiliência como “o processo de, ou capacidade para, ou o resultado da adaptação apesar de circunstâncias adversas”.

6.ª feira, 4 de novembro de 2011

Começou o dia com aula de música. De seguida, a Educadora “entregou-me” o Grupo, para que eu iniciasse a minha aula programada de Conhecimento do Mundo e de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática. Como as crianças estavam já há algum tempo sentadas, pedi-lhes que se levantassem e fizemos um pouco de expressão corporal.

Sentei-os em “U”, para que todos tivessem a mesma perspetiva do que eu ia mostrando. Iniciei com a aula de Conhecimento do Mundo, com o tema “A família”. Perguntei-lhes quem eram as pessoas mais importantes para eles, ao que as crianças foram respondendo que era o pai, a mãe. Aproveitei as respostas para lhes dizer que as pessoas mais importantes eram a nossa família. Fui-lhes mostrando uns bonecos de plástico, que tinha levado comigo e que representavam a família, aos quais eles foram dando nomes. Depois, fui distribuindo acessórios (chapéus, bengala, bigodes...) às crianças e formámos uma família, da qual fizemos um retrato. A mãe tinha uma barriga (almofada que eu entregara). Após estar toda a família caracterizada, a mãe saiu e voltou sem barriga e com um bebé (boneco que eu tinha levado) ao colo. À pergunta se a família tinha ficado maior ou mais pequena, todos responderam que tinha ficado maior.

No Domínio da Matemática abordei cores e tamanhos. As crianças sentaram-se novamente e comecei por lhes mostrar uma folha de goma eva encarnada. Perguntei-lhes se sabiam o que era, que cor era aquela e se era grande ou pequena. De seguida, fui desdobrando a folha. As crianças responderam que tinha 6 folhas: amarela, encarnada, cor de laranja, verde, azul e roxa. Ao meu lado, tinha uma cesta de verga cheia de palha, onde tinha dezoito galinhas (feitas em goma eva), 3 de cada uma das cores anteriores, e cada uma com tamanhos diferentes (grande, média e pequena). Comecei por lhe contar que, de manhã, antes de ir para a escola, tinha ido dar comida às galinhas, e que estas tinham-me fugido todas, mas andava uma raposa perto do galinheiro e eu tinha receio que esta apanhasse as minhas galinhas, iria precisar de ajuda. Então, o tapete (a folha eva) que fui desdobrando representava o

galinheiro e tinha 6 cores diferentes, porque eu tinha seis famílias de galinhas. Cada família teria que ser guardada no galinheiro correspondente. Fui solicitando a ajuda das crianças, que me iam dizendo as cores, e os tamanhos das galinhas que iam arrumando. No final, pedi que tapassem os olhos e coloquei ovos no cesto. Eram ovos de maçapão. Disse-lhes que era uma oferta das nossas galinhas, por eles as terem ajudado a ir para as respectivas capoeiras sem que a raposa lhes fizesse mal. Enquanto distribuí os ovos, fomos cantando: “doidas, doidas, doidas andam as galinhas”.

No período da tarde, distribuí uma proposta de trabalho, onde tinham uma galinha e um pinto, e na qual as crianças tinham que identificar qual o maior, e pintá-lo de encarnado, qual o mais pequeno, e pintá-lo de amarelo.

Fundamentação teórica/ Inferências

A aula de música foi muito dinâmica e divertida. O Professor, que faz sempre um excelente trabalho com as crianças, contou uma história sobre o Pai natal e, ao longo da história, conforme as palavras que ia usando, cantava as músicas que pretendia com as crianças, o que as deixou muito entusiasmadas. Na Educação Pré-Escolar, a Expressão Musical assume um papel muito importante: Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997),

A expressão musical assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir, com base num trabalho sobre os diversos aspetos que caracterizam os sons: intensidade (fortes e fracos), a altura (graves e agudos), timbre (modo de produção), duração (sons longos e curtos), chegando depois à audição interior, ou seja, a capacidade de reproduzir mentalmente fragmentos sonoros (p. 63-64).

O tema que tive oportunidade de abordar – a família - é muito importante para crianças desta idade, pois todas as crianças têm uma família. Catita (2007) refere:

O sentimento de pertença ou identificação ao grupo ou à família, por parte da criança, é também um fator importante de sociabilização, porque projeta esse sentimento a outros mais abrangentes que se seguem na vida da criança, como os colegas, os educadores do jardim-de-infância, os amigos da rua, etc.

Este tema, “A Família”, deverá ser o primeiro a ser abordado no jardim-de-infância uma vez que, na maioria dos casos, este é o único espaço social que as crianças conhecem e já viveram intensamente antes de aí chegarem (p. 20).

1.4 Grupo de 3 anos (Alcobaça)

Entre 7 de novembro e 16 de dezembro de 2011, estagiei na escola de Alcobaça, junto de um grupo de crianças de 3 anos. O estágio decorria às 2.^{as} feiras, entre as 9h e as 11h, e às 4.^{as} feiras, entre as 9h e as 12h.

1.4.1 Caracterização do Grupo

Este Grupo de crianças de 3 anos é constituído por quinze alunos (seis meninas e nove meninos). É um grupo homogéneo em termos de idade: todas as crianças completam 3 anos até dezembro de 2011.

De acordo com informação oral da Educadora titular, uma destas crianças frequenta esta escola pela primeira vez; as restantes já frequentavam a instituição no ano anterior. As crianças residem na cidade ou em localidades próximas e deslocam-se para a escola a pé ou de transporte particular. Não são oriundas de famílias numerosas: oito são filhos únicos, seis têm um irmão e apenas uma destas crianças têm dois irmãos. As crianças do Grupo são animadas e recetivas a novidades. Manifestam gosto pela leitura de imagens e audição de histórias (com ou sem fantoches), pela audição de canções e músicas.

1.4.2 Espaço e horário

O espaço reservado ao Grupo situa-se no rés-do-chão. A sala é ampla, encontra-se dividida em dois espaços: num, têm um tapete grande, onde as crianças se sentam a brincar, a ouvir histórias ou para qualquer atividade que a Educadora pretenda; noutro, têm mesas e cadeiras para a realização de actividades (v. Figura 2).



Figura 2 - Aspeto da sala do Grupo de 3 anos (Alcobaça)

Apenas estive com este Grupo às 2.^{as} feiras, entre as 9h e as 11h, e às 4.^{as} feiras, entre as 9h e as 12h, pelo que só pude assistir aos tempos correspondentes às áreas assinaladas no Quadro 4. Também assisti à Área de Conhecimento do Mundo, pois a Educadora alterou o seu horário para que eu pudesse assistir a algumas destas aulas.

Quadro 4 – Horário de estágio no Grupo de 3 anos (Alcobaça)

Horas	2. ^a feira	4. ^a feira
9h/9:30h	Acolhimento das crianças (rodas e canções)	
9:30h/10:45h	Diálogo sobre o fim de semana Iniciação à Matemática (I Dom de Froebel /Contagem com palhinhas / Materiais alternativos	Jogos de Mímica Iniciação à Matemática (III Dom de Froebel / Estruturação espacial / Noções de grandeza)
10:45h/11:15h	Recreio Orientado / Livre	
11:15h/11:45h	Expressão plástica /trabalhos manuais / Grafismo / Ditado gráfico	Expressão Plástica / Trabalhos manuais / Grafismo / Ditado Gráfico
11:45h/12h	Preparação para o almoço /hábitos de higiene	

1.4.3 Relatos diários

2.^a feira, 7 de novembro de 2011

A Educadora sentou as crianças em “U”, no chão, e deu aula de Conhecimento do Mundo, sobre a higiene corporal. Iniciou com uma história sobre o Sr. Piolho, colando imagens no flanelógrafo. Depois, com o auxílio de outras imagens, foi falando sobre a higiene corporal e a sua importância.

Fundamentação teórica/ Inferências

A Educadora conseguiu prender a atenção das crianças para o tema com a história que contou.

Albuquerque (2000, p. 17) refere que a criança, ao ouvir uma história, “vai aprender uma série de mecanismos conscientes que o impelem a revê-los, rearranjá-los e a fantasiar sobre eles, de modo a permitir-lhe encontrar respostas para os seus problemas individuais”.

4.ª feira, 9 de novembro de 2011

Com as crianças sentadas em semicírculo, a Educadora deu uma aula com 1.º Dom de Froebel. Com bonecas de várias cores, contou uma história sobre uma festa surpresa, com o auxílio de balões das mesmas cores. Por fim, pegou na caixa do 1.º Dom e deu a aula interligada com a história que tinha contado.

Fundamentação teórica/ Inferências

Para lecionar o Domínio da Matemática a Educadora utilizou o material denominado 1.º Dom de Froebel.

Caldeira (2009) descreve o 1.º Dom de Froebel como um material, “composto por seis pequenas bolas de pingue-pongue revestidas de lã, com ponto crochet, nas seguintes cores: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. Estas bolas estão dentro de uma caixa de madeira com a forma de um paralelepípedo” (p. 243). Este material é utilizado nesta faixa etária para trabalhar essencialmente as cores e a lateralidade.

A aula foi dinâmica e divertida. Damas (2010, p. 7) defende que, “ao desenvolverem atividades dinâmicas, como se de um jogo se tratasse, os alunos nem se apercebem de que estão a adquirir conhecimentos” e foi o que aconteceu hoje.

2.ª feira, 14 de novembro de 2011

Com as crianças sentadas, a Educadora, reviu o algarismo 1 (quanto vale e como se representa). Realizou um jogo, onde fez ligação com os sentidos: tato, audição e visão. O jogo consistia em colocar todos os algarismos dentro de uma saquinha e ir chamando as crianças que, com o sentido do tato, tinham que retirar de dentro da saca o algarismo 1, com a audição ouviam se os colegas batiam palmas, pois, sempre que a criança pegava no algarismo 1, os colegas batiam as palmas, depois destapavam os olhos, e com o sentido da visão diziam a cor do algarismo.

Fundamentação teórica/ Inferências

As crianças gostam muito quando lhes é solicitada a realização de um jogo no decorrer na aula. Este jogo era muito apelativo e interessante, uma vez que ligava duas áreas, o Domínio da Matemática e do Conhecimento do Mundo. Borges (1987) refere a importância das atividades lúdicas na Educação Pré-Escolar:

A educação pré-escolar, visa à criação de condições para satisfazer as necessidades básicas da criança, oferecendo-lhe um clima de bem-estar físico, afetivo-social e intelectual, mediante a proposição de atividades lúdicas, que promovam a curiosidade e a espontaneidade, estimulando novas descobertas e o estabelecimento de novas relações, a partir do que já se conhece. (p.17)

4.ª feira, 16 de novembro de 2011

Hoje a Educadora de uma aula sobre a higiene oral, a sua importância na prevenção de cáries e na saúde oral. Levou uma maquete dos dentes, uma escova gigante e explicou-lhes como se deve lavar os dentes.

Fundamentação teórica/ Inferências

A Educadora lecionou este tema de uma forma dinâmica e prática. Todas as crianças tiveram oportunidade de mostrar como lavavam os dentes e a Educadora teve oportunidade de os ir corrigindo.

Segundo Cordeiro (2010),

Para que a criança se interesse pelo cuidado com a higiene oral – e qualquer criação de hábitos será tanto mais eficiente quanto o interessado se envolver com gosto –, o momento de escovar os dentes deve tornar-se divertido e não visto como mais uma obrigação ou castigo (p. 148).

2.ª feira, 21 de novembro de 2011

A Educadora distribuiu uma linha de fronteira por cada criança e deu a teoria de conjuntos com palhinhas de diferentes cores.

Fundamentação teórica/ Inferências

A teoria de conjuntos também serve para desenvolver nas crianças a noção de quantidade, pois, ao observar dois conjuntos diferentes, podem identificar qual o conjunto que tem mais ou menos objetos. Moreira e Oliveira (2003) explicam

(...) as crianças têm a noção de quantidade, reconhecendo facilmente quando há muitos ou poucos objetos numa coleção. Na educação pré-escolar procura-se que as crianças expandam esta intuição quantitativa estabelecendo comparações entre objetos de duas coleções e conduzindo as suas aprendizagens para que associe o número às comparações realizadas através de correspondências termo a termo. (p. 119)

A Educadora levou as crianças a ordenar as palhinhas por cores, de forma a formarem conjuntos de palhinhas que obedecessem a determinada cor. Moreira e Oliveira (2003, citados em Caldeira 2009) referem:

Classificar e ordenar, constituem um dos processos matemáticos que as crianças realizam. O educador deve explorar, atribuindo-lhe intenção matemática, isto é, deve explicar e relacionar as atividades da classificação e ordenação com os temas matemáticos a tratar (p. 318).

4.ª feira, 23 de novembro de 2011

A Educadora fez uma revisão sobre o corpo humano e os cinco sentidos. Depois desta revisão, as crianças elaboraram uma proposta de trabalho sobre o tema, na qual tinham que ligar imagens referentes aos 5 sentidos e pintá-las.

Fundamentação teórica/ Inferências

As crianças depois de reverem o tema de Conhecimento do Mundo tinham uma proposta de trabalho na qual tinham de ligar imagens e pintar.

A motricidade fina das crianças desta faixa etária ainda está em desenvolvimento, por isso é essencial que o Educador estimule as crianças, de forma a que estas desenvolvam esta destreza. Tal como refere Carvalho (1999),

(...) a fase de preparação corresponde à aquisição dos mecanismos da ortografia e da motricidade (...) há um aspeto que assume algum relevo, é ele o desenvolvimento muscular que torna possível a preensão do instrumento de escrita e a sequência dos movimentos numa superfície plana. (p. 72)

2.ª feira, 28 de novembro de 2011

Foi trabalhada a noção de quantidade. As crianças brincaram com vários objetos e algarismos móveis, tendo como objetivo associarem as quantidades de objetos que tinham à frente aos algarismos móveis. Houve ensaios para a festa de natal.

Fundamentação teórica/ Inferências

É extremamente importante que o educador desenvolva nas crianças a noção de quantidade. Abreu (2004, p. 14) defende que, “para preparar a criança na

compreensão do conceito de número, começar-se-á, num primeiro momento, por realizar numerosas e variadas manipulações sobre quantidades diversas”. Moreira e Oliveira (2003) acrescentam que

(...) quando as crianças vão para jardim de infância possuem conhecimentos informais sobre a quantidade e o número, e na educação pré-escolar deve desenvolver-se este saber intuitivo por forma a que a criança aprenda com convicção o processo de construção dos números. (p. 104)

4.ª feira, 30 de novembro de 2011

O tema de Conhecimento do Mundo lecionado foi o vestuário (para que serve e o que usamos quando está frio ou calor). A Educadora tinha bonecos, várias peças de vestuário e imagens do estado do tempo e as crianças tinham que associar as roupas, de acordo com o tempo que estava representado com as imagens do tempo.

Hoje, de novo, houve ensaio para a festa de natal e eu ajudei as crianças nesta atividade.

Fundamentação teórica/ Inferências

Nesta etapa de aprendizagem em que me encontro, penso ser de todo o meu interesse poder participar ativamente em todas as etapas da preparação da festa de natal. Só desta forma consigo perceber todo o processo e as preocupações dos Educadores e Professores, de forma a perceber toda esta dinâmica quando, futuramente, estiver a lecionar.

Perrenoud (1993) defende que, em situação de estágio, devemos “fazer tudo para que a responsabilização seja progressiva, para que a autonomia se construa através de experiências e estágios graduados” (p. 118).

2.ª feira, 5 de dezembro de 2011

A Educadora deu o 1.º Dom de Froebel, através de uma história de uma menina que gostava muito de gelados. Cada cor representava uma bola de gelado de determinado sabor. Houve novo ensaio para a festa de natal.

Fundamentação teórica/ Inferências

Foi muito gratificante assistir a esta aula. A forma como a Educadora, através da história que foi contando, colocou todas as crianças a pensar, de forma expectante, sobre o que esta ia pedindo, foi desafiante. Todos queriam participar.

Mendes e Delgado (2008, p. 7) referem que “o papel dos adultos e, em particular, do educador de infância, é crucial no modo como as crianças vão construindo a sua relação com a Matemática” e, neste caso concreto, percebi como a Educadora foi motivante para as crianças.

4.ª feira, 7 de dezembro de 2011

A Educadora deu aula com Blocos Lógicos. Explorou os quatro atributos deste material: tamanho, cor, espessura e formas. Ajudámos as crianças a decorarem os poemas de natal que vão recitar na festa.

Fundamentação teórica/ Inferências

Gostei imenso de auxiliar o grupo de crianças que vão recitar os poemas a decorarem-nos. A forma como estas se esforçavam para lembrar o que iam dizer de seguida, apoiando-se em palavras que rimam. É defendido por Sim-Sim (1998, p. 226) que “as autocorreções, o prazer lúdico das rimas e dos jogos de palavras são indicativos de um conhecimento das regras fonológicas da língua que ultrapassa o mero uso com fins comunicativos” e o exercício que as crianças fizeram demonstram isso mesmo.

2.ª feira, 12 de dezembro de 2011

As crianças terminaram as cartas para o Pai natal. Ajudámo-las a colocá-las nos envelopes e fomos, com as crianças, colocá-las nos correios. Após, deu-se a continuação do ensaio dos poemas de natal.

Fundamentação teórica/ Inferências

As crianças ficaram felicíssimas por serem elas a ir aos correios colocar as cartas para o Pai natal. Estavam muito entusiasmadas. Através desta actividade, aprenderam as etapas que se tem de realizar para que uma carta chegue a determinada pessoa.

Hohmann e Weikart (2004, p. 5) referem que é “através da aprendizagem pela acção – viver experiências directas e imediatas e retirar delas significado através da reflexão – as crianças pequenas constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo”. Também as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997, p. 47) alertam para que nesta valência se “incluem diferentes tipos de aprendizagem, não apenas de conhecimentos, mas também atitudes e saber fazer. (...) dado que a criança aprende a partir da exploração do mundo que a rodeia”.

4.ª feira, 14 de dezembro de 2011

Hoje foi a festa de natal das crianças, que se realizou no Cineteatro de Alcobaça.

Fundamentação teórica/ Inferências

E eis que chegou o dia da atuação para o qual tanto as crianças ensaiaram. Finalmente puderam atuar para os pais. As crianças estavam ansiosas e felizes.

A festa de natal, na qual participam todas as crianças, permite-lhes interagir e trabalhar com os colegas de toda a escola promovendo a socialização destes. Aguera (2008, p. 73) refere: “As festas e celebrações constituem atos extra, nos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, a autoestima, a colaboração e a integração das crianças”.

Durante este dia foi visível o vínculo de união existente entre a família e a escola, pois sem o auxílio dos pais era impossível que tudo fosse realizado e corresse bem. Estas festas não dependem só das crianças e da escola, mas também dos pais que cooperam e auxiliam como podem nestas atividades. Segundo Balancho e Coelho (1996, p. 90), “a família tem aqui um espaço para intervir, colaborando com a sua experiência de vida e, frequentemente, ajudando a confeção de vestuário, adereços”.

Houve mesmo um grupo de pais que preparou uma coreografia de uma música de natal e a mostraram durante a festa, deixando as crianças muito empolgadas com a surpresa preparada pelos pais. Estanqueiro (2010, p. 116) refere que “é uma boa prática convidar os pais para assistir a iniciativas culturais ou recreativas da escola”.

1.5 Grupo de 4 anos (Lisboa)

Entre 7 de novembro e 16 de dezembro de 2011, estagiei na escola de Lisboa, junto de um grupo de crianças de 4 anos (Grupo A). O estágio decorria às 6.^{as} feiras, entre as 9h e as 17h.

1.5.1 Caracterização do Grupo

O Grupo A é composto por 28 crianças – dezassete do género masculino e onze do feminino. Todas as crianças completaram os 4 anos de idade até dia 31 de dezembro.

De acordo com informação oral da Educadora titular, o Grupo está bem integrado nas dinâmicas da escola. São crianças muito interessadas, demonstrando motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.5.2 Espaço e horário

O Grupo A tem aulas no salão. O salão tem um espaço amplo, que é partilhado pelos dois Grupos de quatro anos. O espaço de cada Grupo é delimitado por um biombo, que é ainda utilizado para expor alguns dos trabalhos realizados pelas crianças.

A parte do salão utilizada pelo Grupo A está dividida em duas áreas. Uma dessas áreas tem quatro mesas octogonais, um armário com várias gavetas (cada uma identificada com o nome dos alunos, onde guardam o material) e outro armário onde a Educadora guarda todo o material de apoio. A outra área é o ‘cantinho da leitura’.

Regularmente são expostos, num placard colocado numa das paredes, os trabalhos das crianças.

Como tem sido habitual no meu estágio na escola de Lisboa, apenas estive com o Grupo A à 6.^a feira, pelo que assisti aos tempos correspondentes a este dia, os quais passo a indicar no Quadro 5.

Quadro 5 – Horário de estágio no Grupo de 4 anos (Lisboa)

Horas	6.ª feira
9h/9:30h	Canções de roda / Acolhimento
9:30h/10h	Iniciação à Matemática (Cuisenaire)
10h/10:30h	Formação Cívica
10:30h/11h	Partilha de saberes
11h/11:30h	Ginástica
11:30h/12h	Jogos de roda / Preparação para o almoço
12h/12:30h	Almoço
12:30h/14:00h	Recreio orientado / Recreio livre
14:00h/14:30h	Música
14:30h/15:30h	Atividades gráficas (ditados / desenhos de série)
15:30h/16h	Jogos tradicionais
16h/16:25h	Rimas / Poesias
16:25h/16:45h	Lanche
16:45h/17h	Despedida

1.5.3 Relatos diários

6.ª feira, 11 de novembro de 2011

A Educadora deu aula sobre teoria de conjuntos. Entretanto, apareceram as Supervisoras de Estágio Profissional para assistir a aulas “surpresa”. Chamaram os estagiários para assistirmos a uma aula de Estimulação à Leitura junto de um grupo de 3 anos.

Depois, fomos para o recreio com as crianças. Chamaram-nos novamente para assistirmos à reunião de avaliação das aulas “surpresa”.

Como era dia de S. Martinho, as crianças tinham como sobremesa castanhas. A Educadora pediu às crianças que fizessem um desenho alusivo ao dia de S. Martinho.

Fundamentação teórica/ Inferências

O trabalho que as crianças tiveram de fazer sobre o dia de S. Martinho consistia em realizar um desenho livre sobre o que lhes dizia esse dia. Resultaram desenhos engraçados, onde predominavam elementos da lenda que tinham ouvido (S. Martinho a cavalo) ou, naturalmente, as castanhas.

A este propósito, vem referido nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997) que

Não podemos esquecer que o desenho é também uma forma de escrita e que os dois meios de expressão e comunicação surgem muitas vezes associados, completando-se mutuamente. O desenho de um objeto pode substituir uma palavra, uma série de desenhos permite “narrar” uma história ou representar os momentos de um acontecimento. (p. 69)

6.ª feira, 18 de novembro de 2011

Foram distribuídos os papéis para a representação na festa de natal e ensaio.

No período da tarde, a Educadora deu sequências e, de seguida, para Estimulação à Leitura, contou o conto “Romeu e Julieta”, com auxílio de um *PowerPoint*.

Fundamentação teórica/ Inferências

As crianças estão habituadas a que as educadoras lhes contem histórias, sem qualquer tipo de suporte, ou que lhes leiam livros. Não estão familiarizadas com este tipo de suporte – o *PowerPoint*, para contar histórias. Por isso, estavam bastante curiosas e atentas às imagens que iam aparecendo.

Na realidade, a utilização destas tecnologias pode auxiliar o desenvolvimento das capacidades cognitivas das crianças. Silveira-Botelho (2009) refere

(...) constata-se a importância de as crianças utilizarem as TIC para desenvolverem a sua aprendizagem na área da leitura e da escrita de uma forma mais global (...) revela altamente motivadora para as crianças e estimuladora da comunicação e da descoberta da linguagem escrita (pp. 116-117).

6.ª feira, 25 de novembro de 2011

Dei aula, no período da manhã, na Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Li às crianças *Todos no Sofá*, de Luísa Ducla Soares. Em Conhecimento do Mundo, falei-lhes sobre Portugal, onde se situa no nosso planeta, e falámos ainda da cultura tradicional portuguesa.

No período da tarde, na Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática, abordei a estruturação espacial. Reportei-me à aula de Estimulação à Leitura, pois tinha imagens com todas as personagens da história e do sofá e foi através destas que baseei a minha aula. Entreguei uma proposta de trabalho que as crianças fizeram. Depois, levei as crianças para outro espaço, sentei-as em roda no chão, e expliquei-lhes que iríamos fazer um jogo (Camaleão de que cor?), como funcionava e quais as regras deste.

Fundamentação teórica/ Inferências

A história *Todos no Sofá* é toda escrita em verso. As crianças gostaram muito de a ouvir.

O jogo foi também alegre e dinâmico e as crianças divertiram-se bastante. Segundo Bartolomeis (1976, p. 82), “o jogo é o trabalho da criança, portanto atividade muito séria que é necessário não só permitir mas também favorecer”. Spodek e Saracho (1998, p. 223) defendem que “os jogos devem ser simples, com regras não muito complexas. Eles podem incluir atividades acompanhadas de canções e jogos físicos simples, nos quais as crianças devem seguir algumas instruções”.

6.ª feira, 2 de dezembro de 2011

Hoje houve *roulement*, e as crianças dos dois grupos de 4 anos estiveram juntas, com uma das educadoras. Entre estagiárias, combinámos levar material para fazer com as crianças, que vieram à escola, uma decoração para a árvore de natal com massa de moldar.

Inferências

Gostei muito de realizar esta atividade com as crianças. Elas estavam eufóricas, pelo facto de estarem a fazer as decorações para colocarem na árvore de natal. Fizeram-no com todo o cuidado, de forma a que ficasse tudo perfeito.

6.ª feira, 9 de dezembro de 2011

Uma vez que este dia foi de novo de *roulement*, juntaram os dois grupos de 4 anos. A Educadora começou por dar o 3º Dom de Froebel. Contou uma história e construiu a cama e a coluna alta, enquanto foi fazendo algumas situações problemáticas com acontecimentos do dia-a-dia.

Nós, estagiárias, ajudámos a fazer os fatos para a festa de natal.

No período da tarde, a Educadora deu uma aula de Estimulação à Leitura com a história: “Um presente diferente”.

Fundamentação teórica/ Inferências

As construções que a Educadora realizou, a cama e a coluna alta, permitiram-lhe explorar diversos conteúdos matemáticos, usando também situações do seu quotidiano, propondo exercícios variados.

Tal como é referido nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997, p. 78), “cabe ao educador partir das situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, intencionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções de matemática”.

O 3.º Dom é constituído por uma caixa de madeira em forma de cubo que contém 8 cubos, estes cubos estão guardados de forma organizada. Para o seu manuseamento há regras que deverão ser cumpridas.

6.ª feira, 16 de dezembro de 2011

No período da manhã, foi solicitado aos estagiários que fizessem uma apresentação para as crianças. Depois de nos reunirmos, decidimos fazer a coreografia de uma música de natal. Ensaíamos e, às 10h30, fomos para o ginásio. As Educadoras levaram as crianças e fizemos a nossa coreografia. No final, saímos do palco, fomos para o pé das crianças e convidámo-las a dançar connosco.

De seguida, as crianças voltaram a ensaiar a sua dramatização para a festa de natal.

Fundamentação teórica/ Inferências

As crianças deram o máximo delas para decorarem as falas que tinham de dizer na representação que vão mostrar aos pais na festa de natal. Levaram os seus papéis muito a sério, e fizeram-no com muito prazer.

Cordeiro (2012) refere:

À medida que a idade aumenta, a capacidade das crianças para decorar papéis e representar peças escritas por outros também é maior. Assumir a pele de outros (no desempenho e na representação dos sentimentos) é indispensável para compreender o mundo e as pessoas. O teatro é a alma desta aprendizagem, envolvendo a mente, o corpo, a criatividade e imaginação (p. 423).

1.6 Grupo de 5 anos (Alcobaça)

Entre 2 de janeiro e 11 de fevereiro de 2012, estagiei na escola de Alcobaça, junto de um grupo de crianças de 5 anos. O estágio decorria às 2.^{as} feiras, entre as 9h e as 11h, e às 4.^{as} feiras, entre as 9h e as 12h.

1.6.1 Caracterização do Grupo

Este Grupo é composto por 20 crianças, sendo oito meninas e doze meninos, com idades compreendidas entre os 5 e os 6 anos.

Conforme informação oral da Educadora titular, só uma destas crianças frequenta esta escola pela primeira vez. O Grupo é bastante assíduo, ativo e dinâmico, demonstrando interesse nas actividades; necessitam, porém, de adquirir algumas regras.

1.6.2 Espaço e horário

A sala deste grupo está situada no edifício principal da escola, ao lado do salão. Tem janelas grandes em 3 paredes. Como se pode ver na Figura 3, há mesas duplas (num total de dez) e um quadro preto, para uso de giz. A sala tem vários armários para arrumação de materiais e livros, e painéis para a Educadora expor os trabalhos dos alunos.



Figura 3 - Aspeto da sala do Grupo de 5 anos (Alcobaça)

Como só estive com este Grupo à 2.^a feira, entre as 9h e as 11h, e à 4.^a feira, entre as 9h e as 12h, só pude assistir aos tempos correspondentes às áreas de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Domínio da Matemática, como se pode confrontar no Quadro 6.

Quadro 6 – Horário de estágio no Grupo de 5 anos (Alcobaça)

Horas	2. ^a feira	4. ^a feira
9h/9:30h	Canções de Roda / Jogos de Movimento	
9:30h/10:20h	Iniciação à leitura (Cartilha Maternal)	Iniciação à leitura (Cartilha Maternal)
10:30h/11h	Iniciação à escrita	Iniciação à escrita
11h/11:20h	Intervalo	
11:20h/12h	Blocos Lógicos Dons de Froebel	Calculadores

1.6.3 Relatos diários

2.^a feira, 2 de janeiro de 2012

A Educadora do Grupo não esteve por estar em período de férias. As crianças ficaram com o Grupo dos 4 anos.

4.ª feira, 4 de janeiro de 2012

Para começar a aula, a Educadora distribuiu as pastas dos trabalhos que as crianças não tinham terminado, e deu-lhes um tempo para os fazer. Enquanto algumas iam trabalhando, chamou as crianças em grupos de três à *Cartilha Maternal* e fez uma revisão das lições dadas anteriormente. As crianças que ficaram no lugar foram fazendo uma ficha de trabalho sobre o primeiro valor da letra “c”. Depois disso, introduziu o primeiro valor da letra “g”.

Depois do recreio, enquanto as crianças se sentavam, a Educadora distribuiu pelos lugares caixas de Calculadores Multibásicos. Fizeram o jogo das bases, somas e leituras dos resultados.

Fundamentação teórica/ Inferências

Nesta escola, as crianças aprendem a ler através de um método muito próprio – O Método de Leitura de João de Deus, pela *Cartilha Maternal*.

Este método foi concebido e desenvolvido pelo poeta João de Deus. Inicialmente, foi concebido para o ensino de adultos; anos mais tarde, passou a ser utilizado para o ensino de crianças. Estas aprendem a ler na *Cartilha Maternal*. Este método respeita o ritmo de cada criança. A criança só passa para a lição seguinte depois de aprender os conteúdos da lição anterior. Desenvolve a aprendizagem da leitura e da escrita em simultâneo.

O docente vai apresentando uma lição/letra por dia. Segundo Ruivo (2009, p. 100), há um “estímulo diário e uma constante consolidação dos conhecimentos adquiridos anteriormente pela criança”, sem nunca passar para a lição seguinte sem a anterior estar bem apreendida. É um método interativo, pois as estratégias de leitura utilizadas são tipo “Bottom-up”.

Durante 25 lições, a criança vai construindo a sua própria aprendizagem com a identificação do nome e da leitura das diferentes letras, permitindo-lhe, desta forma, o discurso oral da palavra lida e, posteriormente, inseri-la numa frase. Assim, poderá enriquecer o seu vocabulário, a linguagem e a expressão oral (Ruivo, 2009, p. 130).

Deus (1997, p. 10) afirmava que “a descoberta de valores e regras a aplicar é um jogo que as crianças vão progressivamente descobrindo, numa atitude construtivista que lhes dá muita satisfação”. Ruivo (2009) refere a importância de cada uma das lições:

Toda a metodologia João de Deus se baseia nas lições e logo no léxico nelas contido. Na realidade é ele que permite ao aluno, de uma forma clara, organizada e concisa, aceder ao código linguístico da língua portuguesa, porque cada lição contém os vocábulos adequados à apresentação e consolidação de uma determinada regra/norma linguística. Assim cada vocábulo apresentado é uma peça fundamental para que toda a aprendizagem se processe correctamente. (pp. 266 e 267)

Este Método de Leitura leva as crianças a associarem a mestria fundamental da descodificação à compreensão da palavra ou texto que leram.

2.ª feira, 9 de janeiro de 2012

As atividades começaram com aula de *Cartilha*. Foram distribuídas pelas crianças propostas de trabalho, nas quais iam fazendo grafismos, de acordo com a lição em que cada uma ia. A Educadora foi chamando grupos de três ou quatro crianças para irem à *Cartilha*.

Fundamentação teórica/ Inferências

A realização de atividades como as feitas hoje é muito importante, pois permite à criança a exploração dos grafismos que executam. Gonçalves (1991, p. 48) refere que a partir dos três até aos cinco anos “a criança começa a fazer grafismos minuciosos e controlados (...) Estes grafismos são um excelente exercício para desenvolver a psicomotricidade, antes da aprendizagem da escrita convencional das palavras e dos números”.

Segundo Hohmann e Weikart (2004, p. 554), até que as crianças alcancem a aprendizagem da escrita convencional é “importante encorajar as crianças a progredirem naquele *continuum* de evolução da capacidade de escrita, qualquer que seja a fase em que a criança se encontre”.

4.ª feira, 11 de janeiro de 2012

As crianças fizeram, pela primeira vez, um ditado, de uma pequena frase. Enquanto a Educadora foi vendo os erros que tinham dado, foram fazendo uma ficha sobre a *Cartilha*.

Depois, a Educadora distribuiu os Calculadores Multibásicos e jogaram ao jogo das bases.

Fundamentação teórica/ Inferências

As crianças escutaram com muita atenção as palavras que a Educadora ditava, e escreviam-nas com muito cuidado, tentando não dar erros. É referido por Condemarin (1987, p. 184) o seguinte: “O ditado desenvolve a capacidade para escutar de forma concentrada e incrementa a qualidade de atenção da criança”.

2.ª feira, 16 de janeiro de 2012

A Educadora iniciou a aula com a letra “r” – 17.ª lição da *Cartilha Maternal*. Distribuiu trabalhos de consolidação das lições pelas crianças. Enquanto estas iam trabalhando, a Educadora ia chamando grupos de três crianças à *Cartilha*.

Fundamentação teórica/ Inferências

A Educadora é muito meiga e afetiva com as crianças, denotando-se mais esta maneira de estar quando está com as crianças nas lições de *Cartilha*, estimulando-as e dando sempre um reforço positivo.

O Método de Leitura de João de Deus é feito de forma sequencial, tendo, desta forma, uma lógica para as crianças. É afirmado por Henri Campagnolo (citado por Viana e Teixeira, 2002, p. 113) que “as palavras de cada lição são escolhidas de modo a conter somente figuras anteriormente adquiridas e eventualmente, uma nova figura cuja aquisição é dedicada a nova lição”. Ruivo (2009) refere que as lições

(...) são dadas a grupos de três ou quatro crianças, de preferência escolhidas entre elas. Essa pequena ‘equipa’ torna as lições mais vivas e equilibra em interação o comportamento individual de cada aluno: os mais ativos e extrovertidos desbloqueiam os mais tímidos e hesitantes. Nunca devem responder em coro, cada um fala na sua vez, mas estão todos empenhados na mesma tarefa. (p. 133)

Os trabalhos que as crianças vão fazendo no lugar são de consolidação das lições em que cada criança vai. Sobre estes trabalhos, Ruivo (2009, p. 133) esclarece-nos que, “no seu lugar e de uma forma mais individualizada e autónoma, a criança tem uma capa com os registos escritos das suas diferentes atividades”.

4.ª feira, 18 de janeiro de 2012

Hoje a aula foi de dinamização da *Cartilha*, com o 2.º valor do “r” para uma maioria das crianças, enquanto as outras, que não iam tão avançadas, tinham

trabalhos de acordo com as lições em que iam. Depois do intervalo, trabalharam com os Calculadores Multibásicos, realizando exercícios de adição.

Fundamentação teórica/ Inferências

As crianças gostam muito de trabalhar com os Calculadores Multibásicos, e todas elas iam realizando sem dificuldade as propostas que a Educadora ia apresentando.

Segundo Caldeira (2009), este material manipulável estruturado,

(...) é constituído por um conjunto de três placas de plástico com cinco orifícios cada uma, e um conjunto de cinquenta peças em seis cores diferentes: dez peças amarelas, treze verdes, treze encarnadas, dez azuis, dois cor-de-rosa e duas de cor lilás. Encaixam umas nas outras e nos orifícios formando 'torres' (p. 187).

A mesma autora refere que o aluno tem de saber que “a cada furo corresponde uma cor de peças, o que significa uma ordem numérica” (p. 189).

Damas (2010, p. 52) alerta para a importância de “explorar, convenientemente, todo o processo relacionado com a adição, de forma a que os alunos compreendam que a adição é a operação aritmética que traduz ações de reunir”.

2.ª feira, 23 de janeiro de 2012

A Educadora iniciou a manhã com a Área de Expressão e Comunicação, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Alguns dos grupos que foram à *Cartilha* já chegaram à “Lição do Pedro”. Auxiliei as crianças com mais dificuldades nos trabalhos que tinham para fazer e a ler.

Fundamentação teórica/ Inferências

Ao chegarem à 17.ª Lição – a lição do Pedro, as crianças sentem-se muito confiantes, pois já estão a ler um texto na *Cartilha*. Para elas é como alcançar algo de grandioso.

É necessário haver um certo cuidado, por parte do Educador, em relação às crianças que ainda não chegaram a esta lição e têm mais dificuldades. Há que transmitir-lhes calma e confiança, para que estas se sintam capazes de ler.

A aprendizagem pelo Método de Leitura de João de Deus é progressiva, e cabe ao Educador auxiliar as crianças a chegar à aprendizagem, através de noções claras.

Sim-Sim (2006) menciona a aprendizagem da leitura como uma

(...) tarefa para toda a vida e ensinar a ler deve ser uma das prioridades não só dos professores de língua materna, mas de todos os docentes, na medida em que qualquer que seja a disciplina, a leitura vai sempre estar presente (p. 99).

4.ª feira, 25 de janeiro de 2012

No início das aulas, a Educadora distribuiu fichas de trabalho pelas crianças, nas quais estas tinham de picotar letras e colá-las, e foi chamando grupos de crianças à *Cartilha Maternal*.

Fundamentação teórica/ Inferências

Acho bastante importante as estratégias utilizadas pela Educadora, de forma a consolidar os conhecimentos que as crianças vão adquirindo nas lições dadas na *Cartilha Maternal*. Ruivo (2009) alerta para o grande valor pedagógico destas tarefas:

(...) se considerarmos a diversidade das mesmas: letras móveis, jogos lúdicos, plasticina, fichas escritas, desenhos, colagem, picotagem (...) são tarefas importantes que permitem à criança desenvolver competências diversas, desde a motricidade fina, a memória, a compreensão e a descoberta lúdica através de jogos que permitem o raciocínio e o prazer da conquista. (p. 360)

Mata (2008, p. 37) defende esta prática de consolidação, referindo que, “assim, as crianças vão começando a diferenciar as letras, a aperceber-se das suas características particulares e das convenções a elas associadas e vão conseguindo reproduzi-las de forma cada vez mais aproximada”.

2.ª feira, 30 de janeiro de 2012

A Educadora iniciou o dia, com as crianças sentadas em roda, a contar uma história: “O João e o Pé de Feijão”. Conversaram um pouco sobre a mesma.

De seguida, mandou as crianças sentarem-se nos lugares e entregou propostas de trabalho, de acordo com a lição que cada um vai na *Cartilha*. Explicou

como as realizavam e, enquanto as crianças as foram fazendo, a Educadora foi chamando pequenos grupos à *Cartilha Maternal*.

Fundamentação teórica/ Inferências

Não consigo deixar de sorrir sempre que vejo as expressões das crianças enquanto ouvem histórias. Conseguem demonstrar tudo o que lhes vai na alma enquanto as tramas da história vão acontecendo.

São extremamente importantes estes momentos de leitura, a chamada “hora do conto”, pois, além de estimular o interesse das crianças pelas leituras, pode ser fundamental no crescimento intelectual destas. Para Veloso (2009),

(...) de entre múltiplas maneiras de animar o livro e promover a leitura, o ritual da hora do conto permanece como uma das formas mais impressionantes de cativar a criança e de estabelecer com ela as cumplicidades necessárias a uma semiose literária. (pp.112-113)

Segundo Fontes (s.d., p. 33), “a literatura infantil alimenta e estimula a imaginação e satisfaz a afetividade e a curiosidade da criança, podendo representar um papel importante no desenvolvimento integral e harmonioso da sua personalidade”.

4.ª feira, 1 de fevereiro de 2012

A Educadora começou o dia com Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Depois do intervalo da manhã, dei uma aula na área da Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática, utilizando como material o 4.º Dom de Froebel e pedrinhas. Construámos o poço e, com as pedrinhas, trabalhei com as crianças o sentido de número e a estruturação espacial, realizando alguns cálculos matemáticos e situações problemáticas.

Inferências

A aula que dei teve como objetivo explorar algumas situações problemáticas com situações que as crianças reconhecessem do seu quotidiano. Utilizei o 4.º Dom e outros materiais manipuláveis, para que elas conseguissem resolver as situações que lhes eram propostas, no abstrato, como também no concreto. Verifiquei que as crianças identificam e conseguem aplicar os seus conhecimentos através dos exercícios propostos.

2.ª feira, 6 de fevereiro de 2012

Começámos por distribuir letras móveis pelas mesas. De seguida, a Educadora fez um ditado de palavras e as crianças iam escrevendo com as letras móveis. Às crianças que iam tendo dificuldades, a Educadora ia explicando, com as regras da *Cartilha*. De seguida, deixou as crianças escreverem o que quisessem nos lugares, enquanto ia chamando um grupo, de cada vez, à *Cartilha*.

Por estar a chover, as crianças ficaram durante o recreio da manhã a brincar no salão. A Educadora distribuiu jogos de tabuleiro e puzzles para estes jogarem.

Fundamentação teórica/ Inferências

As crianças foram construindo as palavras, solicitadas pela Educadora, com as letras móveis. Ao ver as crianças trabalharem com as letras móveis, comprovei o quanto este tipo de estratégia é estimulante e motivadora.

Duarte (2008, p. 22) refere que “as atividades de (re)construção silábica trabalham o reconhecimento de palavras a nível oral e escrito”.

No recreio da manhã, as crianças estiveram muito contentes e concentradas a jogar. É defendido por Cordeiro (2010) que:

Os jogos de mesa são calmos e tranquilos. Trabalham a atenção, observação e memorização, e permitem mais uma vez desenvolver noções matemáticas, como a correspondência termo a termo. Por outro lado, para além de ser mais um momento de relação com os outros, permite divertimento (...) (p. 372).

As crianças gostam destes momentos, que, sem sombra de dúvida, promovem a socialização entre eles.

4.ª feira, 8 de fevereiro de 2012

Foi feita a introdução da 21.ª Lição da *Cartilha Maternal* a algumas crianças do Grupo. Foram realizadas propostas de trabalho pelas crianças.

Na área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática, a Educadora trabalhou com o Tangran. Os alunos começaram por explorá-lo livremente. Depois, fizeram a construção do gato, recortaram as peças do Tangran e colaram-nas no papel.

Fundamentação teórica/ Inferências

O Tangran é um puzzle constituído por 7 peças: 5 triângulos retângulos isósceles (2 grandes, 1 médio e 2 pequenos), um quadrado e um paralelograma. Caldeira (2009) apresenta este material como um “puzzle planiforme, retilíneo e de uma só cor, distingue-se dos demais pela multiplicidade de figuras que com ele podemos obter” (p. 395). A mesma autora acrescenta ainda:

Os Tangrans são obtidos basicamente a partir da dissecação de uma figura geométrica segundo determinadas condições, permitindo depois a obtenção de novas figuras através da recombinação das peças obtidas. Este fundamento geométrico permite que estes puzzles associem ao seu carácter lúdico bastante interesse didáctico. (p. 391)

Damas (2010) refere a importância da utilização deste material pelas crianças, pois ele

Permite realizar uma enorme variedade de atividades que implicam o desenvolvimento do sentido espacial e criativo dos alunos. A composição e decomposição de figuras, assim como, relações entre áreas são conceitos geométricos que poderão ser trabalhados com a manipulação das peças (p. 137).

1.7 Grupo de 5 anos (Lisboa)

Entre 2 de janeiro e 11 de fevereiro de 2012, estagiei na escola de Lisboa, junto de um grupo de crianças de 5 anos (Grupo A). O estágio decorria às 6.^{as} feiras, entre as 9h e as 17h.

1.7.1 Caracterização do Grupo

O Grupo é composto por 29 crianças (catorze do género masculino e quinze do feminino). Todas as crianças fizeram os 5 anos de idade até ao dia 31 de Dezembro de 2011.

Segundo informação oral da Educadora titular, o Grupo tem muita energia, pelo que precisa de constante atenção, existindo uma necessidade enorme de lhes demonstrar limites, de modo a controlar o seu comportamento. As crianças são muito afetivas e envolvem-se de uma forma bastante efusiva nas dinâmicas de trabalho. Precisam de diferentes estratégias na partilha de saberes e de estímulos no decorrer de uma atividade, pois tendem a desconcentrar-se.

No geral, o Grupo apresenta a capacidade de cálculo abstrato bem desenvolvida. No entanto, existem dois casos que geram preocupação, pois não acompanham as restantes crianças, apresentando dificuldades reais na perceção, no raciocínio dedutivo e indutivo, e na apreensão de saberes.

1.7.2 Espaço e horário

A sala do Grupo A tem muita luz natural. Uma das paredes tem três grandes janelas. Há duas portas, uma que dá acesso ao recreio, na parte exterior da escola e outra que dá acesso ao salão.

Numa das paredes existem dois quadros de ardósia e em todas as outras estão expostos elementos alusivos aos conteúdos aprendidos. Existem também dois grandes placards, onde são fixados os trabalhos realizados pelas crianças.

A sala tem três fileiras de mesas, onde as crianças trabalham, uma mesa de trabalho da Educadora e uma outra mesa onde se encontra a *Cartilha Maternal*. Existe também uma grande estante que serve de apoio à Educadora, na qual são guardados os dossiês dos alunos e materiais.

Apenas estive com o Grupo A à 6.ª feira, das 9 h às 17 h. Logo, só pude assistir aos tempos correspondentes aos indicados no Quadro 7.

Quadro 7 – Horário de estágio no Grupo de 5 anos (Lisboa)

Horas	6.ª feira
9h/10:15h	Iniciação à Leitura e Escrita
10:15h/10:45h	Recreio + W.C.
10:45h/11:50h	Iniciação à Matemática (material, escrita)
12h/13h	Almoço
13h/14h	Recreio orientado e livre
14h/15h	Experiências; Histórias – Jogos
15h/16:30h	Educação pelo Movimento
16:30h	Lanche e saída

1.7.3 Relatos diários

6.^a feira, 6 de janeiro de 2012

No âmbito da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a Educadora distribuiu trabalhos pelas crianças, de acordo com a lição em que cada uma ia na *Cartilha Maternal*, e foi chamando grupos de 3 crianças à *Cartilha*.

Depois do intervalo da manhã, a Educadora deu uma aula de 3.^o e 4.^o Dom de Froebel, na qual fizeram a construção do caminhão e da ponte baixa. Enquanto foram fazendo as construções, a Educadora foi trabalhando com as crianças a soma, subtração, dezena e dúzia.

No período da tarde, a Educadora leu o livro *A minha mãe e eu*. Depois, questionou as crianças se quando fossem grandes queriam ser como alguém da família, e em que é que queriam ser iguais a essa pessoa. Como a história é escrita em verso, a Educadora pediu às crianças que dissessem outras palavras que rimassem com mão, e foi escrevendo-as no quadro.

Como este era o dia de Reis, fizeram um lanche com os pais na sala de aula. Enquanto as crianças foram para a aula da ginástica, eu e a Educadora ficámos na sala a pôr as mesas para o lanche. As crianças chegaram, colocaram as coroas que tinham feito, e, de seguida, os pais começaram a entrar, lancharam, conviveram e viram os dossiês dos filhos com os trabalhos do primeiro período.

Fundamentação teórica/ Inferências

Este pequeno lanche mostrou o elo de ligação que existe entre a escola e a família das crianças. Elo este que acho ser essencial para o bem-estar e sucesso das crianças.

De acordo com as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997, p. 43), “A família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas”. Reis (2008, p. 74) defende a importância de “existir harmonia nas relações entre a escola e a família, e se houver uma convergência positiva do aproveitamento individual e da eficácia escolar ela trará benefícios para todos”.

6.ª feira, 13 de janeiro de 2012

No período da manhã, a aula foi dada por uma colega que fez a Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional na nossa sala. Estavam presentes para a avaliarem duas Supervisoras de Estágio e a Educadora titular.

A colega iniciou com o Domínio da Matemática, usando o 3º e 4º Dom de Froebel. Depois, levou as crianças para a cantina, falou-lhes do pão e amassaram pão. Voltou a levar as crianças para a sala, onde distribuiu uma folha de actividade, em que as crianças tinham que picotar e depois colar a letra “P” e fazer o desenho do ciclo do pão. Chamou pequenos grupos de crianças à *Cartilha*. No final, fomos para o recreio, onde as crianças fizeram um jogo de equilíbrio.

No período da tarde, a Educadora deu uma aula com o Geoplano, trabalhando figuras geométricas e simetria.

Fundamentação teórica/ Inferências

Foi a primeira Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional a que tive oportunidade de assistir, de forma que passei a tomar maior consciência do que iria ter de fazer futuramente. Tive oportunidade de falar com a colega que foi avaliada e com as Supervisoras da Prática Pedagógica, o que me permitiu também perceber o que teria de ser realizado e que não foi, e o que a colega poderia ter feito para melhorar a prestação dela durante a prova.

Alarcão e Tavares (2003, p. 41) referem que “no diálogo construtivo que se estabelece entre pares e entre os professores e supervisores, todos são parceiros da mesma comunidade profissional, interessados em inovar e provocar mudanças nos contextos educativos”.

6.ª feira, 20 de janeiro de 2012

As crianças iniciaram a manhã na Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática, com o Cuisenaire. A Educadora fez o jogo dos comboios com a finalidade de trabalhar com as crianças a decomposição de números.

Depois do intervalo, tiveram aula de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. A Educadora perguntou se eu queria ajudar algumas crianças a ler na *Cartilha Maternal*, o que aceitei logo.

Ao longo da tarde, as crianças fizeram trabalhos que tinham em atraso e depois tiveram aula de Expressão Corporal.

Fundamentação teórica/ Inferências

Para jogar ao jogo dos comboios, a Educadora solicitou aos alunos que colocassem à sua frente, na horizontal, uma peça (a estação de comboios); depois, pediu-lhes que, com outras peças, representassem o mesmo comprimento da primeira peça (comboio), sendo que estas teriam de ser colocadas unidas pelas extremidades em linha reta. Quando não existiam mais possibilidades de haver comboios para a estação pedida pela Educadora, as crianças fechavam a estação, colocando uma peça igual à primeira.

Para se jogar este jogo, têm de ser estabelecidas algumas regras. Estas regras são numeradas por Caldeira (2009, p. 137): “não pode haver comboios maiores que a estação; não pode haver comboios menores que a estação; não pode haver comboios repetidos (iguais). Quando não se conseguir fazer mais comboios para a estação pretendida, fecha-se a estação com uma peça igual”.

É muito importante que se utilizem materiais distintos para a aprendizagem da matemática, pois, ao experimentar e manipular, a criança dá mais sentido ao que lhe está a ser explicado. É descrito pelas *Orientações Curriculares para o Ensino Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997, p. 76) que “a vivência e experimentação de situações de deslocação no espaço, do próprio corpo e de objetos, a verbalização dessas ações e a sua representação gestual ou gráfica são modos de realizar e de sistematizar aprendizagens matemáticas”.

6.ª feira, 27 de janeiro de 2012

Hoje dei aula programada. Iniciei com a área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, com a leitura do livro *Mais uma ovelha?*. Trabalhei as rimas com as crianças, com sons que terminavam em “ão” e em “ar”. Depois, distribuí uma proposta de trabalho e, enquanto algumas crianças a iam realizando, chamei um grupo de três crianças à *Cartilha*, na 19.ª lição, onde introduzi o segundo valor do “s”.

De seguida, dei aula de Conhecimento do Mundo sobre a ovelha. Utilizei imagens em *PowerPoint*, e miniaturas, feitas em madeira de um redil/estábulo ou curral, uma cerca. Usei ainda lã de ovelha, novelos de lã e duas agulhas de croché

(bem como um pedaço de croché já feito), para que tocassem em lã, entendessem de onde provinha e para que servia.

Depois do intervalo, iniciei a aula de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática, onde trabalhei com o Geoplano. Criei um itinerário para as crianças representarem no Geoplano, no qual fui trabalhando alguns conteúdos matemáticos.

Nesta aula de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática apliquei o primeiro dispositivo de avaliação, que teve a duração de 40 minutos.

Fundamentação teórica/ Inferências

Dar esta aula foi-me muito prazeroso. Gostei da forma como as crianças estavam atentas no decorrer de toda a aula. O facto de quererem participar foi muito gratificante, bem como as questões pertinentes que me colocaram. Mas, acima de tudo, quando lhes passei os objetos que levei para a aula de Conhecimento do Mundo gostei das expressões que estes iam fazendo.

Na área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, as crianças adoraram o livro que levei para lhes ler. É um texto escrito em verso, muito rico em rimas, o que foi uma ‘rampa de lançamento’ para o tema que queria lecionar. Sim-Sim (1998) refere que “rimar implica reconhecer que duas palavras terminam com o mesmo som, sendo possível detetar a ocorrência de rimas por volta dos três anos e meio de idade” (p. 235). Esta mesma autora acrescenta ainda que

A prática de rimas, a recitação de poesias e histórias em verso, os exercícios de segmentação de frases em palavras e destas em sílabas, a identificação e manipulação de sílabas (por isolamento, omissão e acrescentamento) e a soletração silábica em voz alta são processos pedagógicos que conduzem à consciência lexical e silábica. (p.235)

Dentro da área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática, utilizei o Geoplano, para que os alunos, segundo as minhas indicações, fossem elaborando um itinerário. Damas (2010) diz-nos que

(...) o Geoplano é um M.M.E. criado por Caleb Gattegno, constituído por tabuleiros e pregos (pinos), com uma determinada disposição, de modo a que se possam prender elásticos, de cores variadas, o que torna o material não só mais aliciante como também proporciona uma maior objetividade na exploração dos conteúdos programáticos. (p.87)

Ao realizar o itinerário, os alunos tinham de estar atentos, resolver mentalmente alguns cálculos e trabalhar a lateralidade. O mesmo autor defende que “estas

atividades favorecem o conhecimento do material e o desenvolvimento da coordenação psicomotora” (p. 87).

6.ª feira, 3 de fevereiro de 2012

Tive aula programada, assistida por uma Supervisora de Estágio. Iniciei com aula de Conhecimento do Mundo, com o tema o coelho (animal mamífero). Sentei as crianças no chão e de dentro de uma cartola retirei um coelho. Deixei-o andar pelo chão, enquanto as crianças iam observando e enumerando as características deste, até chegarem à conclusão de que era um mamífero. Expliquei às crianças como e onde podem viver os coelhos e mostrei-lhes imagens, em *PowerPoint*, de um coelho, desde o seu nascimento até ser adulto. Falei-lhes da sua alimentação, que levei para lhes mostrar e deixei que dessem ao coelho que eu tinha levado.

De seguida, as crianças sentaram-se nos seus lugares, à mesa. Ali, eu já tinha colocado peças de Cuisenaire e um gráfico plastificado. Passámos à aula de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática. Coloquei no quadro um gráfico idêntico ao que os alunos tinham, mas maior, tal como as minhas peças de Cuisenaire, que também eram maiores. Levei as crianças a construir este gráfico com as peças do Cuisenaire, dando informação da quantidade de cenouras que o coelho comeu por dia, durante uma semana. Fui representando esses mesmos dados no gráfico em tamanho grande. Depois, levei as crianças a interpretar o gráfico, observando-o, analisando-o e fazendo alguns cálculos.

Terminei com a área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a qual iniciei com os alunos sentados no chão. Li-lhes *O Coelhozinho Afonso*, de Luísa Ducla Soares. Fui interagindo com as crianças ao longo da história. Depois, mandei-os sentar nos seus lugares e distribuí uma proposta de trabalho e um envelope a cada criança, dentro do qual tinham uma palavra escrita e letras recortadas (metade do Grupo tinha a palavra *sol* e a outra metade tinha a palavra *cabeça*) e um cartão. Eu tinha essas mesmas palavras em grande. Colei-as no quadro e fui dinamizando a leitura dessas palavras. Pedi que abrissem o envelope e tirassem as palavras e as letras que tinham dentro e que, com estas, escrevessem outras palavras. Conforme iam conseguindo escrevendo palavras, iam ao quadro escrevê-las. Por fim, entreguei-lhes uma proposta de trabalho, expliquei o que era pedido e as crianças realizaram-na. A proposta de trabalho que entreguei aos alunos do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita foi realizada sem ajuda, pois esta foi utilizada para um dos dispositivos de avaliação.

Às 11h10, tivemos reunião com todas as Supervisoras da Prática Pedagógica onde fizemos uma reflexão e comentários sobre as aulas dadas.

Fundamentação teórica/ Inferências

Na área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática, ao utilizar as barras de Cuisenaire, tive como objetivo levar cada uma das crianças a construir o próprio gráfico, manipulando as peças. Caldeira (2009, p. 127) defende a articulação de materiais manipuláveis nas práticas letivas, afirmando que estes “surgem referidos como suportes de aprendizagem, ferramentas, meios, que ajudarão as crianças a desenvolverem capacidades”.

Foi muito interessante poder levar os alunos a observar, ler e interpretar os dados representados no gráfico, até porque as crianças devem ser estimuladas neste tipo de atividades, para que, futuramente, tenham a capacidade de olhar para um gráfico e saber interpretá-lo. Ponte e Serrazina (2000) referem:

A compreensão de gráficos envolve questões de três níveis de complexidade. O nível mais elementar envolve a capacidade de ler diretamente dados registados no gráfico para responder a uma questão concreta, sem necessidade fazer qualquer interpretação. O nível seguinte envolve a capacidade de responder a questões que envolvem comparação entre os dados. Finalmente, o nível mais avançado envolve a capacidade de responder a questões que envolvam alguma extrapolação, previsão ou inferência feita a partir dos dados fornecidos. (p. 215)

Apesar de estar um pouco nervosa, gostei bastante de dar esta aula. Foi estimulante e prazerosa. Os alunos participaram, estavam interessados. A aula, no seu todo correu bem, embora não tenha conseguido gerir o tempo, e a Supervisora tenha saído antes de ter terminado a aula do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Vieira (1993) refere as cinco funções de um Supervisor pedagógico: a de informar, questionar, sugerir, encorajar e avaliar. Alarcão e Tavares (citados em Vieira, 1993) referem:

Assim definidas as funções do supervisor circunscrevem-se numa orientação reflexiva de formação, que rejeita a figura do supervisor como avaliador em favor da perspetiva que Wallace define como colaborativa. Enfatizando-se a relação entre os sujeitos com o saber e a experiência, num processo colaborativo de desenvolvimento e de aprendizagem orientado para o aperfeiçoamento da prática pedagógica do professor. (p. 33)

As inferências e fundamentações sobre as áreas de Conhecimento do Mundo e Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita relativas a esta aula programada estão feitas no capítulo da planificação.

6.ª feira, 10 de fevereiro de 2012

A Educadora pediu que desse aula surpresa na área de Expressão e Comunicação, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e no Domínio da Matemática.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, chamei um grupo de 3 crianças à *Cartilha*, fiz a revisão da 21.ª lição e a introdução da 22.ª lição. No Domínio da Matemática foi-me solicitado que trabalhasse os Calculadores Multibásicos. Trabalhei com as crianças os jogos de base dez.

Inferências

Mais uma vez, fui surpreendida com aulas “surpresa”, desta vez a pedido da Educadora titular do Grupo. Embora tenha ficado um pouco ansiosa, correu bem. Os alunos estavam à vontade com os Calculadores Multibásicos, o que também facilitou o que fui solicitando.

1.8 Turma de 1.º ano (Alcobaça)

Entre 5 de março e 23 de abril de 2012, estagiei na escola de Alcobaça, junto de uma turma de 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico. O estágio decorria às 2.ªs feiras, entre as 9h e as 11h, e às 4.ªs feiras, das 9h às 12h.

1.8.1 Caracterização da turma

A turma é constituída por 24 alunos, dos quais catorze são do género feminino e dez do masculino. O nível etário da turma é de 6 anos.

A Professora esclareceu, oralmente, que todos os alunos frequentaram a Educação Pré-Escolar nesta escola. Cerca de metade dos alunos residem na cidade; os restantes vivem em localidades próximas. São alunos interessados e participativos. No que diz respeito à aprendizagem, a turma é homogénea. Em relação à ocupação dos tempos livres, são crianças que gostam muito de brincar.

1.8.2 Espaço e horário

A sala tem uma dimensão razoável e está bem organizada, o que facilita a mobilidade dos alunos e Professora.

As carteiras estão dispostas em três filas de duas cadeiras, de frente para o quadro. O quadro é grande, o que permite uma boa visibilidade aos alunos. A secretária da Professora está virada para os alunos, ao lado do quadro. Ao lado da secretária da Professora está uma mesa com a *Cartilha Maternal*.

Na sala existem dois grandes armários, um serve de suporte ao material utilizado pela Professora e o outro contém os dossiês dos alunos e material escolar utilizado por estes. A decoração da sala tem a ver com elementos facilitadores de aprendizagem, tais como: relógios com diferentes horas, um comboio com as classes e ordens, sinais de pontuação.

Estive com esta turma à 2.^a feira, entre as 9h e as 11h, e à 4.^a feira, entre as 9h e as 12h, pelo que só pude assistir aos tempos correspondentes a Língua Portuguesa e Matemática, de acordo com o horário para estes tempos (v. Quadro 8).

Quadro 8 – Horário de estágio na Turma de 1.º ano (Alcobaça)

Horas	2. ^a feira	4. ^a feira
9:00h/11h	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa
11h/11:20h	Recreio com merenda	
11:30h/13h	Matemática	Matemática

1.8.3 Relatos diários

2.^a feira, 5 de março de 2012

A Professora fez a leitura modelo de um texto, do manual escolar, que tinha mandado para casa para os alunos estudarem. Depois, solicitou às crianças que lessem o texto em voz alta. Distribuiu uma proposta de trabalho com perguntas de interpretação sobre o texto, e exercícios de divisão silábica das palavras.

Fundamentação teórica

A leitura modelo é muito importante, pois se os alunos ouvirem ler corretamente determinado texto, isso auxilia-os na sua própria leitura. Jean (2000, p. 21) defende que “a leitura em voz alta bem conduzida pode ser determinante para criar novos desejos nos leitores e levá-los a penetrar em textos considerados difíceis”.

Com esta prática, o Professor desmitifica a leitura de determinadas palavras existentes no texto, enquanto os alunos seguem a sua leitura. Segundo Teberosky e Colomer (2003, p. 126), “quando o professor realiza a leitura em voz alta, a criança aprende a participar como audiência, porque escutar ler não é algo passivo”.

É fundamental que o Professor solicite e proporcione momentos de leitura em voz alta. Antão (1997) refere:

(...) a leitura em voz alta pode tomar várias directrizes, as quais estão dependentes do texto a ler, da capacidade de leitura a testar, da idade cronológica e intelectual do leitor, etc. assim poderá fazer-se uma leitura dirigida se o objectivo for corrigir as imperfeições (...) à medida que as dificuldades forem surgindo (p.46).

4.ª feira, 7 de março de 2012

Os alunos realizaram teste de Língua Portuguesa. A Professora distribuiu os testes, leu-o em voz alta de forma a evitar dúvidas.

Fundamentação teórica/ Inferências

A avaliação formativa é baseada num vasto leque de práticas integradas no processo ensino-aprendizagem, com o objetivo de levar os alunos a apropriarem-se das aprendizagens estabelecidas curricularmente. Cortesão (1993, p. 44) refere que esta abrange a “recolha e feedback de informação apropriada para uma sistemática e contínua revisão do decurso do processo, tendo em vista a melhoria”. Permite, desta forma, ao Professor, observar e testar a aprendizagem dos alunos no sentido de colmatar algumas lacunas e melhorar as suas aulas.

Estanqueiro (2010, p. 93) defende que “um teste bem construído mede, com rigor aproximado, o nível de desempenho do aluno, numa determinada área de conhecimento e num determinado momento. Permite, assim, detetar o que o aluno aprendeu e o que ainda não sabe”.

2.ª feira, 12 de março de 2012

Os alunos realizaram prova de avaliação de Matemática.

Fundamentação teórica

As provas de avaliação também servem para que o Professor possa refletir sobre as estratégias utilizadas para que as possa adequar aos interesses e experiências da turma. Fernandes (2005, p. 23) afirma: “o propósito primordial da avaliação é o de melhorar as aprendizagens, é o de ajudar os alunos a superarem as suas dificuldades”.

4.ª feira, 14 de março de 2012

A Professora contou uma história (“Tita, a coelhinha diferente”), fez perguntas sobre a história, e deu a cada aluno uma ficha de interpretação sobre esta.

Depois do recreio, a Professora pediu-me que desse uma aula com o Geoplano. Aproveitei a história que a Professora tinha contado e fiz um itinerário sobre esta.

Fundamentação teórica/ Inferências

“Tita, a coelhinha diferente” é uma história muito interessante do ponto de vista da educação cívica, pois fala de uma coelhinha que é diferente de todos os outros coelhos e da forma como esta lida com a sua diferença. A Professora aproveitou o conteúdo para formular questões inferenciais sobre a diferença entre as crianças.

Foi uma aula muito interessante e gostei da forma como os alunos se referiam às pessoas que conheciam e que, do ponto de vista deles, eram diferentes. Falavam dessas pessoas com carinho e alguns mesmo com admiração.

A aula de Matemática com o Geoplano foi dinâmica e os alunos manifestaram curiosidade sobre o itinerário que fomos construindo através de cálculos mentais. Serrazina e Matos (1988) defendem a utilização de materiais manipulativos nas aulas de matemática, dizendo que “ao dar aos alunos a oportunidade de experimentar a matematização através da manipulação de materiais não estamos apenas a fomentar uma atividade lúdica, mas estamos principalmente a criar situações que favorecem o desenvolvimento do pensamento abstracto” (p. 8). Os mesmos autores referem

também que “a resolução de problemas envolvendo caminhos e labirintos constitui um meio privilegiado de desenvolver a capacidade visual-motora” (p. 28).

2.ª feira, 19 de março de 2012

Como hoje foi o Dia do Pai, as crianças, depois da leitura de um texto-carta, escreveram uma carta, individualmente, para oferecerem aos pais.

Inferências

Os alunos estavam entusiasmados por escrever uma carta ao pai. Fizeram-no com todo o cuidado e precaução, para que esta ficasse bonita e a legível. Alguns diziam que queriam escrever tanto, mas que não iria caber numa só folha.

4.ª feira, 21 de março de 2012

Como é habitual, os alunos começaram a manhã com a leitura de um texto do manual escolar. De seguida, fizeram uma ficha de trabalho sobre o texto, e outra de gramática.

Logo após o intervalo, a Professora perguntou-me se eu queria dar uma aula com os Calculadores Multibásicos. Acedi prontamente, e realizei alguns exercícios com os alunos, de leitura de números.

Fundamentação teórica/ Inferências

Os alunos nesta fase já conhecem e sabem as regras dos Calculadores Multibásicos. Já sabem que em cada furo só se pode colocar peças de determinadas cores, que as cores têm nomes, e que a forma como as cores estão dispostas nas placas vão representar as ordens e classes. Caldeira (2009, p. 202) adverte para a importância de “fazer-se diversos exercícios de leitura de números. A leitura da placa faz-se sempre da esquerda para a direita. No 1.º Ciclo usam-se outras placas, de forma a que a leitura dos números seja gradual e mais completa”.

Iniciei o exercício de leitura de números apenas com uma placa, ditando um número, mais simples, até à ordem das dezenas. Depois, fui solicitando outros números até à ordem das centenas. Ruas e Grosso (2002, p. 23) salientam que no sistema de numeração decimal “os números representam-se por meio de algarismos

colocados lado a lado, ocupando uma determinada posição ou ordem. Cada algarismo ocupa uma ordem”.

No final, solicitei aos alunos que limpassem a placa e que acrescentassem mais uma placa, e ditei um número até à ordem dos milhares. Fui sempre solicitando a leitura por cores, ordens e classes. Ruas e Grosso (2002, p. 24) explicitam que “se um número tiver mais de três algarismos, é costume agrupá-los três a três (da direita para a esquerda) e chamar a cada um desses grupos, classe”.

4.ª feira, 11 de abril de 2012

Estive a ajudar a Professora a avaliar o conhecimento das crianças sobre algumas operações, tais como: soma sem transporte, soma com transporte, subtração sem empréstimo e multiplicação.

Fundamentação teórica/ Inferências

A avaliação dos alunos é um meio para conhecer os alunos e é conhecendo-os que, segundo Boggino (2009, p. 79), “é possível realizar intervenções pedagógicas apropriadas, que tendam a gerar melhorias nas suas aprendizagens”. O mesmo autor refere ainda que não se devem avaliar só os resultados, mas também os processos de aprendizagem, pois são estes que permitem aos professores “oferecer aos seus alunos um apoio pedagógico sistemático e ajustado às suas possibilidades de aprendizagem e que garanta a continuidade dos seus processos de aprendizagem”.

2.ª feira, 16 de abril de 2012

Os alunos leram em voz alta o texto que tinham levado para estudar em casa, individualmente. A Professora pediu-me que ajudasse duas crianças que têm mais dificuldades na leitura, recorrendo ao auxílio da *Cartilha Maternal*. Depois, fizeram a proposta de trabalho referente à interpretação do texto que tinham lido.

Fundamentação teórica/ Inferências

Estas duas crianças tinham algumas dificuldades na leitura, dificuldades essas que, na minha opinião, irão ultrapassar com mais prática, incentivo e reforço positivo. São alunos mais tímidos e introvertidos, o que faz com que tenham vergonha de ler em voz alta, perante a turma, o que Professora tenta colmatar com o reforço positivo.

É referido por Sanches (2001, p. 58) que “introduzir reforços positivos, oportunamente, é meio caminho andado para obter o sucesso dos alunos [e que] o elogio tem de ser oportuno, adequado, no momento exato”. É muito importante que o professor saiba valorizar as pequenas conquistas dos alunos, para que estes se sintam mais confiantes, motivados para a aprendizagem.

4.ª feira, 18 de abril de 2012

A pedido da Professora, dei uma aula com o 3.º e 4.º Dom de Froebel. Conteí uma história de um passeio ao Centro Comercial, com a entrada numa loja de mobiliário. Fizemos a construção da mobília de quarto, mobília de sala e da camioneta. Em cada uma destas construções, trabalhámos a soma, a multiplicação e algumas situações problemáticas.

Fundamentação teórica/ Inferências

As construções realizadas com os 3.º e 4.º Dons de Froebel são muito bem recebidas por estes alunos. Nota-se que gostam de trabalhar com estes Dons, e o facto de trabalharem com dois deles deixam-nos bastantes entusiasmados.

Ao trabalhar com o 3.º e 4.º Dons as crianças fazem construções com as peças existentes nas duas caixas, passam a ter 16 peças (8 cubos e 8 paralelepípedos). Caldeira (2009, p. 277) menciona que com estes dois Dons é possível “fazer construções e cálculos mais elaborados e complexos”.

Os materiais manipuláveis são um grande auxílio na compreensão matemática. Damas (2010, p. 5) sustenta essa ideia, referindo que “trabalhar a Matemática com compreensão, sobretudo no início da sua aprendizagem, não é tarefa fácil, mas é possível com recurso aos M. M. E. existentes, que permitem uma exploração transversal dos conteúdos matemáticos”.

2.ª feira, 23 de abril de 2012

A Professora começou o dia com a leitura de um texto com as crianças. Fez a leitura modelo, em voz alta, e de seguida todos os alunos leram em voz alta o texto.

Pedi à Professora para dar uma aula com os Calculadores Multibásicos, os quais usei para fazer com as crianças subtração com empréstimo.

Fundamentação teórica/ Inferências

Como é habitual, os alunos começam sempre o dia com a leitura de textos. Segundo me foi dito pela Professora, todos os dias leem nos mais diversos suportes de texto.

Teberosky e Colomer (2003) defendem que as leituras diárias, desde muito cedo, “permitem às crianças um contacto com a linguagem formal dos livros e com o texto escrito que as motiva a aprender, ao mesmo tempo em que condiciona suas aprendizagens posteriores” (p. 25). O facto de as crianças lerem nos mais diversos suportes de texto é fulcral para o desenvolvimento da capacidade leitora destas. As mesmas autoras definem suportes de texto como “objetos elaborados especialmente para a escrita, como livros, revistas, papéis administrativos, periódicos, documentos em geral” (p. 38).

Ao solicitar a leitura em voz alta, a Professora pretende desenvolver nos alunos não só o ato de ler, mas também a comunicação escrita, pois enquanto lêem, estes vão antecipando o trabalho de escrita. Tal como é referido por Ruivo (2009, p. 131), “o ato de ler é complexo e mobiliza uma infinidade de capacidades, logo a aprendizagem da leitura não deve ser encarada como uma simples aquisição de mecanismos e regras”, mas também como um meio para o desenvolvimento da escrita.

Purcell-Gates (1996, citado por Teberosky e Colomer, 2003) reforça que

(...) as leituras em voz alta também têm efeitos positivos sobre o desenvolvimento de aspetos não linguísticos. Assim, por exemplo, elas facilitam o conhecimento das funções da escrita, ao mesmo tempo em que favorecem a aprendizagem das convenções e dos conceitos relativos ao material impresso, e também atuam sobre as motivações para aprender a ler e a escrever. (p. 21)

1.9 Turma de 1.º ano (Lisboa)

Entre 9 de março e 27 de abril de 2012, às 6^{as} feiras, entre as 9h e as 17h, estagiei junto de uma turma de 1.º ano (Turma A), da escola de Lisboa.

1.9.1 Caracterização da turma

A Turma A é composta por 28 crianças (dezasseis meninas e onze rapazes). Todas as crianças perfazem os 8 anos de idade ainda durante este ano letivo.

As informações fornecidas oralmente pela Professora titular, de forma a possibilitar uma melhor caracterização da turma, foram as seguintes: os alunos estão bem integrados na dinâmica da escola e demonstram motivação e interesse pelas diversas actividades; há uma criança referenciada com dislexia, que se encontra a ser acompanhada por um profissional de saúde;

1.9.2 Espaço e horário

A sala do 1.º ano possui duas portas de acesso (uma para o exterior e outra que dá acesso ao salão). As janelas têm grandes dimensões, o que confere à sala muita luminosidade.

As mesas estão dispostas em três filas e agrupadas em pares. Estão direcionadas para uma parede, onde existem dois quadros de ardósia e dois estrados por baixo dos mesmos, de forma a que os alunos consigam escrever nos quadros. As paredes têm placards, onde a Professora afixa os trabalhos dos alunos.

Como estagiei junto desta turma à 6.ª feira, só assisti aos tempos correspondentes às áreas assinaladas no Quadro 9, que apresento na página seguinte.

Quadro 9 – Horário de estágio na Turma de 1.º ano (Lisboa)

Horas	4.ª feira
9h/10h	Língua Portuguesa
10h/11h	Língua Portuguesa
11h/11:30h	Recreio
11:30h/12h	Matemática
12h/12:50h	Educação Física
13h/14:30h	Almoço/Recreio
14:30h/15:20h	Estudo do Meio
15:20h/16:10h	Estudo do Meio
16:10h/17:00	Assembleia de Turma

1.9.3 Relatos diários

6.ª feira, 9 de março de 2012

A Professora apresentou-nos à turma e explicou-nos a organização da sala de aula.

Os alunos, durante o período da manhã, tinham uma visita de estudo. Fomos à Fundação Calouste Gulbenkian ver uma exposição. “A árvore das Ideias”.

No período da tarde, houve um concurso de dança entre os diversos alunos do 1.º Ciclo. Esse mesmo concurso destinava-se a apurar os vencedores desta escola, para participarem no concurso com os outros estabelecimentos escolares da mesma Instituição.

Fundamentação teórica

A visita de estudo é uma atividade fora da sala de aula, que constitui uma situação de aprendizagem. No desencadear destas saídas, os alunos adquirem conhecimentos, desenvolvem a sociabilidade, competências, valores e atitudes.

Almeida (1998) define as visitas de estudo como

(...) qualquer deslocação efetuada pelos alunos fora do recinto escolar com objetivos educacionais, e inseridas no conjunto de atividades prática possíveis de realizar, podem revelar-se uma importante atividade, facilitadora da compreensão dos conhecimentos científicos e do desenvolvimento de competências cognitivas e socio-afetivas dos alunos (p. 25).

O mesmo autor refere que a visita de estudo permite também ao professor observar o comportamento dos seus alunos, pois “há uma aprendizagem recíproca de novas formas de participar, de ouvir e de executar” (p. 55).

6.ª feira, 16 de março de 2012

Os alunos iniciaram a manhã com a leitura de um texto do manual escolar. De seguida, fizeram uma ficha de trabalho sobre gramática.

Depois do intervalo, a Professora distribuiu uma ficha de trabalho com situações problemáticas para os alunos resolverem, a qual foi realizada a pares. No período da tarde, terminaram a ficha de situações problemáticas, corrigiram-nas em conjunto, e foram para o ginásio para a aula de Educação Física.

Fundamentação teórica/ Inferências

As situações que a Professora colocou na ficha de trabalho eram diversificadas e tinham a ver com situações que se passavam no dia-a-dia dos alunos. Pude observar o entusiasmo dos alunos durante esta actividade. Foi notório que gostam destes desafios.

É muito importante que o professor estimule os alunos para a realização de situações problemáticas e que o faça a pares. Ao fazê-lo, estimula a capacidade de compreensão, de raciocínio e de espírito crítico.

Para Abrantes (1999, pp. 15-16), “todas as crianças e jovens devem desenvolver a sua capacidade de usar a matemática para analisar e resolver situações problemáticas, para raciocinar e comunicar, assim como a autoconfiança necessária para fazê-lo”. Ponte e Serrazina (2000, p. 56) sustentam que “a resolução de problemas ajuda a desenvolver a compreensão das ideias matemáticas e a consolidar as capacidades já aprendidas e, por outro lado, constitui um importante meio de desenvolver novas ideias matemáticas”.

6.ª feira, 23 de março de 2012

Fui com a turma, ao Coliseu, ver a peça “O Pinóquio”, de La Féria.

No período da tarde, tal como me tinha sido proposto pela Professora, fiz uma actividade com os alunos sobre o Dia Mundial da Árvore. Comecei a aula com uma adivinha, através da qual os alunos descobriram o tema. Falámos sobre a importância das árvores e os cuidados a ter com estas. De seguida, com a ajuda dos alunos, plantámos um pinheiro. Para terminar, fizemos um cartaz com uma árvore, na qual a copa foi feita com as mãos destes.

Fundamentação teórica/ Inferências

A peça de teatro que os alunos foram ver era muito divertida. A história era muito idêntica ao conto de Carlo Colodi, que estes conheciam e houve bastante interação entre os atores e as crianças.

É muito importante o contacto das crianças com as mais diversas formas de arte. Bastos (1999, p. 235) define o teatro como “uma forma de arte específica, uma arte do verbo e do simulacro, um espaço simbólico e metafórico onde as noções de personagem e de interpretação constituem o interesse e a intensidade da

comunicação”. Esta autora refere ainda que a “ida escolar ao teatro solicita um conjunto de atitudes, primeiro por parte de professores e educadores, no sentido de, mais do que um ritual a cumprir anualmente, constituir uma verdadeira sensibilização à linguagem teatral”.

6.ª feira, 13 de abril de 2012

Hoje, dei aulas programadas.

Na área de Português, propus-me abordar a família de palavras. Comecei por dizer e escrever no quadro algumas palavras da família da palavra “feliz”. Depois, questionei os alunos se estas palavras tinham algo em comum. A partir das respostas dadas, fui explicando o que é a família de palavras. Demos novos exemplos que íamos escrevendo num placar em forma de árvore (que eu tinha levado) e, para finalizar, realizámos uma ficha de trabalho.

Em Matemática, planeei abordar as horas. Perguntei aos alunos a que horas começavam as aulas, como é que sabiam que estava na hora de vir para a escola, ao que eles foram respondendo, chegando desta forma ao tema da aula. Coloquei um relógio de ponteiros (feito de cartolina) no quadro. Expliquei que este servia para medir o tempo. Explorámos em conjunto o relógio. Foram dados conceitos como: o dia tem 24 horas, a hora tem 60 minutos, o ponteiro pequeno marca as horas, o ponteiro grande indica-nos os minutos, entre outros. De seguida, distribuí por cada criança um envelope, em cujo seu interior estavam os constituintes do relógio e ataches, para que cada um pudesse construir o seu próprio relógio. Foram fazendo os exercícios propostos nos relógios que construíram. Estes exercícios foram corrigidos no relógio grande que estava exposto no quadro.

Na aula de Estudo do Meio, sobre o Sol e cuidados a ter com este, comecei com uma adivinha para que os alunos chegassem ao tema. De seguida, questionei-os sobre o que é o Sol, e a importância deste na nossa vida. Passei um *PowerPoint* sobre os cuidados a ter quando estamos expostos ao Sol. Terminei a aula com uma história “O menino Sol que nunca queria dormir”.

Fundamentação teórica/ Inferências

A aula lecionada nas Área de Português e Matemática estão descritas no capítulo da planificação.

Quanto à aula de Estudo do Meio, depois de questionar os alunos sobre o que estes sabiam sobre a importância do Sol para os seres vivos e quais os cuidados que devemos ter com este, fui-lhes explicando que precauções deveriam ter quando expostos a este. Segundo o *Programa de Estudo do Meio do Ensino Básico* (Ministério da Educação, 2004a, p. 109), os alunos do 1.º Ciclo devem “Reconhecer a importância do ar puro e do sol para a saúde” e “identificar alguns cuidados a ter com a exposição ao sol”.

6.ª feira, 20 de abril de 2012

Fui surpreendida por uma das Supervisoras da Prática Pedagógica que entrou na sala de aula e solicitou que desse uma aula surpresa, com os Calculadores Multibásicos. Pediu-me que trabalhasse com as crianças a subtração com empréstimo e a divisão. Iniciei a aula com a subtração e, de seguida, fiz uma situação problemática que levou os alunos a fazerem a divisão.

Fundamentação teórica/ Inferências

Inicialmente, quando fui surpreendida com o que me foi solicitado, fiquei extremamente nervosa, pois nunca tinha tido oportunidade de observar aulas com os Calculadores Multibásicos no 1.º ciclo. Passado o nervosismo inicial (embora achasse que era impossível esta aula correr bem), iniciei a aula completamente à vontade, pois para mim esta aula já estava ‘perdida’.

Devo inferir que os alunos foram maravilhosos e foi com o auxílio destes que consegui dar uma aula positiva. Sem a ajuda deles não o teria conseguido. Foi notório que as crianças estavam habituadas a trabalhar com este material, e que conheciam todas as suas regras.

As aula “surpresa” obrigam-nos a concentrar-nos no que nos é solicitado e a tentar rapidamente construir um fio condutor do que vamos fazer durante os 20 minutos de aula. Moreira (2004) conclui que “a principal função da ‘surpresa’ é centrar o indivíduo num determinado estímulo. No fundo, é colocar o indivíduo em contacto com determinado estímulo/situação/pessoa/acontecimento” (p.52). Refere também que “a surpresa é a emoção característica dos momentos em que se regista uma descontinuidade, algo inesperado ou incomum que mereça destaque e que permita ao indivíduo organizar-se face a essa situação/acontecimento/pessoa, etc.” (p. 53).

6.ª feira, 27 de abril de 2012

Iniciámos o dia a ouvir as crianças a ler.

De seguida, a Professora deu uma aula com o 5.º Dom de Froebel. Foi fazendo perguntas sobre o material, questionou os alunos sobre a quantidade de peças inteiras que constitui este material, metades e quartos. Fizeram a construção da casa. De seguida, e tendo sempre em conta a construção que tinham feito, fizeram situações problemáticas nas quais trabalharam a soma, subtração, multiplicação e frações.

No período da tarde, houve reunião na ESE João de Deus, sobre a Prática Pedagógica, tendo como ponto principal a avaliação das aulas lecionadas por cada uma das alunas.

Fundamentação teórica/ Inferências

Foi a primeira vez que tive oportunidade de observar os alunos a trabalhar com o 5.º Dom de Froebel, e realmente deu para confirmar a facilidade que estes têm em compreender as frações com a manipulação das peças deste material.

O 5.º Dom é composto por 21 cubos inteiros, três cubos partidos em dois meios e três cubos partidos em quatro quartos. Estão dentro de uma caixa de madeira em forma de cubo e os cubos têm as mesmas dimensões dos do 3.º Dom. Segundo Caldeira (2009), o 5.º Dom “permite uma ampliação significativa dos conhecimentos das crianças sobre os números racionais” (p. 302). A mesma autora refere que “as situações que desenvolvem o raciocínio lógico-matemático são exploradas a partir das construções que terão a sequência que quisermos. Para uma aula podemos escolher duas ou três construções e com elas levar a criança a executar mentalmente situações problemáticas” (p. 260).

1.10 Turma de 2.º ano (Alcobaça)

Entre 30 de abril e 22 de junho de 2012, às 2.ªs feiras, entre as 9h e as 11h, e às 4.ªs feiras, entre as 9h e as 12h, estagiei, na escola de Alcobaça, junto de uma turma de 2.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

1.10.1 Caracterização da turma

A turma é constituída por 18 alunos, sendo seis do género feminino e doze do género masculino. O nível etário desta turma é de 7 anos.

Como esclarecido oralmente pela Professora titular, todos alunos frequentaram a Educação Pré-Escolar e o 1.º ano neste mesmo estabelecimento, à exceção de uma criança que frequenta esta escola pela primeira vez. Quanto às áreas de estudo, os alunos mostram-se interessados e participativos em todas as atividades, principalmente em atividades de leitura individual, na história do dia e na Assembleia de Turma. Ainda no que diz respeito à aprendizagem, é uma turma homogénea, havendo alguns alunos com facilidade de aprendizagem e uma pequena minoria que precisa de um acompanhamento mais específico. Quanto aos tempos livres, os alunos gostam bastante de brincar e jogar à bola ou a outros jogos, andar de bicicleta, de trotineta. Alguns alunos têm atividades extracurriculares, tais como ballet, música, natação, ténis, futebol, escutismo, inglês e informática. A Turma é muito ativa e agitada, mas simpática e motivada para aprender.

1.10.2 Espaço e horário

Esta sala do 2.º ano é uma sala de grandes dimensões. Tem várias janelas, o que permite que tenha muita luz natural.

As carteiras estão dispostas em quatro filas de duas cadeiras, de frente para os quadros (de ardósia e interativo). A secretária da Professora está virada para os alunos, ao lado dos quadros. Há dois grandes armários: um que serve de suporte ao material utilizado pela Professora e outro que contém os dossiês dos alunos e material escolar utilizado por estes.

A sala está decorada com elementos facilitadores de aprendizagem, e trabalhos realizados pelos alunos.

Realizei estágio com esta turma durante duas manhãs, pelo que só assisti aos tempos correspondentes a Língua Portuguesa e Matemática (v. Quadro 10).

Quadro 10 – Horário de estágio na Turma de 2.º ano (Alcobaça)

Horas	2.ª feira	4.ª feira
9h/11:00h	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa
11:00h/11:20h	Recreio com merenda	
11:20h/13:00h	Matemática	Matemática

1.10.3 Relatos diários

2.^a feira, 30 de abril de 2012

O pessoal docente esteve de *roulement*, pelo que, neste dia, estive com a Professora do 1.^o ano e com os alunos do 1.^o e 2.^o ano. Vieram poucas crianças à escola, logo não houve atividades letivas. Uma mãe que estava de férias veio à escola falar um pouco sobre a sua profissão.

Fundamentação teórica/ Inferências

A mãe do aluno que veio à escola é dentista e veio falar com os alunos sobre a sua profissão e a importância da higiene dentária. Foi pena ter vindo num dia em que estavam poucos alunos na escola, mas a disponibilidade desta não era muita para vir num outro dia.

Gostei muito desta apresentação até porque defendo a importância, para os alunos, pais e professores, da inclusão dos pais no contexto escolar. Também é defendido nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997) o seguinte:

Os pais poderão, eventualmente, participar em situações educativas planeadas pelo educador para o grupo, vindo a contar uma história, falar da sua profissão, colaborar em visitas e passeios, etc. Assim, a colaboração dos pais, e também de outros membros da comunidade, o contributo dos seus saberes e competências para o trabalho educativo a desenvolver com as crianças, é um meio de alargar e enriquecer as situações de aprendizagem (p. 45).

4.^a feira, 2 de maio de 2012

Os alunos terminaram de corrigir uma ficha de preparação para o teste intermédio de Matemática.

De seguida, fizeram um exercício caligráfico. A Professora explicou-lhes que é um palíndromo e fizeram jogos com estas palavras.

Fundamentação teórica/ Inferências

Os testes intermédios são instrumentos de avaliação que segundo o Ministério da Educação (2013) têm como objetivos principais,

(...) permitir a cada professor aferir o desempenho dos seus alunos por referência a padrões de âmbito nacional, ajudar os alunos a uma melhor consciencialização da progressão da sua aprendizagem e, complementarmente, contribuir para a sua progressiva familiarização com instrumentos de avaliação externa.

2.ª feira, 7 de maio de 2012

A Professora iniciou o dia, com os alunos sentados no chão, a contar o conto tradicional “João e o Pé de Feijão”. Depois, fizeram uma ficha de preparação para os exames intermédios de Português e a correção desta.

Fundamentação teórica/ Inferências

Este grupo de alunos gosta muito de contos tradicionais, e a Professora contou-me que, a pedido destes, muitas vezes lhes contava este tipo de histórias.

É muito importante que durante a infância as crianças ouçam contar histórias tradicionais, pois estas vão permitir que adquiram estruturas mentais que facilitem a compreensão de histórias literárias, escritas propositadamente para elas. Bastos (1999, p. 68) defende a importância dos contos tradicionais durante toda a infância, pois, “o seu papel na formação da personalidade da criança, dimensão mais recentemente explorada, tem igualmente vindo a merecer a atenção de variados sectores”. Esta autora refere ainda que estes são essenciais para o “desenvolvimento da imaginação, considerada como uma faculdade essencial do homem, particularmente fecunda durante a infância, e determinante para os processos de desenvolvimento da pessoa, tanto culturais como afetivos, sociais e individuais”.

4.ª feira, 9 de maio de 2012

A Professora distribuiu um texto pelos alunos. Estes procederam à sua leitura de forma silenciosa. Após, responderam a perguntas de interpretação sobre o mesmo.

Na área da Matemática realizaram exercícios sobre o perímetro e a área.

Fundamentação teórica/ Inferências

A leitura silenciosa também é muito importante, pois obriga os alunos a ficarem concentrados na descodificação e interpretação do texto ao mesmo tempo. Antão (1997) refere a importância da leitura silenciosa como

(...) um bom pretexto para avaliar a compreensão linear e dedutiva de quem lê. Este tipo de leitura – e a verificação da respetiva compreensão – torna-se útil para se saber quando é que o leitor está pronto a usar a sua capacidade de ler como auxiliar eficaz do estudo ou investigação. Além disso só a leitura silenciosa permite a leitura rápida, uma vez que pronunciar vocábulos é um processo muito mais lento do que visualizar um grupo de palavras e associá-lo, mentalmente, ao significado respectivo. (p. 46)

2.ª feira, 14 de maio de 2012

Os alunos fizeram uma ficha intermédia (modelo) de Matemática e de seguida foi feita a sua correcção, oralmente.

Fundamentação teórica

A correcção de fichas ou testes, tal como é referido por Estanqueiro (2010, p. 95), “ajuda o aluno a identificar os seus progressos e as suas dificuldades, a verificar o que fez bem e o que fez mal”.

4.ª feira, 16 de maio de 2012

Os alunos leram o texto “Acende a luz”, do manual escolar. Depois, a Professora fez algumas perguntas de interpretação do mesmo. Fizeram exercícios sobre as funções sintáticas das frases.

A Professora colocou no quadro duas operações de multiplicação e duas operações de divisão. Pediu aos alunos que passassem para as folhas de matemática e realizassem as operações, fazendo as provas reais pela mesma operação e pela operação inversa.

Fundamentação teórica/ Inferências

A Professora solicitou, e bem, aos alunos, que realizassem as provas das operações que fizeram, pois assim estes perceberam que, desta forma, ao realizarem os algoritmos da divisão e da multiplicação, esta é uma das formas possíveis de verificarem se o resultado está correto.

Grosso e Ruas (2002, p. 121) esclarecem que “para confirmar o resultado de um cálculo, é costume efetuar-se um outro cálculo, chamado prova, pela mesma

operação ou pela operação inversa e, com base nas propriedades das operações, fazer a confirmação que se pretendia”.

2.ª feira, 21 de maio de 2012

Foi feita a leitura de provérbios que os alunos recolheram junto de familiares. Fizeram ainda um exercício caligráfico. A Professora explicou e fez exercícios no quadro sobre os verbos no tempo imperfeito do modo indicativo.

Depois do intervalo a meio da manhã, a Professora fez situações problemáticas, contagens e cálculo mental com o 5.º Dom de Froebel – construção do poço. No final, a Professora deixou que os alunos fizessem construções livres com o material.

Fundamentação teórica/ Inferências

Foi notório o trabalho de pesquisa junto de familiares que cada aluno realizou sobre provérbios. Cada um trouxe uma lista enorme de provérbios.

Bastos (1999, p. 106) refere os provérbios como “sínteses de uma sabedoria secular, de ordem moral ou prática, transmitida de geração em geração” (p. 106). Franco (1999, p. 128) defende a exploração dos provérbios com as crianças, pois estes “permitem o acesso a referências culturais e a um tipo de sabedoria ancestral que não deveria ser desperdiçada”.

4.ª feira, 23 de maio de 2012

A manhã começou com os alunos a fazerem exercícios de leitura de números e operações de somar e multiplicar.

Depois do recreio, os alunos foram para a cantina auxiliar na confeção de bolinhos de cenoura, receita que um dos alunos tinha levado para a escola no dia anterior.

Fundamentação teórica/ Inferências

A receita dos bolinhos de cenoura foi resultado de um trabalho de pesquisa realizado por um dos alunos, que, em conversa em sala de aula, tinha garantido a dois dos colegas que diziam não gostar de cenouras que os levaria a comer cenouras e a

gostar. Peterson e Felton-Collins (1998, p. 50) defendem a realização de receitas, pois esta atividade “proporciona a experiência na seriação ou compreensão de uma sequência de operações e acontecimentos (...) bem como na medição e compreensão das alterações que ocorrem na textura, dimensão, sabor”.

2.ª feira, 28 de maio de 2012

Os alunos fizeram uma ficha intermédia de Língua Portuguesa.

Após, a Professora fez algumas revisões de gramaticais.

Trabalharam ainda a tabuada do 8, e fizeram alguns exercícios com medidas de comprimento e de capacidade.

Fundamentação teórica/ Inferências

É essencial que os alunos compreendam o cálculo que lhes permite saber a tabuada, mas, acima de tudo, o conhecimento da tabuada vai permitir que estes calculem com mais rapidez e eficácia operações de divisão e multiplicação.

Os alunos devem repetir um grande número de vezes a tabuada, para que possam adquirir o mais completo automatismo. É imprescindível exercitar a tabuada, mas também compreender o seu mecanismo, visto que, como refere Mialaret (1975, p. 75), “o importante é pôr em evidência a estrutura da nossa numeração decimal e ensinar o aluno a aplicar os resultados obtidos em situações análogas”.

4.ª feira, 30 de maio de 2012

A Professora, enquanto revia com os alunos as características de alguns animais, recorreu ao quadro interativo para mostrar imagens de diversos animais.

Na área da Matemática, os alunos fizeram operações e situações problemáticas com a divisão.

Fundamentação teórica/ Inferências

As imagens que a Professora utilizou eram bastantes grandes e apelativas. Mostrar estas imagens aos alunos foi muito positivo e contribuiu para a construção da aprendizagem. Segundo Spodek e Saracho (1998), “uma variedade de representações audiovisuais também pode oferecer recursos para o ensino das ciências sociais” (p.

335). Os mesmos autores concluem que “as exposições de materiais são muito úteis para comunicar informação” (p. 335).

2.ª feira, 4 de junho de 2012

Os alunos começaram a manhã com a realização de uma ficha intermédia (modelo) de Matemática.

Depois de realizada e corrigida a ficha, a Professora solicitou que conjugassem o verbo pintar em todos os tempos dados do modo indicativo.

Fundamentação teórica/ Inferências

Na área de Português, a Professora, ao solicitar aos alunos que conjugassem os verbos nos diversos tempos que conheciam, corresponde ao que é defendido no *Programa de Português* (Ministério da Educação, 2009, p. 48): no quadro de descritores de desempenho e conteúdo de Conhecimento Explícito da Língua – 1.º e 2.º anos, sobre a “flexão verbal”, os alunos devem saber os “tempos verbais – presente, futuro, pretérito (perfeito)”.

4.ª feira, 6 de junho de 2012

Foi feita a leitura e análise de um poema do livro *A estrela de Laura*. Os alunos fizeram exercícios de interpretação do mesmo poema, e fizeram a revisão sobre rimas e quadras.

Os alunos realizaram exercícios de cálculo mental das quatro operações.

Fundamentação teórica

É importante que o professor proporcione diversas situações que levem os alunos a utilizarem o cálculo mental, pois é este que é fundamental para se poder resolver problemas que futuramente se possam deparar no dia-a-dia.

No *Programa de Matemática do Ensino Básico* (Ministério da Educação, 2007) vem referido:

(...) a destreza de cálculo é essencial para a manutenção de uma forte relação com os números, para que os alunos sejam capazes de olhar para eles criticamente e interpretá-los de modo apropriado (...) pois quanto maior for o desenvolvimento das estratégias de cálculo mental mais à-vontade se

sentirá o aluno no uso de estratégias de cálculo mais convencionais como os algoritmos das quatro operações (p. 10).

2.ª feira, 11 de junho de 2012

Os alunos iniciaram o dia com exercícios de leitura de números e operações com algoritmos. Fizeram ainda uma ficha de trabalho de Estudo do Meio.

Fundamentação teórica/ Inferências

A Professora desta turma, por vezes, recorre à realização de propostas de trabalho, de forma a consolidar e exercitar o conteúdo abordado, desenvolver a linguagem escrita e a ortografia.

Segundo Peterson (2003, p. 82), “a consolidação ajuda o professor e os alunos a destacar, a enfatizar, a efetuar alguns exercícios, a generalizar, a sintetizar, a fixar, a aplicar uma regra, a desenvolver a matéria com mais exemplos”. A consolidação dos conteúdos dados pode ser realizada na oralidade ou em suporte de papel.

4.ª feira, 13 de junho de 2012

Dei uma aula de expressão escrita colectiva. Comecei por lembrar como se elaborava o texto e os componentes que este tem de ter. De seguida, distribuí cartões com várias personagens, locais, intrigas, e levei os alunos a elaborarem o texto em conjunto.

Distribuí pelos alunos uma proposta de avaliação de Estudo do Meio. Fiz a leitura da ficha em voz alta e expliquei-lhes o que era para fazer. A proposta de trabalho que distribuí pelos alunos foi realizada sem ajuda, e vai ser utilizada nos dispositivos de avaliação. Os alunos tiveram 15 minutos para a sua realização.

Fundamentação teórica/ Inferências

Trabalhar com toda a turma foi uma experiência muito interessante. Claro que, primeiro, tivemos que estabelecer regras para que tudo funcionasse. Com esta atividade pude constatar o quanto os alunos gostam de trabalhar em grupo, mesmo sendo em grupo/turma.

Quando estes não estavam de acordo com as escolhas feitas, eu auxiliava-os nas suas decisões. André (1986, p. 11) refere que os comentários do professor devem ser “feitos sempre e somente no grupo ao lado dos estudantes, deverão ser dirigidos para estimular, para mostrar novos caminhos, dar sugestões interessantes que, colocadas a juízo dos que aprendem, possam ser livremente aceitas”.

Para Condemarín e Chadwick (1987, p. 159), “a escrita criativa é um dos melhores meios para estimular os processos de pensamento, imaginação e divergência”. O texto que resultou desta atividade foi muito criativo.

2.ª feira, 18 de junho de 2012

Com o auxílio de sinais de pontuação gigantes e uma história, a Professora fez a revisão do uso dos sinais de pontuação.

Os alunos foram para o ginásio fazer o ensaio para a festa do final de ano – a representação da história de amor de D. Pedro e D. Inês de Castro.

Fundamentação teórica

Ao representar, as crianças praticam a memorização, a oralidade, aprendem a improvisar, desenvolvem a socialização, a criatividade, a expressão corporal, etc.

Quando, a somar àqueles benefícios, a representação realizada pelos alunos faz parte de um período da História, Proença (1990, p. 135) refere que estas permitem que o ensino “se torne motivador e estimulam o desenvolvimento de várias capacidades, particularmente no domínio da imaginação, criatividade e capacidade de expressão” (p. 135).

4.ª feira, 20 de junho de 2012

Foram realizadas situações problemáticas sobre a temática da festa do final de ano. Os alunos voltaram aos ensaios para a festa de final de ano.

Fundamentação teórica/ Inferências

Ao proporcionar aos alunos o desafio de resolverem situações problemáticas que tinham a ver com o que estes estavam a passar no momento, a Professora levou

a que os alunos se mostrassem empenhados e interessados em chegar à sua resolução. Segundo o *Programa de Matemática* (Ministério da Educação, 2007),

A resolução de problemas exige, necessariamente, a utilização de conhecimentos e o domínio de técnicas que, deste modo, se tornam significativas. (...) interessam-se por problemas práticos se estes se relacionarem com a sua vida na escola ou resultarem da abertura desta à comunidade (p. 68).

1.11 Turma de 2.º ano (Lisboa)

Durante o período de 4 de maio a 22 de junho, às 6.^{as} feiras, entre as 9h e as 17h, realizei o meu estágio, na escola de Lisboa, junto da Turma A do 2.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

1.11.1 Caracterização da turma

Esta turma é composta por 29 crianças (dezassete meninos e doze meninas), todas elas na faixa etária dos 7 anos. Dois meninos são gémeos e duas meninas são também gémeas.

O grupo está inserido na dinâmica do Jardim-Escola.

1.11.2 Espaço e horário

A sala desta turma tem duas portas – uma de acesso ao exterior e a outra de acesso à biblioteca. Tem muita luminosidade natural, pois tem janelas de grandes dimensões.

As mesas estão agrupadas a pares e formam três filas direcionadas para o quadro de ardósia existente numa das paredes da sala. Há dois grandes armários, nos quais estão guardados os dossiês e materiais dos alunos e todo o material utilizado pela Professora titular.

Nas paredes existem cartolinas com os esquemas alusivos aos conteúdos temáticos abordados. Numa das paredes estão dois placares com os trabalhos realizados pelos alunos.

Apenas estive com a turma às 6.^{as} feiras, das 9h às 17h, portanto só me foi permitido assistir aos tempos correspondentes às áreas de Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio, como mostro no Quadro 11.

Quadro 11 – Horário de estágio na Turma de 2.º ano (Lisboa)

Horas	6.ª feira
9h/10h	Língua Portuguesa
10h/11h	Língua portuguesa
11h/11:30h	Recreio
11:30h/12h	Matemática (materiais)
12h/12:50h	Estudo do Meio
13h/14:30h	Almoço e Recreio
14:30h/15:20h	Estudo do Meio
15:20h/16:10h	Estudo
16:10h/17h	Assembleia de turma

1.11.3 Relatos diários

6.ª feira, 4 de maio de 2012

A Professora iniciou o dia com uma ficha de preparação para os exames intermédios do 2.º ano. De seguida, fizeram um exercício ortográfico, que consistia em inventarem e escreverem uma frase com as palavras que a Professora ia dizendo. Divididos em grupos, foi-lhes distribuídos três fantoches. Com base nas personagens que lhes foram dadas (fantoches) estes inventaram uma história, escreveram-na e representaram-na com os fantoches.

Dois grupos de alunos fizeram a apresentação de trabalhos de pesquisa que tinham realizado: um grupo apresentou a chita e o outro grupo apresentou o gato.

Fundamentação teórica/ Inferências

Gostei da estratégia utilizada pela Professora para que os alunos realizassem a produção escrita.

Fontes et. al. (s.d., p. 53) dizem-nos que “quando se estimula a livre expressão oral e a criatividade literária não há a intenção de formar futuros escritores nem tão-pouco a de espantar o mundo com produções extraordinárias”. Mas há intenções de

fazer crescer o imaginário das crianças. Estes autores acrescentam que “todas estas formas de educação estimulam as capacidades criadoras e contribuem para o desenvolvimento das potencialidades individuais específicas de cada criança”.

A apresentação das histórias que os alunos criaram foi um momento muito divertido para toda a turma. Com esta actividade, a Professora trabalhou não só a expressão escrita como também a expressão dramática.

6.ª feira, 11 de maio de 2012

As crianças começaram por ler um texto do manual escolar. De seguida, fizeram uma prova de Português de preparação para os exames intermédios.

No período da tarde, em Estudo do Meio, abordaram os peixes. Fizeram, depois, um origami de um peixe, que colaram na folha onde escreveram informação sobre os peixes. De seguida, ainda na área de Expressão Plástica, fizeram um trabalho com carvão.

Apresentaram também um trabalho de grupo, cujo tema era a Roda dos Alimentos.

A Professora leu-lhes o livro *A Senhora Tagarela*.

Fundamentação teórica

As atividades como as dobragens/origamis contribuem para o desenvolvimento das crianças. Spodeck e Saracho (1998, p. 344) referem que esta atividade “pode melhorar as habilidades motoras finas e promover a paciência das crianças”.

Segundo o *Programa de Expressões do Ensino Básico* (Ministério da Educação, 2004b, p. 95), “durante o 1.º Ciclo as crianças deverão, ainda, desenvolver as suas capacidades expressivas através da utilização de diferentes materiais e técnicas”.

6.ª feira, 18 de maio de 2012

Como é habitual, começámos o dia a ouvir ler os alunos. Enquanto isso entrou uma das Supervisoras de Estágio na sala, que solicitou a uma colega que desse a subtração com empréstimo com os Calculadores Multibásicos.

De seguida, fomos para a reunião com as Supervisoras da Prática Pedagógica.

No período da tarde os alunos tiveram Expressão Plástica. Nesta aula pintaram uma tela. Todas as crianças trouxeram de casa materiais para reciclar, e em grupos, elaboraram cartazes sobre a poluição e a reciclagem.

Fundamentação teórica

A Expressão Plástica é muito importante durante o processo de aprendizagem das crianças, pois desenvolve nestas a criatividade e o sentido estético. Sousa (2003, p. 160) refere: “a expressão plástica é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades”.

A Área de Expressão Plástica é parte integrante do currículo elaborado pelo Ministério da Educação para o 1.º Ciclo. Segundo o *Programa* desta Área (Ministério da Educação, 2004b, p. 89), “a manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvem formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade”.

6.ª feira, 25 de maio de 2012

Hoje uma das colegas de estágio deu aula programada, de Português, sobre as onomatopeias. A colega recorreu ao uso de um *PowerPoint* que continha as imagens e ao clicar-se nas mesmas ouvíamos os sons.

Na Área da Matemática, realizou com os alunos um itinerário, recorrendo ao material estruturado Cuisenaire.

Na Área de Estudo do Meio, fez uma experiência com os alunos, para que estes percebessem como é que se forma o Arco-íris.

De seguida, tivemos reunião com as Supervisoras Pedagógicas.

Inferências

A aula da colega foi muito interessante e bem planeada; os alunos estavam interessados e atentos. A Área na qual achei que estes estiveram mais entusiasmados e atentos foi na de Português.

6.ª feira, 1 de junho de 2012

Hoje foi o Dia Mundial da Criança. Na escola, havia nos recreios insufláveis. Um destes era para jogar matraquilhos humanos, vários jogos tradicionais, como o jogo do saco, pins de *bowling*, várias cordas para saltarem à corda, entre outros. O dia foi passado no recreio. Foi-nos solicitada ajuda para orientar as crianças nas entradas dos insufláveis.

Fundamentação teórica/ Inferências

Embora em Portugal seja comemorado o Dia Mundial da Criança a 1 de junho, na realidade este é oficialmente assinalado a 20 de novembro, pois é esta data que a ONU reconhece como dia Universal das Crianças. Foi a 20 de novembro de 1989 que se aprovou a Declaração dos Direitos da Criança.

O facto de este dia ter sido comemorado ao ar livre e terem sido proporcionadas às crianças várias atividades lúdicas fez com que as crianças estivessem muito satisfeitas e felizes.

Hohmann e Weikart (2004) referem:

(...) o tempo ao ar livre ou exterior é uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em atividades lúdicas vigorosas e barulhentas (...) Os adultos juntam-se à brincadeira das crianças e ganham uma compreensão maior dos interesses e capacidades que elas possuem. (p. 432)

6.ª feira, 8 de junho de 2012

Hoje dei aulas programadas.

Iniciei com a área de Estudo do Meio, levando os alunos a fazer uma experiência sobre a oxidação da maçã. Pedi aos alunos que se sentassem em grupos de quatro, fiz algumas perguntas sobre a fruta que costumavam comer e qual o aspeto desta depois de cortada, se não a comessem logo. Depois, distribuí o protocolo experimental por todos e todo o material necessário à experiência. Ajudei-os a cortar as maçãs em quartos, pois não queria que estes mexessem na faca. Realizaram todos os passos pedidos no protocolo. Enquanto esperámos que começasse a notar-se diferença no pedaço de maçã de referência, fomos falando sobre a importância da fruta e os cuidados de higiene que devemos ter antes de a comermos. Por fim, o pedaço de maçã que foi utilizado como referência, que esteve em contacto direto com o ar, ficou escurecido. Fui questionando os alunos sobre o que viram acontecer aos

quatro quartos de maçã e porque é que terá escurecido só um dos quartos de maçã. Os alunos foram tirando conclusões até chegarmos à explicação correta.

De seguida, passámos à Matemática, onde trabalhámos com o 5.º Dom de Froebel. Comecei por lembrar as regras de utilização deste material. De seguida, explorámos o material, identificando os cubos inteiros, os meios cubos e os quartos de cubos. Revimos alguns conceitos, tais como figura, sólido geométrico e frações. Posteriormente, fizemos a construção da casa. Através desta construção, levei os alunos a resolverem algumas situações problemáticas.

Em Português, fizemos uma composição colectiva. Expliquei como era constituído um texto: introdução, desenvolvimento e conclusão. Levei origamis “quantos queres”, para escolhermos o herói da história, o local onde se passa a história, quando se passa a história, o vilão, a missão do herói e os objetos/personagens que o vão ajudar na sua missão. Depois de termos estes elementos, fizemos uma composição colectiva. Por fim, distribuí pelos alunos uma ficha para que estes passassem a composição elaborada.

Fundamentação teórica/ Inferências

Quando planeei realizar a experiência da oxidação da maçã com os alunos, tive em conta o facto de, por vezes, estes questionarem o porquê da maçã ficar escurecida depois de descascada. Então, pensei que seria interessante, estes perceberem o que é que acontecia e porque é que acontecia.

Devo salientar que a prática das Ciências da Natureza no 1.º Ciclo do Ensino Básico, segundo Oliveira (2001), leva os alunos a adquirirem “conhecimentos, capacidade e atitudes científicas” (p. 33), com o objetivo de que estes adquiram uma cultura científica. O mesmo autor refere a importância desta para que os alunos obtenham “competências para pensarem e intervirem numa sociedade em que a ciência e a tecnologia se vêm tornando preponderantes” (p. 35).

6.ª feira, 15 de junho de 2012

A manhã começou com uma aula dada por uma colega de estágio. Esta abordou as medidas de massa e, de seguida, fez com os alunos um gelado.

Depois da colega, dei eu uma aula de Português, sobre os palíndromos. Comecei com a apresentação de um *PowerPoint*, onde tinha alguns palíndromos (palavras e frases). Fui pedindo que lessem as palavras e fui questionando os alunos,

de forma a que estes percebessem o que é um palíndromo. Distribuí uma proposta de trabalho pelos alunos, dei algum tempo para que estes a realizassem. Depois, fizemos a correção desta.

No período da tarde, os alunos tiveram Expressão Plástica, trabalharam com barro. Mais tarde, a Professora falou com eles sobre os cuidados a ter com o Sol.

Inferências

Palíndromo é uma palavra que lida de trás para a frente mantém o mesmo sentido. As crianças gostaram de trabalhar os palíndromos, de tal forma que já todos estavam a tentar descobrir palavras diferentes que também fossem palíndromos.

6.ª feira, 22 de junho de 2012

Começámos o dia a preparar, com os alunos, a exposição dos trabalhos realizados sobre o meio ambiente, feitos no âmbito do Projeto Curricular de Turma. Houve uma seleção destes trabalhos e preparámos a exposição. Os trabalhos eram sobre os vários tipos de poluição, preservação da natureza e reciclagem, e foram realizados em todas as áreas disciplinares.

Fundamentação teórica/ Inferências

Todos os trabalhos dos alunos estavam bastantes completos e elucidativos sobre as problemáticas que cada grupo pretendia abordar.

É sabido que os nossos comportamentos e atitudes podem ser determinantes em termos da inversão de parte significativa dos problemas ambientais que hoje se nos colocam. Oliveira (1989) refere que

(...) a educação e o ambiente são dois de entre os temas mais debatidos, hoje em dia, no nosso país. A tentativa de dar um carácter mais cultural à educação e a necessidade constatada de que a pedagogia tem uma função importante no êxito da preservação do ambiente, têm permitido o relativo incremento da Educação Ambiental. (p. 5).

Assim sendo, temos de começar pela educação e sensibilização das camadas mais jovens, para os problemas ambientais e ecológicos que ameaçam as condições de vida no nosso planeta.

No 1.º Ciclo do Ensino Básico, o *Programa de Estudo do Meio* (Ministério da Educação, 2004a) tem um tema dedicado à “Qualidade do ambiente”, tendo este como

subtemas: “à descoberta das inter-relações entre a Natureza e a Sociedade”; “A qualidade do ambiente próximo”; “A qualidade do ar”; “A qualidade da água”, “A poluição sonora” e “A extinção de recursos”. Tal com vem referido no referido *Programa*, temos que “estimular a prática de uma nova aprendizagem das inter-relações do indivíduo com o ambiente, geradora de uma responsabilidade individual e coletiva na solução dos problemas ambientais existentes e na prevenção de outros” (p. 13). A Educação Ambiental vai permitir aos alunos o reconhecimento de um leque de valores e conceitos, com os quais poderão interiorizar as relações de solidariedade que poderão estabelecer entre eles, a sua cultura e o meio que o rodeia

A educação para o ambiente passa por diferentes níveis de abordagem, tais como: o conhecimento dos problemas ambientais existentes – pressupõe-se um conhecimento e compreensão crescentes sobre o mundo envolvente, quer ao nível da informação, quer através do contacto e análise de problemas reais; o desenvolvimento do gosto pela Natureza e pelo ambiente que nos rodeia; sensibilização para a preservação do equilíbrio ecológico no meio próximo e à escala universal; pelo desenvolvimento de atitudes e comportamentos de empenhamento individual e de participação coletiva na preservação e defesa do ambiente.

A grande esperança que depositamos na Educação Ambiental tem a ver com a alteração das atitudes e comportamentos junto dos mais jovens de forma que, a curto prazo, tenhamos um novo paradigma ambiental que nos permita atingir uma qualidade de vida favorável a todos. É na Escola que a Educação Ambiental assume um papel muito importante. Deve ser-lhe dada atenção especial e devemos trabalhá-la nas diferentes áreas curriculares, de acordo com os projetos educativos e curriculares de escola e de turma, articulando-o com os conteúdos programáticos e experiências educativas.

1.12 Turma de 4.º ano (Lisboa)

Entre 24 de setembro e 16 de novembro de 2012, às 4.^{as} feiras, entre as 9h e as 13h, e às 6.^{as} feiras, entre as 9h e as 17h, estagiei, na escola de Lisboa, junto da Turma B do 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

1.12.1 Caracterização da turma

A Turma B do 4.º ano é composta por 28 alunos, onze rapazes e dezassete raparigas, com idades compreendidas entre os 9 e os 10 anos.

Segundo informação oral fornecida pela Professora, os pais destes alunos são presentes, preocupados e demonstram grande interesse pelo desenvolvimento global dos seus filhos. Um dos alunos é doente oncológico desde os 5 anos, apresentando uma nova patologia que o obrigará a estar ausente durante este 2.º período.

Esta turma é um pouco conflituosa e revela dificuldades na resolução de conflitos. É de referir que ao nível da aprendizagem existem níveis e ritmos diferenciados de aprendizagem entre os alunos. Três dos alunos desta turma, com mais dificuldades, usufruem de apoio individualizado.

1.12.2 Espaço e horário

A sala utilizada por esta turma situa-se no 1.º piso. É um espaço amplo e luminoso e tem janelas grandes viradas para o recreio.

As mesas são individuais e encontram-se dispostas a pares e outras três a três. Existe na sala um grande armário, onde estão guardados livros e os dossiês individuais dos alunos.

Numa das paredes está colocado um quadro interativo e noutra um quadro de ardósia. Nas demais paredes estão expostos trabalhos realizados pelos alunos.

Estive com esta turma às 4.ªs feiras das 9h às 13h e às 6.ªs feiras das 9h às 17h, pelo que assisti aos tempos indicados no Quadro 12.

Quadro 12 – Horário de estágio na Turma de 4.º ano (Lisboa)

Horas	4.ª feira	6.ª feira
9h/10h	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa
10h/11h	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa
11h/11:30h	Recreio	Recreio
11:30h/12h	Matemática	Matemática
12h/12:50h	Matemática	Matemática
13h/14:30h	Almoço e Recreio	
14:30h/15:20h	_____	História
15:20h/16:10h	_____	Experiências
16:10h/17h		Inglês

1.12.3 Relatos diários

4.ª feira, 26 de setembro de 2012

Comecei por me apresentar aos alunos da turma. De seguida, a Professora entregou-lhes uma proposta de trabalho com situações problemáticas.

Depois do intervalo da manhã, leram o texto “Cabelo espetado”, do manual escolar, e a Professora foi fazendo perguntas de exploração gramatical.

No período da tarde, tiveram aula de Inglês e de Expressão Plástica.

Fundamentação teórica

É essencial a aprendizagem do Inglês no 1.º Ciclo do Ensino Básico, pois fomenta os alicerces para uma consciência plurilingue e pluricultural.

Segundo García et al. (2002, p. 302), esta aprendizagem vai levar os alunos a uma “educação para a cidadania mais responsável e participada”. Bouton (1977, p. 416) refere as vantagens socioculturais da aprendizagem de uma segunda língua, pois “permite um acesso rápido e satisfatório a duas línguas, tal como a dois sistemas de cultura de civilização e abre à criança um universo alargado”.

O Inglês no 1.º Ciclo do Ensino Básico é uma oferta extracurricular; leva ao desenvolvimento de competências e interesse pela aprendizagem de outra língua ao longo do percurso de vida dos alunos.

6.ª feira, 28 de setembro de 2012

Hoje houve uma visita ao Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota.

Fundamentação teórica/ Inferências

O Centro de Interpretação visitado contém dois núcleos expositivos relacionados com a Batalha de Aljubarrota, à época em que se inseriu e às descobertas arqueológicas no campo de batalha; o outro auditório tem uma projeção multimédia que reconstitui a Batalha e os eventos que a originaram.

Proença (1990) refere que as visitas de estudo de História permitem

(...) realizar um ensino ativo e interessante (...) contribuindo para uma aprendizagem integradora da realidade. Os alunos encontram-se em

presença das 'coisas', e, deste modo, a sua adesão à realidade histórica não se faz por uma imposição magistral, mas através das provas que lhe são fornecidas diretamente pelas coisas observadas. (p. 137)

4.ª feira, 3 de outubro de 2012

Foi feita a revisão dos sólidos geométricos – poliedros e não poliedros. A Professora recorreu ao auxílio de sólidos geométricos em madeira para que os alunos pudessem observar e tocar, de forma perceberem com mais facilidade as características destes.

Depois de distribuir o texto: “O preguiçoso”, a Professora fez a leitura modelo e, de seguida, solicitou a alguns alunos que lessem o texto. Fizeram uma ficha de trabalho com a interpretação do texto.

No período da tarde, tiveram aula de Inglês e de Expressão Plástica.

Fundamentação teórica/ Inferências

Ao recorrer à utilização dos sólidos geométricos de madeira, a Professora tentou que os alunos observassem no concreto as características destes.

Aranão (1996) defende a utilização de materiais no ensino da Matemática, referindo que

(...) o conhecimento lógico-matemático, que está intrinsecamente interligado 'ao conhecimento físico', é elaborado com base nas ações da criança sobre os objetos, assimilando, portanto, noções de número, massa, volume, área, comprimento, classe, ordem, tempo, velocidade e peso. (p.15)

Uma vez que na turma existem alunos com dificuldades, a Professora recorre, sempre que possível, a materiais que os auxiliem na compreensão dos conteúdos, Ponte e Serrazina (2000, p. 93) salientam que devem ser proporcionadas experiências que conduzam as crianças a desenvolver “uma disposição para aprender”.

5.ª feira, 4 de outubro de 2012

A aula começou com os alunos a falarem com a Professora sobre as vendas para a angariação de dinheiro para a viagem de finalistas. De seguida, a Professora fez uma breve revisão sobre as linhas (retas, semi-retas, abertas, fechadas, etc.). As crianças tiraram algumas dúvidas e depois realizaram um desafio matemático sobre quantidades.

A Professora falou sobre o levantamento que tinha feito dos erros que os alunos davam ao escrever, devido à confusão que ainda faziam com o ca/ça; ce/ci. Recorreu à *Cartilha Maternal* de João de Deus para os auxiliar na compreensão da escrita destes casos de leitura. Fizeram exercícios com estes casos de leitura.

Na aula de Música, fizeram um ensaio para a orquestra com pandeiretas, ferrinhos e sinos.

Fundamentação teórica

Independentemente do ano de escolaridade em que os alunos se encontram, a *Cartilha Maternal* João de Deus é um bom auxiliar para os alunos colmatarem algumas dúvidas de escrita. Esta é uma ferramenta importante e eficaz na identificação e correção de erros ortográficos.

Uma das linhas de força que é característica deste Método é o facto de fomentar a autocorreção na criança. Segundo Ruivo (2006, p. 5), “a criança, que em todo o processo de aprendizagem é estimulada a ser analista da linguagem, consegue, através da explicação das regras aprendidas, autocorrigir-se”. Uma outra linha de força do método tem a ver com a leitura das letras, que são estudadas quer no seu papel dinâmico, quer nas suas leituras diversas. A mesma autora diz ainda que “as dificuldades são explicadas por regras que satisfazem o raciocínio e o pensamento lógico do aluno, facilitando uma leitura bem compreendida que favorece também a ortografia”.

4.ª feira, 10 de outubro de 2012

Em Matemática, os alunos começaram com a realização de situações problemáticas. Logo depois, a Professora explicou as frações, uma vez que ainda havia alunos que ainda não tinham percebido muito bem, para poder passar para as frações equivalentes.

A Português, foi dado um texto “Onde estará o limão”. Os alunos leram e fizeram exercícios gramaticais sobre o texto.

Fundamentação teórica/ Inferências

A Professora estimula muito os seus alunos na realização de situações problemáticas. Depois de ter falado com a Professora sobre essa prática nas suas

aulas, foi-me explicado que a turma tem bastantes dificuldades na resolução de problemas; então, é-lhes solicitado com frequência a realização de situações problemáticas muito diversificadas.

Abrantes et al. (1999) relevam a importância dos alunos serem surpreendidos com as mais diversas situações problemáticas, porque

(...) o cálculo faz, naturalmente, parte integrante da matemática mas aprender procedimentos de cálculo isolados, só por si, não promove o contacto dos alunos com as ideias e os modos de pensar fundamentais da matemática e não garante que eles sejam capazes de mobilizar os conhecimentos relevantes quando tiverem que enfrentar mesmo as situações problemáticas mais simples surgidas num contexto diferente. (p.18)

6.ª feira, 12 de outubro de 2012

Os alunos fizeram um pictograma sobre a quantidade de viagens vendidas diariamente, durante uma semana, numa agência de viagens. Fizeram, oralmente, a análise do pictograma. Posteriormente, realizaram uma proposta de trabalho com situações problemáticas referentes ao mesmo. Fizeram revisão sobre o círculo e circunferência, raio e diâmetro.

Foi distribuída pelos alunos um texto em banda desenhada, e estes tinham que transformar a banda desenhada para um texto em discurso direto.

No período da tarde, tiveram o Clube de Ciências, onde realizaram uma experiência sobre a produção de um gás e a sua utilização.

Fundamentação teórica

Ponte e Serrazina (2000) refere que o pictograma

(...) usa-se uma representação do nosso objeto, que se repete o número de vezes adequado, para indicar a quantidade de elementos que existe em cada categoria. No fundo, trata-se de uma representação semelhante ao gráfico de barras, onde a barra é substituída por um certo número de figuras. (p. 215)

É importante que os alunos saibam construir e interpretar um pictograma, pois só com estas práticas, futuramente, poderão olhar para qualquer pictograma que lhes seja apresentado e interpretá-lo sem dificuldade.

4.ª feira, 17 de outubro de 2012

Foi solicitado aos alunos que pegassem no transferidor. Foi feita uma breve revisão sobre ângulos e, de seguida, estes fizeram medição de amplitudes.

A Professora distribuiu uma ficha informativa sobre os advérbios de predicado com valor de modo, lugar e tempo, e procedeu à sua explicação. Os alunos realizaram exercícios referentes aos advérbios.

Fundamentação teórica/ Inferências

Todos os alunos souberam utilizar o transferidor, e fizeram-no sem dificuldade. Segundo o *Programa de Matemática* (Ministério da Educação, 2007, p. 23), os alunos do 4.º ano devem saber “compreender a noção de ângulo. Comparar e classificar ângulos (recto, agudo, obtuso e raso) e identificar os ângulos em figuras geométricas”.

6.ª feira, 19 de outubro de 2012

No período da manhã, fomos ao Teatro Tivoli assistir à peça: “Viagem ao corpo humano”.

No período da tarde, um grupo de crianças fez a apresentação de um trabalho sobre D. João II.

No Clube de Ciências, fizeram uma experiência sobre os ossos e os músculos.

Fundamentação teórica/ Inferências

A apresentação do trabalho de grupo de História por parte dos alunos estava muito bem organizada e elaborada. Estes souberam transmitir aos colegas os conteúdos a que se tinham proposto.

A promoção do trabalho a pares ou em grupo, por parte do professor, é muito importante, em função dos objetivos comunicativos e pedagógicos. Assim a aprendizagem é adquirida de forma dinâmica.

O trabalho em grupo favorece um ambiente rico em descobertas mútuas. Morgado (2004) refere que,

(...) quando devidamente organizado, o trabalho em grupo disponibiliza recursos para utilização partilhada e estimula, através da interação entre alunos e entre professor e alunos, o desenvolvimento social dos alunos,

área que as escolas começam a entender como fundamental nos seus objectivos. (pp. 69-70)

4.ª feira, 24 de outubro de 2012

Os alunos iniciaram o dia com a realização da prova mensal de outubro na área da Língua Portuguesa. A Professora modificou a disposição das carteiras da sala de aula.

Depois do intervalo da manhã, foi feita avaliação de operações (soma, subtração, multiplicação e divisão).

Fundamentação teórica/ Inferências

Logo no início da manhã, a Professora teve de chamar a atenção dos seus alunos e relembrar-lhe algumas regras de comportamento na sala de aula. Estes estavam agitados e a Professora teve de intervir de forma calma e direta para conseguir repor a disciplina dentro da sala de aula.

Gomez et. al. (1993) referem a necessidade de haver disciplina na sala de aula para “exercitar a criança na repressão das suas exigências excessivas, para ajudar a pôr de lado outros sistemas de comportamento imaturo e para canalizar as suas energias por vias aceitáveis” (p.15). Os mesmos autores acrescentam que

(...) a criança com problemas de disciplina necessita de um contexto suficientemente relaxado em que possa sentir-se livre para se exprimir e experimentar o afecto dos outros. As relações aluno-professor devem basear-se na ajuda e colaboração, potenciando a responsabilidade do aluno. (p. 43)

6.ª feira, 26 de outubro de 2012

Hoje dei aula programada.

Em Português, comecei por entregar o texto “A lenda da Serra da Estrela”. Procedi à leitura modelo do mesmo. De seguida, o texto foi lido pelos alunos e depois questionei os alunos sobre o que é uma lenda. Foi feita a interpretação do mesmo.

Pegando no tema do texto, passei para a área de Estudo do Meio, na qual, com o auxílio de um *PowerPoint*, dialoguei com os alunos sobre os diversos tipos de relevo existentes em Portugal e quais as principais serras portuguesas.

Em Matemática, apresentei um gráfico de barras, grande, com as altitudes das principais serras portuguesas, levando-os a realizar a leitura e interpretação do mesmo. Foi distribuída uma proposta de trabalho, na qual os alunos procederam à redução das altitudes das serras à unidade principal do sistema métrico.

Depois do intervalo da manhã, fizeram uma prova modelo de Matemática como prova de treino para o exame. De tarde, na Área de Estudo do Meio (História de Portugal) falaram sobre o reinado, e os feitos de D. Manuel I.

Fundamentação teórica

O conhecimento da História de Portugal no 1.º Ciclo do Ensino Básico é muito importante, pois só com este conhecimento nos é possível saber o que aconteceu até agora, e como chegámos ao Portugal que conhecemos.

Segundo Félix (1998), este conhecimento é extremamente necessário “pela sua utilidade, pela sua dimensão formativa, pois contempla a nossa realidade, inclusive a realidade física: contemplar o resultado da história, portanto, o seu conhecimento facilita à aquisição de referências básicas” (p. 73). A mesma autora refere que a disciplina de História vai permitir aos alunos,

(...) encontrar raízes culturais, desde os espaços familiares aos mais amplos da comunidade nacional e internacional, de modo a desenvolver-lhes a consciência de que são parte da identidade comum – que não é única, nem irrepetível, nem a melhor, mas simplesmente a sua. (p. 69)

4.ª feira, 31 de outubro de 2012

Hoje foi realizada a prova mensal de Matemática. A seguir, os alunos corrigiram o trabalho de casa de Língua Portuguesa.

Fundamentação teórica/ Inferências

Alguns Professores, como é o caso da Professora desta turma, enviam trabalhos para casa com o objetivo de que os conteúdos abordados na escola sejam exercitados e consolidados. Meirieu (1995) defende que

(...) os trabalhos de casa são sempre necessários; poderão ser, sem dúvida, menos numerosos, mais objetivos, mais acessíveis, mas é necessário que haja alguns para desenvolver nos alunos a autonomia e a responsabilidade, bem como o sentido de organização, o interesse em aprofundar os seus conhecimentos e o gosto pelo trabalho pessoal. (p.14)

6.ª feira, 2 de novembro de 2012

Hoje foi feito *roulement* na escola. Esteve uma só professora com os alunos das duas turmas do 4.º ano. Embora estivessem poucos alunos, estes juntaram-se em pequenos grupos e fizeram cartazes sobre o outono.

No período da tarde, no Clube de Ciências, o professor falou sobre os sismos, e explicou as precauções que se devem ter, o que fazer antes, durante e depois de um sismo.

Fundamentação teórica/ Inferências

Os sismos são manifestações da geodinâmica do Planeta. Os alunos devem ser sensibilizados para estas manifestações da Natureza, e que tipo de precauções podem ter em caso de atividade sísmica. Assim, com alguns conhecimentos das precauções que podem tomar, poderão evitar ou minimizar os efeitos destas catástrofes.

Segundo os Bombeiros e a Proteção Civil de Portugal (s.d., p. 23), é extremamente importante “que se proceda a uma ampla divulgação do plano de prevenção e emergência junto de toda a população escolar, incluindo a sensibilização para os diferentes riscos (incêndios, inundações, sismos e outros)”.

4.ª feira, 7 de novembro de 2012

Durante a manhã, dei aula nas áreas da Matemática, Língua Portuguesa, e História de Portugal.

Comecei por distribuir um quadrado de papel por cada aluno. Questionei qual era a figura geométrica representada pelo papel que tinham à frente. Pedi que calculassem a área do quadrado e, de seguida, pedi que traçassem uma linha diagonal no quadrado. Ao ficarem com dois triângulos, levei-os a perceberem como era calculada a área do triângulo.

Distribuí o texto “A lenda de Atlântida”. Depois de fazer a leitura modelo deste texto, de os alunos terem lido e de ter feito algumas perguntas de interpretação, realizei um jogo, com o qual foi realizado a exploração gramatical do mesmo.

Em História de Portugal, falei sobre a passagem da Segunda para a Terceira Dinastia. Levei um *PowerPoint* com as fotos dos reis e pretendentes ao trono. Fechei

as janelas, apaguei as luzes e conforme ia passando os slides ia contando o que se passou, tentando criar suspense.

Fundamentação teórica/ Inferências

Senti-me bem a lecionar durante a manhã, em qualquer uma das áreas. Estava confiante, e os alunos muito atentos, interessados e participativos.

Em Matemática, resolvi entregar a cada um dos alunos um quadrado de papel para que estes começassem por calcular a área desse quadrado, e foi a partir daí que os levei a descobrir como se calcula a área do triângulo. Abrantes et. al. (1999) defendem que

(...) a escola tem justamente a função de ajudar os alunos a desenvolver as suas capacidades e de cultivar a sua disposição para usá-las mesmo que (...) isso envolva algum esforço de pensamento. Só neste contexto faz sentido a 'aquisição' de conhecimentos, se pretendemos que estes não se tornem superficiais ou mesmo totalmente irrelevantes na primeira oportunidade. (p. 22)

Estes mesmos autores referem ainda que “a aprendizagem é considerada um processo de construção ativa do conhecimento por parte das crianças. Estas (...) concebem um modelo do mundo com base nas experiências que vivem e nos conhecimentos prévios que têm” (pp.23-24).

6.ª feira, 9 de novembro de 2012

Hoje, houve uma visita de estudo às Grutas de Santo António, na Serra de Aire.

Fundamentação teórica/ Inferências

As visitas de estudo que tenho tido oportunidade de participar têm sido muito gratificantes, pois têm-me proporcionado uma relação mais próxima com os alunos.

É mencionado por Monteiro (1995) que

A visita de estudo é uma das estratégias que mais estimula os alunos, dado o carácter motivador que constitui a saída do espaço escolar. A componente lúdica que envolve, bem como a relação professor-alunos que propicia, leva a que estes se empenhem na sua realização. Contudo, a visita de estudo é mais do que um passeio. Constitui uma situação de aprendizagem que favorece a aquisição de conhecimentos, proporciona o desenvolvimento de técnicas de trabalho, facilita a sociabilidade. (p. 188)

4.ª feira, 14 de novembro de 2012

A Professora falou sobre as percentagens e como se calcula a percentagem de determinado valor. Os alunos realizaram exercícios de consolidação.

Em Língua Portuguesa, a Professora falou sobre a Banda Desenhada (como se apresenta e as partes que a constituem).

Fundamentação teórica/ Inferências

Os alunos já conhecem a Banda Desenhada. Muitos deles disseram costumar ler livros de Banda Desenhada.

Antão (1997) refere que

(...) a Banda Desenhada pode ser muito útil para desenvolver nos leitores uma competência linguística argumentativa. Utilizando jogos de várias modalidades e de diferentes níveis de complexidade, a leitura de uma B.D. deve ser orientada, por exemplo pelo professor de línguas, simultaneamente para desenvolver nos alunos a capacidade de compreensão de uma sequência de acontecimentos ou adquirir/melhorar a aptidão para abarcar o conteúdo geral de uma história. Estamos, afinal, a pôr em prática algumas técnicas da leitura recreativa. (p.43)

6.ª feira, 16 de novembro de 2012

Houve aula surpresa para as minhas duas colegas de estágio. Foi-lhes o texto “O camelo engasgado”. A uma delas foi solicitado que fizesse a exploração gramatical (sobre os adjectivos) de metade do texto; à outra colega, que fizesse com a outra metade do texto uma exploração gramatical que incidisse sobre as palavras compostas.

Logo depois do intervalo da manhã, tivemos reunião com as Supervisoras da Prática Pedagógica, onde foi feita a reflexão e avaliação das aulas.

No período da tarde, os alunos tiveram aula de barro e Clube de Ciências. No Clube de Ciências, fizeram uma experiência sobre as células sanguíneas.

Fundamentação teórica/ Inferências

Atividades como a manipulação e exploração de materiais moldáveis devem ser realizadas, pois proporciona às crianças explorações sensoriais importantes. O ato

de amassar, esticar e alisar esses materiais ajuda a criança a desenvolver a criatividade.

No *Programa de Expressões* (Ministério da Educação, 2004b) é indicado que

As crianças necessitam de explorar, sensorialmente, diferentes materiais e objetos, procurando, livremente, maneiras de os agrupar, ligar, sobrepor... Fazer construções permite a exploração da tridimensionalidade, ajuda a desenvolver a destreza manual e constitui um desafio à capacidade de transformação e criação de novos objetos. O carácter lúdico, geralmente associado a estas atividades, garante o gosto e empenho dos alunos na resolução de problemas com que são confrontados. (p. 90)

1.13 Turma de 3.º ano (Lisboa)

De 21 de novembro de 2012 a 25 de janeiro de 2013, às 4.^{as} feiras, entre as 9h e as 13h, e às 6.^{as} feiras, entre as 9h e as 17h, estagiei, na escola de Lisboa, junto da Turma B de 3.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

1.13.1 Caracterização da turma

A turma do 3.º B é composta por 29 alunos. Todos estes alunos já frequentam esta escola desde os 3 anos, por isso já se conhecem muito bem, têm vários interesses em comum e partilham atividades fora da escola.

De acordo com informação oral da Professora titular, no geral, os alunos, desta turma, têm um bom ritmo de aprendizagem. Cinco alunos apresentam ritmos diferentes, a nível de trabalho escrito, são lentos na sua concretização e têm dificuldade em realizá-los, pois distraem-se com muita facilidade. Um destes alunos tem ainda dificuldades a nível de cálculo, pelo que, por vezes, requer um trabalho individualizado e o acompanhamento de um professor de apoio. Um outro destes cinco alunos está diagnosticado com dislexia.

1.13.2 Espaço e horário

A sala ocupada pelo 3.º B está situada no piso inferior da escola, tem duas portas (uma de acesso para o exterior e a outra de acesso ao interior do edifício). É uma sala grande com três janelas grandes com vista para o recreio.

Nesta sala existem dois quadros, um interativo e outro de ardósia. As carteiras dos alunos estão viradas para o quadro interativo.

Os trabalhos desenvolvidos pelos alunos estão expostos em dois placares existentes na sala.

Recordo, todavia, que apenas estive com esta turma à 4.^a feira, das 9h às 13h, e à 6.^a feira, das 9h às 17h, pelo que só pude assistir aos tempos correspondentes às áreas de Língua Portuguesa, Matemática, Música e Estudo do Meio, como se pode observar no Quadro 13.

Quadro 13 – Horário de estágio na Turma de 3.^o ano (Lisboa)

Horas	4. ^a feira	6. ^a feira
9h/10h	Matemática	Matemática
10h/11h	Matemática	Matemática
11h/11:30h	Recreio	
11:30h/12h	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa
12h/12:50h	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa
13h/14:30h	Almoço e Recreio	
14:30h/15:20h	_____	Música
15:20h/16:10h	_____	Estudo do Meio
16:10h/17h	_____	Estudo do Meio

1.13.3 Relatos diários

4.^a feira, 21 de novembro de 2012

A Professora fez a introdução à milésima e deu aos alunos exercícios de consolidação.

Foi-me solicitado que fosse para a sala do 4.^o ano, para dar uma aula “surpresa” na área da Língua Portuguesa. Ali, foi-me pedido que escolhesse um texto e fizesse a interpretação e exploração gramatical ao nível de um 4.^o ano.

Ao final da manhã, houve ensaio para a festa de natal.

Inferências

Não estava nada à espera desta aula “surpresa”, pois hoje foi o primeiro dia de estágio no 3.º ano e nunca pensei que fosse surpreendida por uma aula no 4.º ano.

A aula não correu muito bem, mas dei o meu melhor, e face a uma aula “surpresa” não conseguiria fazer melhor.

6.ª feira, 23 de novembro de 2012

A Professora fez uma breve revisão sobre a soma e subtração de números decimais e, a partir daí, ensinou como se faz a multiplicação de números decimais.

Os alunos fizeram a leitura e interpretação de um texto sobre História de Portugal: “Os Romanos”. Fizeram uma ficha de trabalho de gramática sobre esse mesmo texto.

Na aula de Música foi feito o ensaio para o coro de natal.

Em Estudo do Meio, foi feita uma experiência sobre os ímanes e a força de atração, de forma a que fosse percecionado pelos alunos quais os objetos atraídos.

Fundamentação teórica/ Inferências

A Educação Musical é muito importante e é uma área em que alunos são muito recetivos.

Durante a minha prática pedagógica tive oportunidade de assistir a várias aulas de música. O Professor de música é uma pessoa muito dinâmica e divertida e consegue captar sempre a atenção dos alunos.

Segundo o *Programa de Expressões do Ensino Básico* (Ministério da Educação, 2004b),

(...) a prática do canto constitui a base da expressão e educação musical no 1.º ciclo. É uma atividade de síntese na qual se vivem momentos de profunda riqueza e bem-estar, sendo a voz o instrumento primeiro que as crianças vão explorando. (p. 67)

4.ª feira, 28 de novembro de 2012

A Professora fez revisões da matéria na área da Matemática como preparação para prova mensal.

Os alunos fizeram uma cópia de um texto de História.

Prosseguiu o ensaio para a festa de natal.

Fundamentação teórica

É importante que o Professor estimule as crianças na escrita. Condemarín e Chadwick (1987) defendem que “é importante que as crianças escrevam com frequência. Além da escrita criativa os alunos devem integrar a escrita com outras matérias escolares como parte natural da rotina de classe” (p.174). Acrescentam ainda que a cópia “permite à criança avançar em seu conhecimento das características específicas da linguagem escrita, (...) a cópia favorece os mecanismos de memorização, tao importantes para as destrezas de estudo” (p.182).

6.ª feira, 30 de novembro de 2012

A Professora fez a revisão sobre os sistemas: circulatório, respiratório e digestivo. Os alunos realizaram uma proposta de trabalho sobre estes mesmos temas, como preparação para a prova de Estudo do Meio.

Continuou o ensaio para a festa de natal. Na aula de Música, deu-se continuidade ao ensaio para a festa de natal, preparando-se as crianças para o coro.

No Clube de Ciências foi feita uma experiência sobre a fotossíntese. Os alunos observaram ao microscópio os constituintes das folhas que permitem que a planta realize a fotossíntese.

Fundamentação teórica/ Inferências

No Clube de Ciências, o Professor proporcionou aos alunos uma experiência em que estes fizeram a observação ao microscópio. Depois da observação, estes analisaram o que ia acontecendo e foram tirando as suas próprias conclusões.

Para Pereira (2002, p. 46), “é importante que uma criança aprenda cedo a ter consciência do que está a observar, fazendo registos e comunicando as observações feitas, de forma a compará-las com as dos outros”. Galvão et. al. (2006, p. 16) explicam que “no ensino das ciências pretende-se desenvolver ambientes de aprendizagem onde a observação, a experimentação, a previsão, a dúvida, o erro , estimulem os alunos no seu pensamento crítico e criativo”.

4.ª feira, 5 de dezembro de 2012

Os alunos realizaram uma proposta de trabalho de Língua Portuguesa com conteúdos gramaticais.

Estivemos com alguns alunos a ajudar a Professora a fazer os cenários para a peça de teatro da festa de natal.

Fundamentação teórica/ Inferências

Pela primeira vez, tivemos a desenhar os cenários para a festa, com o auxílio dos alunos. A participação destes foi muito motivadora e foi agradável reparar no sentido estético destes em relação às cores que iam utilizando.

De acordo com o *Programa de Expressões do Ensino Básico* (Ministério da Educação, 2004b),

(...) à medida que as crianças vão demonstrando mais iniciativa, o professor pode, então, sugerir outras experiências que permitirão aprofundar a capacidade dos alunos se exprimirem, de forma pessoal, através da pintura. A organização, a conservação e partilha do material de pintura contribuem, ainda, para as aprendizagens de vida em grupo (pp. 93-94).

6.ª feira, 7 de dezembro de 2012

Fomos para a FIL com as crianças para um evento lúdico e educativo: KidStuff. Os alunos passaram o dia a participar nas mais diversas atividades aí existentes. No final do dia, as crianças foram para outro pavilhão da FIL, onde estava um stand das Ludotecas e cantaram, em coro, músicas de natal.

Inferências

O KidStuff é um evento lúdico e educativo dirigido às crianças dos 0 aos 12 anos. Neste evento as crianças têm ao seu dispor uma variedade de atividades lúdicas, educativas e pedagógicas. As crianças podiam participar nos mais diversos ateliês e atividades temáticas, tais como: teatro, passerelle, pastelaria, jardinagem, futebol, aldeia medieval, primeiros socorros, etc.

4.ª feira, 12 de dezembro de 2012

A pedido da Professora, fomos para o ginásio continuar com a elaboração dos cenários para a festa de natal, pelo que não assisti às aulas da turma.

6.ª feira, 14 de dezembro de 2012

Uma das colegas de estágio deu aula programada. Começou com a área de Estudo do Meio, a falar sobre o ornitorrinco. De seguida, passou para Português, onde abordou os adjectivos. Na área da Matemática, deu áreas e perímetros.

A Professora fez revisões de Língua Portuguesa e Matemática, recorrendo a um jogo com bola. A bola era atirada a um dos alunos, este fazia uma pergunta numa das áreas a um colega. Se este acertasse na resposta, recebia a bola e assim sucessivamente.

De tarde, no Clube de Ciências falaram sobre os astros, espaço e investigação espacial.

Fundamentação teórica/ Inferências

A revisão feita pela Professora, recorrendo ao jogo, foi muito estimulante e todos os alunos estavam bastante atentos, tentando não errar nenhuma questão. A realização do jogo foi bem aceite pelos alunos. Desta forma, estes não estavam só a trabalhar a componente lúdica (jogo), mas também a área da Língua Portuguesa e Matemática.

É afirmado por Sanches (2001, p. 57) que “até uma atividade normal se é apresentada com a componente jogo tem logo uma adesão diferente” e assim vi acontecer.

4.ª feira, 2 de janeiro de 2013

Na área da Matemática, foram feitas revisões dos conteúdos lecionados anteriormente.

Depois do recreio, a Professora fez com os alunos um ditado musical.

Fundamentação teórica/ Inferências

Uma das práticas tradicionais utilizadas no ensino da leitura e da escrita é o ditado. Este favorece aos alunos a aquisição de vocabulário e estimula a capacidade de ouvir com atenção.

Condemarín e Chadwick (1987, p. 186) referem que “o exercício de registrar com precisão as palavras exatas de orações ou parágrafos pode ser importante para desenvolver uma melhor percepção do uso dos matizes semânticos e sintáticos da linguagem”.

Os ditados propostos pelos Professores devem ir tendo uma dificuldade progressiva, para que os alunos aprendam a assimilar, através da audição, as palavras, e possam, também, melhorar a sua ortografia.

O ditado musical tem como objetivo o preenchimento de espaços em branco, existentes, na letra da música com as palavras que faltam. A Professora ia cantando a canção, e os alunos iam preenchendo os espaços em branco.

6.ª feira, 4 de janeiro de 2013

Os alunos começaram o dia com uma revisão sobre as retas paralelas e retas perpendiculares. Prosseguindo na área da Matemática, a Professora deu os números decimais, recorrendo ao auxílio de um material manipulativo com o nome de Multifunções.

Na área da Língua Portuguesa, foi realizada a avaliação de leitura com o texto “Os números do menino mau”, de Luísa Ducla Soares.

No período da tarde, na área da Expressão Musical, os alunos viram vários filmes sobre as diferentes formas de fazer música: só com a voz e com os mais diversos objetos.

No Clube de Ciências, fizeram uma breve introdução sobre os fósseis e os recursos fósseis.

Fundamentação teórica/ Inferências

O material Multifunções é um material completamente novo para mim. É um material feito em plástico ou madeira, e representa o sistema de numeração decimal. Este material auxilia os alunos a compreenderem o sistema numérico decimal. É constituído por pequenos cubos que representam a milésima, barras que representam

a centésima, placas que representam a décima e um cubo grande que representa a unidade.

Reys (s.d., citado por Caldeira, 1999, p. 23) relembra que os “objetos ou coisas que o aluno é capaz de sentir, tocar, manipular e movimentar. Podem ser objetos reais que têm aplicações no dia-a-dia ou podem ser objetos que são usados para representar uma ideia”. Na verdade, ao manusearem e experimentarem este material, até mesmo os alunos com mais dificuldades compreenderam o sistema decimal.

4.^a feira, 9 de janeiro de 2013

A Professora começou por escrever no quadro vários verbos no infinitivo. Questionou os alunos sobre o que estas palavras tinham em comum, e, a partir das respostas destes, introduziu os verbos infinitivos pessoais e impessoais.

Com os Calculadores Multibásicos, os alunos, a pares, fizeram alguns exercícios de adição, leitura de números inteiros e decimais.

Fundamentação teórica/ Inferências

Ao colocar os alunos a trabalhar a pares, a Professora sabe que há mais probabilidades de estes aprenderem. Deve dar-se ênfase às relações que se estabelecem entre o grupo de pares.

Os pares foram formados de modo a juntar um aluno com mais dificuldades com outro que tivesse mais facilidade em aprender, de forma a que fosse possível a entreajuda. Freitas e Freitas (2002, p. 44) explicam que “cada aluno promove a aprendizagem dos seus companheiros, a analisar conceitos que estão a ser aprendidos, ou ainda a ensinar o que sabe aos seus companheiros”.

Foi notória a preocupação dos alunos em ajudar os colegas com mais dificuldades. Posso afirmar que houve muito empenho nessa mesma tarefa.

6.^a feira, 11 de janeiro de 2013

Dei aula programada.

Iniciei com a área da Matemática, onde dei a translação e reflexão deslizante. Comecei por fazer uma breve revisão sobre a simetria de reflexão, para depois poder passar para a simetria de translação e para a simetria de reflexão deslizante. Usei um

PowerPoint com imagens animadas, de forma a que os alunos percebessem as diferenças entre estas. Distribuí uma folha por cada aluno, pedi que estas a dobrassem em forma de leque e que fizessem um desenho que ficasse ligado nas extremidades. Recortaram-no e quando desdobraram a folha ficaram com as imagens em simetria de translação.

Em Português, introduzi os verbos no modo condicional. Mostrei várias frases que tinham o verbo no condicional. Os alunos leram-nas e disseram o que achavam que estas tinham em comum. Aproveitando as respostas que estes iam dando, fui explicando o que era o modo condicional. Fizeram uma proposta de trabalho, que foi realizada sem ajuda, uma vez que é para ser utilizada como dispositivo de avaliação.

Depois do recreio da manhã, comecei por questionar se já alguma vez se tinham magoado e o que tinham feito de seguida. Depois, expliquei-lhes o que deveriam ter feito e falámos sobre os Primeiros Socorros. Terminámos com a construção de uma caixa de primeiros socorros.

Fundamentação teórica/ Inferências

Os conteúdos matemáticos referentes a estes dois tipos de simetria (de translação e reflexão deslizante) não são muito fáceis de transmitir. Daí eu ter recorrido às imagens animadas no *PowerPoint* e à dobragem e recorte, para que os alunos conseguissem perceber uma e outra.

Comecei por relembrar a simetria de reflexão. Landeiro e Gonçalves (2011, p. 151) dizem que temos uma simetria de reflexão “quando conseguimos dobrar uma figura de forma que as duas partes obtidas se sobreponham exatamente”. Depois, expliquei que numa translação efetua-se uma transformação em que todos os pontos da figura original se deslocam seguindo a mesma direção, o mesmo sentido e percorrendo a mesma distância.

Quando na obtenção de uma figura se combina uma reflexão com uma translação em que a direção associada ao eixo de reflexão e à translação são iguais, temos uma simetria de reflexão deslizante.

4.ª feira, 16 de janeiro de 2013

A aula foi dada por uma colega de estágio. Na área do Estudo do Meio, a colega deu os tipos de solo e os processos de formação dos solos. Em Matemática,

ensinou o diagrama de caule-e-folhas, construiu e interpretou um com os alunos. Na Área de Português, falou sobre as onomatopeias.

Fundamentação teórica/ Inferências

A Colega foi muito explícita ao auxiliar os alunos a elaborar o diagrama de caule-e-folhas, o que os levou a conseguir interpretar os dados representados no diagrama.

É fundamental que as crianças aprendam a construir e interpretar diagramas, tabelas, esquemas e gráficos. No Programa de Matemática (Ministério da Educação, 2007) vem explícito que se tem de,

desenvolver nos alunos a capacidade de ler e interpretar dados organizados na forma de tabelas e gráficos, assim como de os recolher, organizar e representar com o fim de resolver problemas em contextos variados relacionados com o seu quotidiano [para que estes possam] explorar e interpretar dados organizados de diversas formas. (p. 26)

6.ª feira, 18 de janeiro de 2013

Os alunos trabalharam o perímetro e a área com o material Cuisenaire.

Distribuí pelos alunos uma ficha de avaliação, para utilizar nos dispositivos de avaliação. Depois de falar com a Professora, distribuí pelos alunos a ficha. Pedi a um dos alunos que lesse a ficha, e expliquei o que era para fazer de forma a que não houvessem dúvidas. Os alunos realizaram a ficha de avaliação sem qualquer tipo de auxílio, e dispuseram de 15 minutos para a realizar.

Dois grupos de alunos fizeram apresentação de trabalhos (um sobre a raposa e outro sobre o esquilo).

No período da tarde, na aula de Música, fizeram revisões sobre as notas musicais.

No Clube de Ciências construíram fósseis a partir de uma concha.

Fundamentação teórica/ Inferências

Os alunos ficaram entusiasmados quando o Professor de Ciências lhes disse que iriam construir fósseis.

Catita (2007, p. 7) defende que o Professor deve “proporcionar à criança, um conjunto de experiências orientadas de uma forma metodológica, para que ela as desenvolva utilizando os seus sentidos, envolvendo-se assim numa aprendizagem construtiva e exploratória do Mundo”. Assim, o Professor proporciona ao aluno a aprendizagem construtiva ligada às características fundamentais ao estudo das ciências.

4.^a feira, 23 de janeiro de 2013

A Professora colocou como música de fundo o som do mar. Distribuiu por cada aluno uma imagem, de um polvo gigante com um barco num dos tentáculos, e pediu que cada um destes escrevesse uma história sobre a imagem.

Após, fizeram vários exercícios sobre perímetros e áreas.

A turma foi dividida em 5 grupos e fez um concurso, com um jogo de cartas sobre gramática, a Professora foi moderando as questões e respostas.

Fundamentação teórica/ Inferências

Quando a Professora entregou as imagens, para que as crianças escrevessem uma história, os alunos estavam muito agitados. Então, a Professora colocou música para que estes ficassem um pouco mais calmos.

Cury (2005) refere que a utilização de música de fundo na sala de aula ajuda a “desacelerar o pensamento; aliviar a ansiedade; melhorar a concentração, desenvolver o prazer de aprender, educar a emoção” (p.120). Este autor acrescenta ainda que com uma música “suave, o conhecimento seco e lógico transmitido pelos professores (...) ganha uma dimensão emocional” (p. 121).

6.^a feira, 25 de janeiro de 2013

Na área da Matemática, os alunos realizaram várias operações com números decimais e resolveram situações problemáticas. A Professora solicitou que eu fosse ao quadro fazer a correção de uma das situações problemáticas.

Depois do recreio da manhã, os alunos fizeram um ditado de palavras, e realizaram a interpretação de um apontamento do caderno de História sobre o Condado Portucalense.

De tarde, no Clube de Ciências, fizeram uma experiência com clips e água.

Fundamentação teórica/ Inferências

É importante que um professor possua um saber transversal às diferentes áreas, e assim, consiga praticar a interdisciplinaridade, cruzando os conhecimentos nas diferentes áreas.

Para Piaget (1972, citado por Pombo et. al., 1994, p. 10) a interdisciplinaridade aparece como “intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias disciplinas”. Pombo et. al. (1994) referem que

(...) interdisciplinaridade, deverá então entender-se qualquer forma de combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objeto a partir da confluência de pontos de vista diferentes e tendo como objetivo final e elaboração de uma síntese relativamente ao objecto comum. A interdisciplinaridade implica, portanto, alguma reorganização do processo de ensino-aprendizagem e supõe um trabalho continuado de cooperação. (p.13).

1.14 Estágio Intensivo

O meu Estágio Intensivo, realizado no âmbito do Seminário de Contacto com a Realidade Educativa, decorreu entre 2.^a feira, 13 de fevereiro, e 6.^a feira, 17 de fevereiro de 2012, numa escola privada de Leiria (pertencente à Instituição à qual pertencem as escolas de Lisboa e de Alcobaça onde estagiei), junto de duas turmas (A e B) de 1.º ano de escolaridade.

1.14.1 Relatos Diários

De 2.^a feira, 13 de fevereiro a 6.^a feira, 17 de fevereiro

Ao longo da semana, assisti às aulas lecionadas nas mais diversas áreas do conhecimento – Português, Matemática, Estudo do Meio, Educação Física, Informática Expressão Plástica, Música e Inglês.

No primeiro dia de estágio, fui recebida pela Diretora da escola, que falou um pouco sobre as turmas com que iria estar, e depois acompanhou-me à sala do 1.º A.

Quando cheguei à sala, a Professora estava a ler o livro *A princesa que bocejava a toda a hora*. Depois de ler o livro, apresentou-me à turma. Distribuiu pelos

alunos um texto em verso. Estes realizaram a leitura em voz alta. O texto falava sobre a prevenção rodoviária. De seguida, os alunos realizaram uma proposta de trabalho sobre o texto, a qual continha questões de Português, Estudo do Meio e Matemática. No período da tarde, os alunos tiveram aula de Inglês e Informática.

Na terça-feira, dia 14 de fevereiro, os alunos começaram o dia com a aula de música, durante a qual fizeram ditados rítmicos. Quando regressaram à sala de aula, a Professora, depois de os ouvir ler, começou por falar com os alunos nos espaços existentes na escola e a sua utilidade para, de seguida, passar para os espaços/divisões existentes em casa e qual a sua utilidade. Depois de perceber o que as crianças sabiam sobre o tema, a Professora aprofundou conhecimentos dos alunos e distribuiu uma proposta de trabalho.

Depois do recreio do almoço, fizeram exercícios sobre a classificação da sílaba tónica e realizaram situações problemáticas. A Professora falou sobre o dia de S. Valentim, contou a lenda de S. Valentim, e distribuiu um desenho sobre este tema para os alunos pintarem. Fizeram dois harmónios simples, colaram uma das pontas no desenho e na outra colaram um coração. De seguida, foram para o ginásio ter aula de Educação Física.

Na quarta-feira, a Professora começou o dia a ler um livro que um dos alunos levou para a escola. Depois disso, ouviu as crianças a ler. Solicitou a minha ajuda para auxiliar um aluno com dificuldades na leitura, recorrendo à *Cartilha Maternal*. A Professora fez a correção dos trabalhos de Matemática, que os alunos tinham levado para casa. De seguida, escreveu no quadro algumas operações aritméticas para os alunos passarem para o caderno e fazerem. Na aula de Expressão Plástica, os alunos pintaram, recortaram e plastificaram máscaras de Carnaval.

Na quinta-feira, tal como aconteceu nos outros dias, a Professora começou a manhã a contar uma história, desta vez sem recorrer à leitura. Os alunos fizeram a apresentação de trabalhos que tinham feito em grupo. Neste dia, os alunos estavam muito agitados, pois não paravam de pensar e falar sobre os fatos de Carnaval que iriam usar no dia seguinte.

Sexta-feira, de Carnaval, quando cheguei à escola, já se notava o ambiente de festa. As crianças estavam mascaradas e dançavam ao som da música de carnaval. Houve desfile de Carnaval na cidade, no qual participaram as crianças de todas as escolas da cidade.

Fundamentação teórica/ Inferências

Esta semana de estágio intensivo foi bastante gratificante. Fui muito bem recebida por toda a comunidade escolar: Diretoras, pessoal docente e não docente e pelas crianças de todos os grupos. Ambas as Professoras do 1.º ano me fizeram sentir útil e prestativa, uma vez que me colocaram, desde logo, à vontade para auxiliar no que fosse necessário.

Aprendi bastante, ao longo desta semana, com estas Professoras cooperantes. Gostei de observar todo o trabalho delas, a simpatia, boa-disposição, alegria e entusiasmo com que lecionam.

Percebi que, nas aulas lecionadas, estas Professoras recorrem muito à interdisciplinaridade. Pombo et. al. (1994, p. 8) referem que, “são os professores que, por sua iniciativa, vêm realizando, com uma frequência crescente, experiências de ensino que visam alguma integração dos saberes disciplinares e implicam algum tipo de trabalho de colaboração entre duas ou mais disciplinas”.

No último dia, as crianças estavam muito contentes e entusiasmadas. A festa de Carnaval é para elas um dia em que vestem a pele de outras personagens, quer seja de animais, de super-heróis, príncipes ou princesas – enfim, mascaram-se de acordo com o que mais gostam.

Durante o dia, as crianças dançaram, jogaram, brincaram e representaram as personagens que vestiam. Spodek e Saracho (1998) referem que

(...) a brincadeira dramática é um meio importante de expressão para as crianças pequenas, pois, através dela, elas testam suas ideias, dão expressão a seus sentimentos e aprendem a trabalhar com outras (...). Através do jogo dramático, as crianças desenvolvem um entendimento do mundo em volta delas, e aprendem a lidar com o seu ambiente. (p. 221)

Não posso deixar de referir a importância que esta semana teve para mim, tanto a nível pessoal, como a nível pedagógico.

Capítulo 2

Planificações

Neste capítulo, após fazer a fundamentação teórica relativa ao tema da planificação e ao Modelo T (usado nas escolas onde estagiei), apresento quatro planos de aula baseados no modelo T de unidade de aprendizagem, acompanhados das inferências e fundamentação teórica.

Duas dessas planificações são referentes à Educação Pré-Escolar e duas ao 1.º Ciclo. As duas primeiras são da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, e da Área de Conhecimento do Mundo, e foram feitos para um Grupo de 5 anos. As duas planificações referentes ao 1.º Ciclo do Ensino Básico são de Português e de Matemática e destinaram-se a uma turma de 1.º ano. Estas aulas serão contextualizadas cientificamente.

2.1 Fundamentação Teórica

Planificar é a preparação prévia e a concretização de um plano de ação, de uma meta a alcançar, que tem como objetivo indicar-nos a forma de abordar determinados conteúdos. Segundo Zabalza (2000, p. 47), “em termos gerais trata-se de converter uma ideia ou um propósito num curso de ação”.

Planificar é uma ação fundamental durante todo o processo educativo. É extremamente importante que, ao planear, o Professor tenha em conta o grupo com quem vai trabalhar, não podendo esquecer que cada criança é um ser individual, com ritmos de aprendizagens distintas dos outros. De acordo com o que vem sustentado nas Orientações Curriculares (Ministérios da Educação, 1997), planificar “é condição para que a educação escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas que contribuem para uma maior igualdade de oportunidades” (p. 26).

A primeira coisa a fazer pelo Professor é planificar, seguir a planificação e, posteriormente, refletir sobre os resultados obtidos. Escudero, citado por Zabalza (2000), defende que planificar inclui:

(...) prever possíveis cursos de ação de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projeto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar. (pp. 47 e 48)

Clarck e Peterson (citados por Zabalza, 2000, p. 48) referem que a planificação é uma atividade que parte do interior mental do Professor: “O conjunto de processos

psicológicos básicos, através dos quais a pessoa visualiza o futuro, faz um inventário de fins e meios e constrói um marco de referência que guie as suas ações”.

Quando o Professor planifica, está a refletir sobre as suas práticas, recorrendo, desta forma, aos conhecimentos adquiridos, com o objetivo de definir um plano de intervenção sobre os conteúdos que pretende lecionar. Zeichner (1993, p. 18) diz-nos que o ato de refletir sobre as práticas para posteriormente planificar “implica uma consideração ativa, persistente e cuidadosa daquilo em que se acredita ou se pratica, à luz dos motivos que o justificam e das consequências a que conduz”, permitindo ao Professor ultrapassar dificuldades e, desta forma, contribuir para o sucesso do ensino/aprendizagem, levando-o a criticar e a manter ou modificar as suas práticas.

Na realização da planificação, temos que organizar os conteúdos indicados nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, no caso desta valência, e nos diferentes *Programas* (de Português, de Matemática, de Estudo do Meio, de Expressões) do 1.º Ciclo do Ensino Básico, de forma clara e eficiente, para que os alunos consigam atingir os objetivos definidos. Acima de tudo, ao planificar, devemos ter em conta a faixa etária dos alunos, os ritmos de aprendizagem de cada um, a cultura dessas mesmas crianças e toda a comunidade envolvente.

A escola ou o Professor podem realizar a sua planificação. A primeira é responsável pela gestão e tomada de decisão a partir do que constitui um Programa Geral, com linhas comuns, que irá ser interpretado e adequado ao contexto da escola, que corresponde ao Projeto Curricular de Escola. Zabalza (2000, p. 53) refere que, neste caso, “o conteúdo refere-se a metas gerais, prioridades e princípios de procedimento”. O Professor reconstrói e adapta esse mesmo currículo aos alunos que tem, tendo sempre em conta as diferentes características e necessidades dos seus alunos, originando assim uma planificação microcurricular – o Projeto Curricular de Grupo/Turma. Este está descrito na Circular 17/DSDC/DEPEB/2007 de 10 de outubro como sendo o “documento que define as estratégias de concretização e de desenvolvimento das orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar, e do Projeto Curricular de Estabelecimento/Escola, visando adequá-lo ao contexto de cada grupo/turma” (p. 2). Como é referido por Zabalza (2000):

(...) é a escola ... o protagonista principal destas decisões, através das quais aquilo que era um Programa geral, centralista, standard, se acomoda às características próprias de uma situação concreta. As suas decisões terão sentido no contexto de toda a comunidade escolar. Posteriormente essas decisões adquirirão um novo sentido, ao serem acomodadas à situação específica de cada turma e das diversas matérias, através das decisões adotadas por cada professor. (pp. 54 e 55)

O currículo vai auxiliar o docente nas decisões a ter nas suas práticas de ensino e orienta-o durante o processo educativo a desenvolver com os alunos. Ribeiro e Ribeiro (1990) definem currículo como o “plano estruturado de ensino-aprendizagem, incluindo objetivos ou resultados de aprendizagem a alcançar, matérias ou conteúdos a ensinar, processos ou experiências de aprendizagem a promover” (p. 51).

O modelo de planificação adotado nas três escolas onde estagiei é designado por Modelo T, ou Modelo duplo T, da autoria de Pérez. Designa-se Modelo T, por ter a forma de T quer no campo dos conteúdos e procedimentos/métodos, quer no das competências (capacidades/ destrezas e valores/attitudes). Este modelo integra alguns elementos essenciais (conteúdos, métodos/ procedimentos, capacidades, destrezas e valores, attitudes, e a avaliação das mesma), de forma a contribuir para uma planificação adequada. Segundo Pérez (s.d.),

O Desenho Curricular de Aula supõe uma concreção do currículo na aula e portanto contém também estes elementos básicos: capacidades – destrezas, valores – attitudes como objetivos e conteúdos e métodos/ procedimentos como meios. Trata-se de um desenhar (programar) e avaliar o currículo e a cultura social e institucional na aula para um curso escolar ou um ano escolar. (p. 38)

Este mesmo autor refere ainda que, neste Modelo, “de uma forma panorâmica e global, numa só folha, integramos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser aprendida na escola ao longo do curso escolar” (p. 40).

Os elementos básicos que são parte integrante do Modelo T (v. Quadro 14) são os seguintes: Conteúdos Conceptuais – que encontramos nos diversos Programas estabelecidos; Procedimentos/métodos – indicam a forma como pretendemos executar conteúdos a ser lecionados no decorrer do ano letivo; Capacidades/destrezas – referem os objetivos cognitivos que pretendemos desenvolver; Valores/attitudes – indicam quais os objetivos afetivos que nos propomos a desenvolver.

Quadro 14 – Exemplo de uma Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem

Conteúdos	Procedimentos
Competências	
Capacidades – Destrezas	Valores – Attitudes

O Desenho curricular de aula em Modelo T, segundo Pérez (s.d.), conta com dois tipos de planificações: as longas (o plano anual) e as curtas (o plano de unidade de aprendizagem). Na planificação anual, que é realizada para um ano, consta a avaliação inicial; na planificação de unidades de aprendizagem (três a seis por ano), consta a avaliação de objetivos (formativa). O mesmo autor define que:

Um Desenho Curricular de Aula consta de programações ou planificações largas (um curso ou ano escolar) e curtas (mínimas de três, máximo seis por ano ou curso). Deste modo o currículo sequencia-se e temporaliza-se na aula e na sala de classe (p. 38).

O Professor utiliza a avaliação inicial ou diagnóstica, o que lhe permite perceber quais os conceitos, esquemas e aprendizagens prévias de cada aluno. A avaliação final tem por objetivo avaliar o nível de aquisição dos objetivos no final do ano.

Todas as planificações que fiz ao longo dos nove semestres de formação (seis na Licenciatura em Ensino Básico, três no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico) são planificações a curto prazo, uma vez que foram executadas para aulas com a duração de 20 a 30 minutos. O modelo seguido foi o de Martiniano Pérez, embora não tenha sido totalmente adotado, uma vez que o autor considera que uma planificação curta é aquela que tem a duração mínima de 6 semanas. Todos estes planos estão sujeitos a alterações, de forma a, que possa haver flexibilidade para mudar o rumo da aula, se as circunstâncias assim o exigirem.

2.2. Planificações Fundamentadas

De seguida, apresento os meus Planos de Aula para um Grupo da Educação Pré-Escolar, de 5 anos, na Área de Conhecimento do Mundo e na Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, e para uma turma de 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, na Área de Português e de Matemática, e as respetivas fundamentações teóricas.

2.2.1 Planificação da Área de Conhecimento do Mundo

Quadro 15 – Plano de Aula na Área de Conhecimento do Mundo

Grupo de 5 anos

Mafalda Rodrigues

Duração: 20 minutos

MEPE1.ºC PL, n.º 3

Data: 03/02/2012

Plano de Aula

Área: Conhecimento do Mundo

Conteúdos Conceptuais		Procedimentos	
✓ Mamíferos – O Coelho		✓ Sentar as crianças no chão, em semicírculo; ✓ Mostrar o coelho (real), introduzindo um momento de magia (usando uma varinha mágica, tirar de uma cartola um coelho); ✓ Pôr as crianças a reconhecerem as características físicas dos mamíferos; ✓ Enunciar hábitos e alimentação dos coelhos; ✓ Pôr as crianças a dar comida ao coelho; ✓ Mostrar imagens, em <i>PowerPoint</i> , do coelho, desde o nascimento até ao estado adulto; ✓ Terminar a aula com a canção: “Coelhinho branco”.	
Capacidades – destrezas		Objetivos	Valores – atitudes
✓ Raciocínio lógico: . Observar . Memorizar ✓ Espaço-temporal: . Interpretar . Relacionar		✓ Respeito: . Participar . Cooperar Convivência: . Colaborar . Entreajuda	
Material: Coelho, cartola, varinha mágica, <i>PowerPoint</i> , alimentação do coelho (alface, cenoura, etc.)			

Modelo T de unidade de Aprendizagem
 Este plano poderá sofrer alterações com o desenrolar da actividade

Fundamentação teórica/ Inferências

Sentei as crianças no chão, em semicírculo. De acordo com o que vem referido nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997, p. 37): “A organização e a utilização do espaço são expressões das intenções educativas e da dinâmica do grupo.” Esta disposição pareceu-me a mais adequada para iniciar a aula.

A minha aula na Área de Conhecimento do Mundo tinha como conteúdo “os mamíferos”, especificamente, o coelho. Segundo essas citadas *Orientações* (Ministério da Educação, 1997), a área de Conhecimento do Mundo deve ser encarada como

(...) uma sensibilização às ciências, que poderá estar mais ou menos relacionada com o meio próximo, mas que aponta para a introdução de aspetos relativos a diferentes domínios do conhecimento humano: a história, a sociologia, a geografia, a física, a química e a biologia... que, mesmo elementares e adequadas a crianças destas idades, deverão corresponder sempre a um grande rigor científico. (pp. 80-81)

Nestas mesmas *Orientações* vem referido que, na área de Conhecimento do Mundo, devem ser dados às crianças “conteúdos relativos à biologia”, tais como o conhecimento “dos animais, do seu habitat e costumes” (p. 81),

Com o auxílio de uma varinha mágica e de uma cartola gigante, envolvi as crianças num momento de magia, e de dentro de uma cartola retirei um coelho (verdadeiro). Zabalza (1998b, p. 54) defende a importância de envolver as crianças na magia durante as aulas, pois “a imaginação e todo o jogo infantil da fantasia desempenha uma dupla função: uma a nível afectivo-emocional profundo (...); outra, a nível cognitivo”.

Pus o coelho no chão, enquanto as crianças iam observando e enumerando as características deste, até concluírem que se tratava de um animal mamífero. É defendido por Borrás (2002, p. 345) que “os elementos naturais atraem a atenção das crianças. Estimulam-nas a pôr em ação todas as estratégias de observação e permitem-lhe pôr à prova muitas das hipóteses que lhes foram apresentadas na aula”. Refere ainda que o convívio com animais possibilita “desenvolver atitudes de proteção e manifestar responsabilidade através do cuidado que lhes proporcionam”.

Em conjunto, decidimos dar um nome ao coelho: Snoopy. Consegui motivar as crianças para o tema, pois o contato que tiveram com o animal deixou-as curiosas e queriam saber mais sobre este. Posso afirmar que as crianças ficaram muito entusiasmadas com o contacto com o coelho. Como é referido por Catita (2007, p. 66),

“a abordagem ao tema ‘animais’ é fascinante para as crianças destas idades. As crianças têm uma relação face ao mundo animal muito semelhante ao dos humanos”.

Antes de deixar que as crianças tocassem no coelho, falei com elas sobre os cuidados que deveriam ter. Catita (2007) refere a importância de

(...) sensibilizar as crianças destas idades para a questão do bem estar do animal, mostrando-lhes as necessidades e cuidados a ter com os animais. Fazendo-lhes sentir que, da mesma forma que cultivamos o respeito pelos outros seres humanos, também devemos fazer o mesmo para com os outros animais. (p. 72)

Expliquei, então, às crianças como e onde vivem os coelhos, o que comem. Tinha levado cenoura, folhas de couve e de alface, ração, e deixei que as crianças o alimentassem.

Após, usando um *PowerPoint*, mostrei imagens reais de um coelho, desde o seu nascimento (láparo) até à idade adulta. Spodek e Saracho (1998, p. 335) defendem que, “as fotografias estimulam discussões e oferece informação”. Tive o cuidado de selecionar imagens grandes e com boa qualidade de forma a que as crianças percebessem o que pretendia mostrar-lhes.

Tentei criar situações de aprendizagem, criando estratégias que influenciassem as crianças a desenvolver o seu sentido de observação, não só quanto ao animal que tinham à sua frente, mas também em relação às imagens que fui mostrando em *PowerPoint*. Levei-as, assim, a verbalizar o que iam observando e o que sabiam sobre o coelho. Como defende Herrero (s.d., p. 49), levar os alunos a uma observação atenta e contínua é uma condição essencial e “imprescindível para se desenvolver uma prática educativa eficiente”.

As crianças estavam tão envolvidas com o contacto que estavam a ter com o coelho que não paravam de colocar questões, pois queriam saber mais sobre este. Tentei ouvir todas as questões e dar-lhes respostas, com o objetivo de fomentar o diálogo. Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997),

A aquisição de um maior domínio da linguagem oral é um objetivo fundamental da educação pré-escolar, cabendo ao educador criar as condições para que as crianças aprendam, entre estas salienta-se a necessidade de: criar um clima de comunicação em que a linguagem do educador, ou seja, a maneira como fala e se exprime, constitua um modelo para a interação e a aprendizagem das crianças. (p. 66)

Com todas as questões que iam pondo, e as observações que iam fazendo, na sua maioria pertinentes, as crianças foram aprendendo ainda mais sobre o coelho e as características deste, a sua alimentação, e o seu habitat.

Gostei bastante de lecionar esta aula, tanto em relação aos conteúdos lecionados como à relação estabelecida com as crianças. Zabalza (1998a, p. 27) defende que uma boa relação com as crianças “constitui, provavelmente, o recurso fundamental na hora de trabalhar com crianças pequenas. Qualquer possibilidade de educação passa pelo estabelecimento de vínculos de relação (...) positivos” e foi isto que senti que aconteceu.

2.2.2 Planificação na Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Quadro 16 – Plano de Aula de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Grupo de 5 anos

Mafalda Rodrigues

Duração: 20 minutos

MEPE1.ºC PL, n.º 3

Data: 03/02/2012

Plano de Aula

Área: Expressão e Comunicação – Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita

Conteúdos Conceptuais		Procedimentos	
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ouvir ler uma história ✓ Leitura e escrita de palavras 		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Sentar as crianças no chão, nas almofadas, em semicírculo; ✓ Ler, em voz alta, <i>O Coelhoinho Afonso</i>, de Luísa Ducla Soares; ✓ Interagir oralmente com as crianças ao longo da história; ✓ Sentar as crianças à mesa; ✓ Construir com letras móveis as palavras: sol e cabeça; ✓ Entregar uma ficha de trabalho relacionada com a letra que cada criança está a trabalhar; 	
Capacidades - destrezas	Objetivos	Valores – atitudes	
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Raciocínio lógico: <ul style="list-style-type: none"> . Observar . Associar . Memorizar ✓ Espaço-temporal: <ul style="list-style-type: none"> . Interpretar . Relacionar . Localizar 		<ul style="list-style-type: none"> ✓ Respeito: <ul style="list-style-type: none"> . Participar . Cooperar . Respeitar ✓ Solidariedade: <ul style="list-style-type: none"> . Responsabilizar . Partilhar . Conviver 	
<p>Material: Livro, cartões com duas linhas, letras móveis, placar com letras móveis em grande e fichas de trabalho.</p>			

Modelo T de unidade de Aprendizagem

Este plano poderá sofrer alterações com o desenrolar da atividade.

Fundamentação teórica/ Inferências

Comecei por sentar as crianças, em almofadas, em semicírculo. Cury (2005, p. 125) refere que, “sentar em forma de “U” ou em círculo aquietam o pensamento, melhora a concentração, diminui a ansiedade dos alunos”. Pedi que se dispusessem a modo a ficarem confortáveis, pois queria que todos estivessem bem dispostos e atentos à história que lhes ia contar. Carneiro et. al. (1983, p. 111) referem que “a participação na sala de aula depende, entre outros factores, do modo como esse espaço está organizado e do lugar que nele ocupam”.

Depois de estarem todos bem sentados e confortáveis, no âmbito da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, li-lhes *O Coelho Afonso*, de Luísa Ducla Soares.

Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 2007, p. 70), “é através dos livros que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética. Por isso os livros devem ser escolhidos segundo critérios de estética literária e plástica” (p. 70). Magalhães (2008) refere a importância de o educador “proporcionar ao público infantil um encontro gradual com a leitura literária” (p.55), para que se estimule o gosto pela leitura. A mesma autora acrescenta que,

(...) a audição destes contos, lidos ou contados pelo Educador, pode ajudar a construir futuros leitores de narrativas, de quaisquer narrativas. As crianças de 3 a 6 anos que os escutem percebem o enredo – o que lhes dá segurança e torna a audição de histórias um acto gostoso; habituam-se a conviver com, e a aprender, noções como personagem, ação, espaço e tempo. (p. 63)

Fui interagindo com as crianças ao longo da história. Este livro fala de um coelho que procura um amigo para brincar. Pedi às crianças que tentassem imaginar que animal é que o coelho Afonso iria encontrar a seguir e foram fazendo o som dos animais que iam aparecendo. Eram também as crianças que diziam a quadra que o coelho dizia sempre que encontrava um animal. Incentivei-as a dizerem a rima que se repetia na história, pois acho que é muito importante as crianças em idade de Educação Pré-Escolar tenham contacto com rimas e poesia. Agüera (2008) explica:

A rima e o ritmo estão totalmente vinculados ao processo psico-evolutivo da infância. Os pequenos poemas, as canções, as lengalengas, etc. têm, pois, um enorme valor significativo do qual deveríamos tirar partido se queremos uma educação de infância criativa, que tenha como ponto de partida os interesses dos mais pequenos. (p. 23)

Segundo Veloso e Riscado (2002, p. 28), “a literatura infantil constitui um vasto laboratório linguístico, pois permite à criança toda uma série de experimentações, divertidas, à partida, pela sua complexidade e pelo prazer que provocam”. Estes autores prosseguem as suas reflexões com as seguintes palavras:

O contacto com os contos e poesia de autor vem permitir novas descobertas e novas surpresas gratificantes (...). A hora do conto e a animação da leitura são duas excelentes propostas passíveis de gerar e fazer crescer leitores indefectíveis porque ouvir ler e ler, mergulhar em sucessivos banhos de livros são formas privilegiadas de partilha e de enriquecimento estético, emocional e intelectual. (p. 28)

De seguida, pedi que as crianças se sentassem nos seus lugares à mesa, e distribuí uma proposta de trabalho e um envelope a cada criança, dentro do qual tinham uma palavra escrita e letras recortadas. Uma vez que nem todas as crianças iam na mesma lição da *Cartilha Maternal*, diferenciei as propostas de trabalho: metade do Grupo tinha a palavra *sol* e a outra metade a palavra *cabeça*. Temos que ter sempre em conta que nem todas as crianças conseguem acompanhar em simultâneo as lições da *Cartilha*, logo, e como referido por Ruivo (2009, p. 135), “Cada um vai ao seu ritmo e todas as tarefas complementares são de acordo com as suas capacidades”.

Tinha um placar, com essas mesmas palavras em grande, coleí-as no quadro e pedi a algumas crianças que as lessem. Posteriormente, solicitei que abrissem o envelope e tirassem as palavras e as letras móveis e que com estas escrevessem outras palavras. Conforme iam montando as palavras, iam ao quadro escrevê-las.

Elaborei esta atividade porque penso que é uma forma de trabalho mais lúdica de desenvolver a leitura e escrita de palavras e também auxilia as crianças a consolidarem as suas aprendizagens. Bartolomeis (1976), refere que

(...) o trabalho deve ocupar um lugar importante nas actividades das crianças muito pequenas, porque ele pode contar com capacidades e necessidades, e , conseqüentemente, desempenha um papel insubstituível não só na aquisição de conhecimentos e de aptidões, mas também nas adaptações socio-emotivas. (p.77)

Todas as crianças iam conseguindo escrever as palavras com as letras móveis, umas mais depressa que outras. Segundo Teberosky e Colomer (2003, p. 54), “ao escrever, a criança tenta encontrar as unidades sonoras que correspondem às letras e, por isso, faz uso de seus conhecimentos sobre os enunciados orais. Dessa forma, as unidades pronunciáveis que descobre são as sílabas”.

Por fim, entreguei às crianças uma ficha de trabalho, que li em voz alta, explicando-lhes o que era pretendido. Esclareci que para a realização dessa ficha teriam de utilizar as letras móveis que tinham estado a utilizar e que eu não os poderia ajudar.

Não ajudei as crianças, uma vez que esta ficha iria ser utilizada nos dispositivos de avaliação.

As crianças gostaram muito da atividade proposta. Embora não lhes tenha dado qualquer tipo de ajuda, trabalharam com entusiasmo e concentração.

2.2.3 Planificação na Área de Português

Quadro 17 – Plano de Aula de Português (1.º Ano A)

Turma de 1.º ano		Mafalda Rodrigues	
Duração: 20/30 minutos		MEPE1.ºC PL, n.º 3	
Data:13/04/2012			
Plano de Aula Área: Português			
Conteúdos Conceptuais		Procedimentos	
✓ Família de palavras		✓ Iniciar a aula, escrevendo no quadro as palavras: “felizmente, felicidade, felizardo, infelicidade e feliz”; ✓ Perguntar aos alunos se as palavras escritas no quadro têm alguma coisa em comum; ✓ Explicar-lhes que existem palavras da mesma família e que estas têm uma palavra que lhes dá origem (uma ‘palavra mãe’); ✓ Colar uma imagem de uma árvore no quadro, a qual terá na sua base três palavras móveis (as palavras ‘mãe’ “flor”, “mar” e “sol”) e nos ramos vários espaços para completar com palavras da família dessa mesma palavra; ✓ Distribuir uma ficha de trabalho relacionada com o tema.	
Capacidades – destrezas	Objetivos	Valores – atitudes	
✓ Raciocínio lógico: . Associar . Memorizar ✓ Espaço-temporal: . Interpretar . Relacionar		✓ Respeito: . Participar . Cooperar ✓ Solidariedade: . Responsabilizar . Partilhar	
Material: Quadro; giz; cartaz, letras móveis; canetas de acetato e fichas de trabalho.			
Modelo T de unidade de Aprendizagem			
Este plano poderá sofrer alterações com o desenrolar da atividade			

Fundamentação teórica/ Inferências

Nesta aula de Português, lecionei um conteúdo gramatical: a família de palavras. Segundo o que vem referido no *Programa de Português do Ensino Básico* (Ministério da Educação, 2009, p. 19), “há que reforçar a exigência do chamado Conhecimento Explícito da Língua, nos vários estádios de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem da língua tendo em vista o ensino da gramática. Um tal trabalho iniciar-se-á logo no primeiro ciclo”.

Depois de as crianças estarem sentadas, com calma, nos seus lugares, introduzi o tema, escrevendo no quadro algumas palavras da família da palavra “feliz”. Fui questionando os alunos sobre se encontravam algumas semelhanças nas palavras escritas no quadro. A partir das respostas obtidas, fui explicando o conceito de família de palavras.

No *Programa de Português do Ensino Básico* (Ministério da Educação, 2009, p. 51), nos descritores de desempenho do Conhecimento Explícito da Língua para 1.º e 2.º anos do 1.º Ciclo de Educação Básica, vem explícito que os alunos devem “manipular palavras e frases; comparar dados e descobrir regularidades”.

Com o objetivo de tornar esta aula mais lúdica, preparei como materiais: uma árvore grande com várias ramificações e palavras móveis de tamanho grande, plastificadas. Pereira (1992, p. 139) refere que os materiais ou recursos a usar “incluem todos os materiais com que o professor trabalha para fazer com que o processo de aprendizagem seja mais eficaz na sala de aula e na escola em geral”.

Colei no quadro a árvore; no tronco, ia colocando as diferentes palavras base (móveis) e levei os alunos a encontrarem alguns exemplos da família dessas palavras. Os alunos iam escrevendo as palavras no placar, em forma de árvore, com caneta de acetato. Não levei comigo as palavras da família de cada uma das palavras base, para que, dessa forma, fossem os alunos a escrevê-las.

Ao proporcionar este tipo de atividade pretendia desenvolver nos alunos a consciência morfossintática. Lopes (2006) refere a consciência morfossintática como,

(...) um tipo específico de conhecimento acerca das palavras: o seu formato (ou a sua formação) e o papel que desempenham nas frases. Este conhecimento é de fundamental importância para a apreensão do significado das palavras isoladas e do sentido das frases. (p. 24)

Depois de ter lecionado este conteúdo solicitei a ajuda de dois alunos para distribuir fichas de trabalho pelos colegas.

Fiz a leitura da ficha em voz alta, e expliquei o que era para fazer. Enquanto os alunos foram fazendo a ficha, eu fui circulando pela sala e ajudando os que estavam com mais dificuldade. De seguida, fizemos a correção desta ficha no quadro.

2.2.4 Planificação na Área de Aula de Matemática

Quadro 18 – Plano de Aula de Matemática (1.º Ano A)

Turma de 1º ano		Mafalda Rodrigues	
Duração: 20/30 minutos		MEPE1.ºC PL, n.º 3	
Data: 13/04/2012			
Plano de Aula Área: Matemática			
Conteúdos Conceptuais		Procedimentos	
✓ As Horas		✓ Perguntar aos alunos a que horas chegam à escola e se é sempre à mesma hora; ✓ Depois da resposta, perguntar-lhes como é que sabemos que está na altura de ir para a escola; ✓ Perguntar-lhes qual é o objeto que utilizamos para ver as horas; ✓ Mostrar um relógio grande, de ponteiros, e perguntar quais os constituintes do relógio; ✓ Explicar as horas, os minutos e os segundos; ✓ Executar com os alunos um relógio em papel; ✓ Solicitar que digam as horas que vou indicando no relógio que fizeram.	
Capacidades – destrezas		Objetivos	Valores – atitudes
✓ Raciocínio lógico: . Observar . Aplicar ✓ Compreensão: . Identificar . Aplicar		✓ Respeito: . Participar . Cooperar ✓ Convivência: . Colaborar . Entreeajuda	
Material: Relógio de ponteiros (feito em cartolina), papel para construção de relógios e ponteiros; envelope com ataches.			
Modelo T de unidade de Aprendizagem Este plano poderá sofrer alterações com o desenrolar da atividade			

Fundamentação teórica/ Inferências

Nesta aula na área da Matemática, comecei por questionar os alunos sobre o horário em que iniciavam as aulas e como é que sabiam que estava na hora de vir para a escola. Com as respostas deles chegámos ao tema da aula. Colei, então, um grande relógio (que fiz em cartolina e plastifiquei) de ponteiros no quadro, e fomos falando sobre este, os seus constituintes e para que é que serviam.

É extremamente importante desenvolver nas crianças a noção de tempo. Estas devem adquirir noções como a passagem do tempo, intervalo de tempo e instante. Tais noções devem estar assimiladas antes de aprenderem a ver as horas. Spodek e Saracho (1998, p. 316) explicam que “o tempo é abstrato, o que faz dele uma dimensão difícil de ser medida pelas crianças pequenas. Na verdade, nós não ensinamos as crianças a medirem o tempo, e sim a lerem os instrumentos que o medem”.

Vem referido nas *Metas Curriculares – Ensino Básico – Matemática* (Ministério da Educação, 2012, p. 13) que os alunos do 1.º ano devem aprender a “efetuar medições do tempo utilizando instrumentos apropriados”. Mais explicitamente, devem “reconhecer a hora como unidade de medida de tempo e relacioná-la com o dia” e “ler e escrever a medida de tempo apresentada num relógio de ponteiros em horas, meias horas e quartos de hora”.

Pedi a dois dos alunos que distribuíssem por cada colega um envelope, que continha os constituintes do relógio e ataches. Cada um dos alunos construiu o seu próprio relógio. Dewey (2002, p. 30) refere que “a tarefa prática fornece à criança uma motivação genuína; dá-lhe a experiência directa das coisas; põe-na em contacto com as realidades”. Os alunos foram fazendo os exercícios que lhes fui propondo nos relógios que construíram, e estes exercícios foram sendo corrigidos no relógio grande que estava exposto no quadro.

Os alunos mostraram interesse e empenho ao longo da aula, mas este foi mais evidenciado aquando da construção dos relógios. Barderas (2000, p. 101) refere que “hoje em dia é enorme o esforço que se dedica a ‘inventar’ e a ‘descobrir’ recursos que permitam a certo tipo de alunos intuir e apreender o conhecimento fora do contexto formal”.

Os materiais utilizados foram elaborados por mim. Na minha opinião, e também segundo a Professora cooperante, estavam apelativos e adequados à idade dos alunos. Possibilitaram-lhes a manipulação individual. Martins et. al. (2009, p. 21)

consideram “fundamental que, no caso dos grandes grupos, haja a preocupação de disponibilizar recursos a todas as crianças” e assim procurei fazer.

Segundo Bartolomeis (1976, p. 14), o docente “ao preparar ambientes e materiais, ao planificar, elasticamente, atividades é necessário ter em conta também as exigências que a criança pode e está apta a satisfazer com ocupações que mereçam a sério o nome do trabalho”. A utilização de materiais manipuláveis para facilitar a aprendizagem dos alunos e estimular o seu raciocínio é fundamental. No *Programa de Matemática do Ensino Básico* (Ministério da Educação, 2007, p. 9) vem referido que “os alunos devem utilizar materiais manipuláveis na aprendizagem de diversos conceitos” (p. 9), pois estes são um suporte físico através do qual os alunos manipulam, exploram e experimentam.

Capítulo 3

Dispositivos de Avaliação

Iniciarei este capítulo com uma reflexão sobre a avaliação e a importância desta. De seguida, apresentarei quatro dispositivos de avaliação, que realizei durante o período do meu Estágio Profissional.

Dois deles foram realizados na Educação Pré-Escolar, no âmbito da Área Expressão e Comunicação, no Domínio da Matemática e no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Estes dois dispositivos foram apresentados na sala do Grupo de 5 anos. Os outros dois dispositivos de avaliação foram aplicados a uma turma do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no âmbito do Estudo do Meio e do Português. Para cada um desses dispositivos, serão expostos os parâmetros e critérios de avaliação, tal como as cotações, avaliações, a grelha de avaliação com as respetivas classificações e um gráfico circular, no qual estão apresentados os resultados obtidos pelas crianças na atividade, e uma análise do mesmo.

3.1 Fundamentação Teórica

A avaliação pode ser definida como parte integrante do processo de ensino e de aprendizagem, e permite verificar o cumprimento do currículo, diagnosticar as insuficiências e as dificuldades dos alunos, ao nível da aprendizagem, e (re)orientar o processo educativo.

Nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997, p. 27) vem referido que “avaliar o processo e os efeitos implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução”. No Decreto-Lei n.º 18/2011, de 2 de fevereiro, refere-se que a avaliação estabelece um sistema regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das várias aquisições obtidas pelos alunos ao longo do Ensino Básico.

Segundo o Despacho Normativo n.º 6/2010:

A grande diversidade de alunos do ponto de vista etário, cultural e social que frequenta actualmente a escola básica pode ser encarada como um contributo para a construção de uma sociedade plural e tolerante, na qual todos os intervenientes têm um papel importante a desempenhar. No contexto desta diversidade, a avaliação, enquanto parte integrante do processo de ensino e de aprendizagem, constitui um instrumento regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das diversas aquisições realizadas pelo aluno ao longo do ensino básico.

Rosales (1992, p. 31) considera a avaliação como uma “componente essencial do ensino, que se desenvolve paralelamente ao desenvolvimento global do mesmo, recebendo uma ampla série de estímulos procedentes de diversas áreas de conhecimento, com as quais mantém, simultaneamente, importantes relações”.

É fundamental que a avaliação seja encarada não só como uma forma de classificar os alunos, mas, também, como um ponto de partida para diagnosticar e gerir as necessidades de aprendizagem da turma, com o objetivo de que todos consigam atingir as metas pretendidas. De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990),

(...) a avaliação, é, assim, uma operação que prepara, acompanha e remata o processo de ensino-aprendizagem e que é o motor do seu constante aperfeiçoamento, pretendendo, em última análise, conduzir todos os alunos ao sucesso pleno do programa de estudos que seguem (p. 338).

A avaliação serve para que o Professor/Educador possa, através da recolha sistemática de informações e uma vez analisadas estas, tomar decisões, promovendo a qualidade das aprendizagens. Assim, são as seguintes as finalidades da avaliação, tal como vem referido no Despacho Normativo nº 14/2011:

A avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens.

3 — A avaliação visa:

- a) Apoiar o processo educativo, de modo a sustentar o sucesso de todos os alunos, permitindo o reajustamento dos projectos curriculares de escola e de turma, nomeadamente quanto à selecção de metodologias e recursos, em função das necessidades educativas dos alunos;
- b) Certificar as diversas aprendizagens e competências adquiridas pelo aluno, no final de cada ciclo e à saída do ensino básico, através da avaliação sumativa interna e externa;
- c) Contribuir para melhorar a qualidade do sistema educativo, possibilitando a tomada de decisões para o seu aperfeiçoamento e promovendo uma maior confiança social no seu funcionamento.

Como lemos no documento *Avaliar é aprender; o novo sistema de avaliação* (Instituto de Inovação Educacional, 1992, pp.10-11), a avaliação tem como objetivos a seleção de métodos e de recursos mais eficazes, adaptações curriculares, colmatar as necessidades específicas de cada criança, a coordenação de todos os intervenientes no processo educativo, a reformulação por parte dos alunos das decisões acerca dos seus próprios processos educativos, a introdução de modificações necessárias à melhoria da qualidade do sistema educativo.

Não posso deixar de referir que a avaliação não serve unicamente para avaliar o aluno, mas também serve para avaliar o Professor e a sua prática pedagógica. Desta forma este, o Professor, consegue refletir sobre a sua prática e auto-avaliar-se. Perrenoud (citado em Estanqueiro, 2010, p. 83) refere que “é a avaliação que ajuda o aluno a aprender e o professor a ensinar”. Pais e Monteiro (2002, p. 76) defendem que “não haverá avaliação eficaz, como não haverá ensino nem aprendizagem eficaz, se o professor não refletir sobre as suas práticas diárias, se não se avaliar diariamente”.

A avaliação do aluno não deve recair unicamente na avaliação dos resultados, devem ser também avaliados os processos a eles associados, de forma a detetar os problemas/dificuldades de aprendizagem, e a potenciar as suas possibilidades. Oliveira e Oliveira (1996) alertam para que,

(...) quanto mais parâmetros houver para a avaliação, menos injusta ela será, porque há sempre qualquer injustiça nesta avaliação, pois é impossível controlar totalmente o esforço, a capacidade, a motivação pessoal e familiar, a disciplina e outras variáveis que facilitam ou dificultam a aprendizagem. (p. 143)

A finalidade da avaliação é acompanhar o progresso do aluno durante o seu percurso de aprendizagem, de forma a reconhecer o que este aprendeu e onde é que este está a ter mais dificuldades.

A avaliação desempenha três tipos de funções: diagnóstica, formativa e sumativa. A avaliação diagnóstica é utilizada para os conhecimentos dos alunos em relação às novas aprendizagens que se pretende desenvolver, e às aquisições que este teve anteriormente, de forma a prever futuras dificuldades e colmatá-las e esclarecer situações presentes (Ribeiro, 1989, p. 79). A avaliação formativa determina os conhecimentos adquiridos pelo aluno no processo de aprendizagem, durante uma unidade de ensino, com o objetivo de identificar dificuldades e poder combatê-las. Para Cortesão (1993, p. 44), a avaliação formativa consiste na “recolha e feedback de informação apropriada para uma sistemática e contínua revisão do decurso do processo, tendo em vista a melhoria”. Ribeiro (1989, p. 84) afirma que esta desempenha “uma função semelhante à da avaliação diagnóstica e tem lugar tantas vezes quantas o professor entender conveniente, no decurso do processo de aprendizagem”. Por fim, a avaliação sumativa serve para averiguar o progresso do aluno no desenvolvimento das aprendizagens definidas para cada área curricular e disciplina. Ribeiro (1989, p. 88) diz que este tipo de avaliação corresponde “a um balanço final, a uma visão de conjunto relativamente a um todo sobre que, até aí, só haviam sido feitos juízos parcelares”. Cortesão (1993, p. 44) defende que a avaliação

sumativa “envolve conclusões sobre o mérito e o valor de um processo já completo ou estabilizado, sendo utilizada para selecionar e responsabilizar”.

Para cada um dos ciclos a avaliação difere e tem objetivos específicos para cada área disciplinar ou disciplina, de acordo com o currículo nacional. No caso da Educação Pré-Escolar, apenas se pratica a avaliação diagnóstica e a formativa.

São várias as práticas de registo de informação da avaliação, mas as mais utilizadas pelos professores são as grelhas de avaliação, sendo estas um apoio da avaliação dos conhecimentos adquiridos pelos alunos em determinada área. As grelhas de avaliação, segundo Leite et. al. (1995, p. 60), admitem a “reflexão atenta das práticas [o que] permite melhoramentos contínuos”. Os dispositivos de avaliação vão auxiliar o Professor a perceber se conseguiu levar os alunos a atingir os objetivos pretendidos.

Um dos aspetos mais difíceis e discutidos nas práticas pedagógicas é a avaliação. Ao criar estratégias ajustadas aos diferentes domínios, o Professor constrói grelhas de avaliação, o que lhe permite analisar as suas práticas, de forma a obter progressos no processo ensino/aprendizagem. Leite et. al. (1995, p. 61) defendem que as grelhas de avaliação “passaram a ser uma tarefa para desenvolver os parâmetros a utilizar e as notações valorativas de carácter qualitativo e/ou quantitativo”.

Para elaborar uma escala de avaliação para as minhas propostas de trabalho, baseei-me na Escala de Likert (v. Quadro 19).

Quadro 19 - Escala de Likert utilizada nos Dispositivos de Avaliação

Fraco	0 a 2,9
Insuficiente	3 a 4,9
Suficiente	5 a 6,9
Bom	7 a 8,9
Muito Bom	9 a 10

Esta escala está elaborada para 10 valores, valores estes associados a cinco níveis de desempenho.

Tenbrink (2002) refere que “uma escala de avaliação normalmente consiste num conjunto de características ou comportamentos a avaliar e algum tipo de hierarquia” (p. 259). Acrescenta que “estas escalas de evolução ajudam o observador a centrar-se em aspetos específicos, observáveis, dos elementos que está a avaliar” (p. 260). Este autor defende que uma escala numérica facilita a compreensão, o registo e a manipulação dos resultados, enquanto a escala gráfica “permite caligrafar os registos de um modo mais específico e com resultados observáveis” (p. 267).

3.2 Dispositivo de Avaliação da atividade da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática

3.2.1 Contextualização da atividade

A atividade no Domínio da Matemática foi realizada no dia 27 de janeiro de 2012, com Grupo de 5 anos, da escola de Lisboa. Foi aplicada a 27 crianças. A atividade consistia na construção de um itinerário no Geoplano, segundo as indicações dadas. Posteriormente, os alunos passaram para papel pontado o itinerário realizado no Geoplano.

Para a realização desta atividade, distribuí Geoplanos e elásticos por cada criança. Como tínhamos estado a falar da ovelha, pedi-lhes que ajudassem a ovelha a chegar ao cordeiro, seguindo as indicações que lhes eram dadas (indicações estas que os obrigava a realizar cálculos mentais). As crianças não tinham nenhum modelo para se guiar, nem foram lembradas as regras de manipulação do material.

Esta atividade teve a duração de 40 minutos. Não se disponibilizou ajuda.

Em anexo encontra-se a proposta de atividade (Anexo 1).

3.2.2 Descrição dos parâmetros, critérios e cotações das atividades

1. Aplicação das regras de utilização do material – pretende avaliar-se se a crianças conhece e sabe aplicar as regras necessárias à utilização do material. Os critérios estabelecidos para este parâmetro foram:

- Aplica as regras de utilização do material
- Não aplica as regras de utilização do material

2. Realização do itinerário – pretende avaliar-se se as crianças conseguiram realizar os cálculos e se seguiram as indicações dadas.

- Acerta todos os passos
- Erra dois passos
- Erra quatro passos
- Erra todos os passos

3. Representação do itinerário no papel ponteadado – pretende avaliar-se a capacidade de representação do itinerário do Geoplano no papel ponteadado.

- Representa os passos corretamente
- Erra 2 passos
- Erra 4 passos
- Erra todos os passos

No Quadro 20, encontra-se a tabela onde são atribuídas as cotações de cada critério estabelecido nesta proposta de atividade.

Quadro 20 – Parâmetros e critérios de avaliação no Domínio da Matemática

Parâmetros	Crítérios de avaliação		Cotações
1- Aplicação das regras do material	Sim	3	3
	Não	0	
2- Realização do itinerário	Acerta todos os passos	5	5
	Erra 2 passos	3	
	Erra 4 passos	1	
	Erra todos os passos	0	
3- Representação do itinerário no papel ponteadado	Representa os passos corretamente	2	2
	Erra 2 passos	1,5	
	Erra 4 passos	0,5	
	Erra todos os passos	0	

No Quadro 21 é apresentada a grelha de avaliação da atividade.

3.2.3. Grelha de avaliação do domínio de matemática

Quadro 21 – Grelha de avaliação da atividade no Domínio da Matemática

Parâmetros	1. Aplicação das regras do material		2. Realização do itinerário				3. Representação do itinerário no papel ponteadado				Cotação quantitativa	Cotação qualificativa
	Critérios	Sim	Não	Acerta todos os passos	Erra 2 passos	Erra 4 passos	Erra todos os passos	Representa todos os passos corretamente	Erra 2 passos	Erra 4 passos		
n.º de crianças												
1	X		X				X				10	Muito Bom
2	X		X					X			9,5	Muito Bom
3	X				X			X			7,5	Bom
4	X				X					X	6	Suficiente
5	X					x			X		4,5	Insuficiente
6	X		X					X			9,5	Muito Bom
7	X		x					X			9,5	Muito Bom
8	X				X			X			7,5	Bom
9	X		X							X	8	Bom
10	X		X				X				10	Muito Bom
11	X		X				X				10	Muito Bom
12		X			X			X			4,5	Insuficiente
13		X	X							X	5	Suficiente
14	X		X				X				10	Muito Bom
15	X		X					X			9,5	Muito Bom
16	X		X				X				10	Muito Bom
17	X		X							X	8	Bom
18	X		X						X		8,5	Bom
19	X		X				X				10	Muito Bom
20	X		X					X			9,5	Muito Bom
21	X		X				X				10	Muito Bom
22	x				X			X			7,5	Bom
23		X			X			X			4,5	Insuficiente
24	X		X				X				10	Muito Bom
25	X		X				X				10	Muito Bom
26	X				X			X			7,5	Bom
27	x		X				X				10	Muito Bom

3.2.4 Interpretação da grelha de avaliação

Ao observar a grelha de avaliação da atividade (Quadro 21), é possível verificar que, em relação ao primeiro parâmetro, 24 crianças conseguiram aplicar as regras do material e apenas três não conseguiram fazê-lo.

Relativamente ao segundo parâmetro, a execução do itinerário, no Geoplano, de acordo com as indicações dadas, 19 crianças conseguiram fazer corretamente o itinerário, sete erraram dois dos passos solicitados e uma errou quatro passos.

Quanto ao terceiro e último parâmetro (passagem do itinerário que tinham realizado no Geoplano para a folha de papel ponteadado), dez crianças fizeram-no corretamente, tendo a cotação máxima, onze erraram dois passos, duas erraram quatro passos e quatro crianças não o conseguiram realizar.

3.2.5 Apresentação dos resultados em gráfico

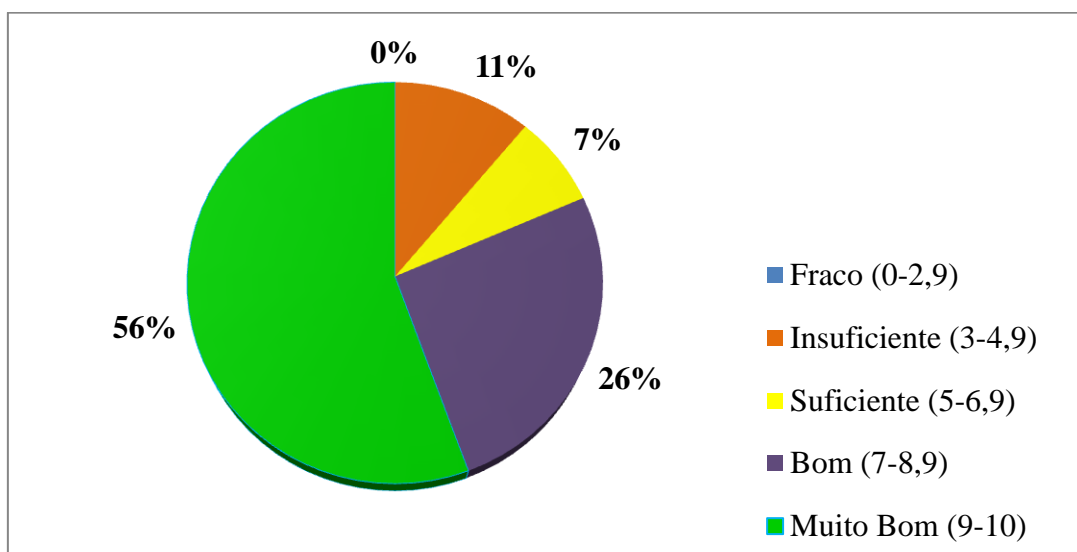


Figura 4 – Resultados da avaliação da actividade no Domínio da Matemática

3.2.6 Análise do gráfico

Perante a leitura dos resultados obtidos, no gráfico (Figura 5), posso verificar que 56% das crianças obtiveram o resultado de Muito Bom, 26% obtiveram Bom, 7% obtiveram o resultado de Suficiente e 11% obtiveram Insuficiente. Nenhuma criança teve o resultado Fraco.

Quanto às crianças que obtiveram os resultados mais baixos, há que fazer uma nova avaliação, de forma a perceber se foram as crianças que não entenderam o que lhes era proposto, se foi uma situação pontual, ou habitual, não podendo esquecer que nestas idades as crianças estão sempre a evoluir, e a avaliação deve ser contínua e sistemática.

3.3 Dispositivo de Avaliação da atividade da Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

3.3.1 Contextualização da atividade

A atividade da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita foi realizada na sala dos 5 anos, a 28 crianças, no dia 3 de fevereiro de 2012.

Para a realização desta atividade distribuí as propostas de trabalho e os envelopes que continham as letras móveis. Li-lhes a proposta em voz alta e expliquei-lhes o que era pretendido. Esta atividade teve a duração de 20 minutos. Não foi disponibilizada ajuda.

Uma vez que nem todas as crianças vão na mesma lição da *Cartilha Maternal* fiz duas propostas diferenciadas (v. Anexo 2).

3.3.2 Descrição dos parâmetros, critérios e cotações da atividade

1. Formação da palavra lida com letras móveis – pretende avaliar-se se a criança conhece as letras e sabe construir a palavra pretendida. Os critérios estabelecidos para este parâmetro foram:

- Forma corretamente a palavra
- Forma a palavra com erros
- Não consegue formar a palavra

2. Motricidade fina – pretende avaliar-se se as crianças conseguiram colar a palavra formada com as letras móveis entre as duas linhas existentes na proposta de trabalho.

- Cola as letras móveis entre as duas linhas

- Não cola as letras móveis entre as duas linhas

3. Descodificação e compreensão da palavra lida – pretende avaliar-se a capacidade da criança em descodificar e compreender o significado da palavra lida.

- Fez a ligação correta da palavra à imagem
- Não fez a ligação correta da palavra à imagem

No Quadro 22, encontra-se a tabela onde são atribuídas as cotações de cada critério estabelecido nesta proposta de atividade.

Quadro 22 – Parâmetros e critérios de avaliação no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	Crítérios de avaliação		Cotações
1- Formação da palavra pretendida	Forma corretamente a palavra	6	6
	Forma a palavra com erros	4	
	Não forma a palavra	0	
2- Motricidade fina	Cola a palavra entre as duas linhas	2	2
	Não cola a palavra entre as duas linhas	0	
3- Descodificação e compreensão da palavra	Fez a correspondência correta da palavra à imagem	2	2
	Não fez a correspondência correta da palavra à imagem	0	

No Quadro 23 é apresentada a grelha de avaliação da atividade.

3.3.3 Grelha de avaliação do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Quadro 23 – Grelha de avaliação da atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	1. Escreveu corretamente a palavra			2. motricidade fina – consegue colar a palavra entre duas linhas		3. Descodificação e compreensão da palavra		Cotação quantitativa	Cotação qualificativa
	Escreve corretamente	Escreve com erros	Não escreve a palavra	Cola a palavra entre as duas linhas	Não cola a palavra entre as duas linhas	Fez a correspondência correta da palavra à imagem	Não fez a correspondência correta da palavra à imagem		
n.º de crianças									
1	X			X		X		10	Muito Bom
2	X			X		X		10	Muito Bom
3		X			X	X		5	Suficiente
4		X			X	X		5	Suficiente
5	X			X		X		10	Muito Bom
6	X				X		X	6	Suficiente
7	X			X		X		10	Muito Bom
8	X			X		X		10	Muito Bom
9	X			X		X		10	Muito Bom
10		X		X		X		7	Bom
11	X				X	X		8	Bom
12	X				X	X		8	Bom
13	X			X		X		10	Muito Bom
14	X			X		X		10	Muito Bom
15	X				X	X		8	Bom
16	X			X		X		10	Muito Bom
17		X			X	X		5	Suficiente
18	X			X		X		10	Muito Bom
19	X			X		X		10	Muito Bom
20	X			X		X		10	Muito Bom
21	X				X	X		8	Bom
22		X			X	X		5	Suficiente
23		x			X	X		5	Suficiente
24	X			X		X		10	Muito Bom
25	X			X		X		10	Muito Bom
26	X				X	X		8	Bom
27	X			X		X		10	Muito Bom
28	X			X			x	8	Bom

3.3.4 Interpretação da grelha de avaliação

Ao observar esta grelha de avaliação (Quadro 23), posso verificar que, em relação ao primeiro parâmetro, todas as crianças conseguiram escrever a palavra pretendida, seis crianças escreveram-na com erros ortográficos e 22 escreveram-na corretamente.

No segundo parâmetro, dezassete crianças colaram a palavra formada entre as duas linhas existentes na proposta de trabalho e onze não o conseguiram fazer dentro das duas linhas.

Por fim, no último parâmetro, apenas duas crianças não fizeram a correspondência correta da palavra à imagem.

3.3.5 Apresentação dos resultados em gráfico

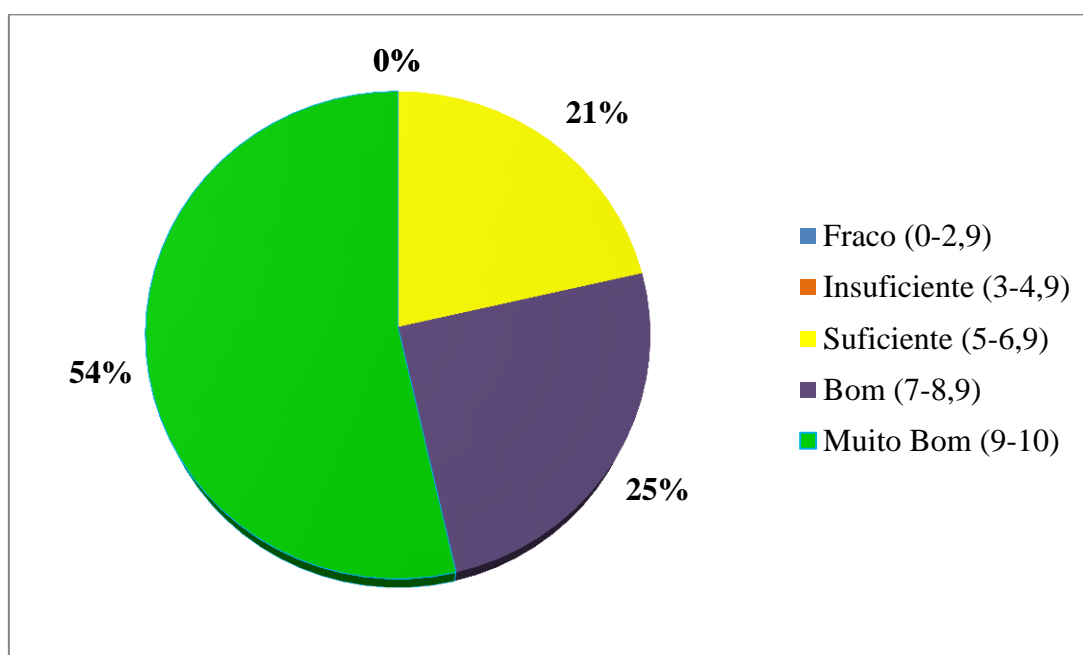


Figura 5 – Resultados da avaliação da atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

3.3.6 Análise do gráfico

Após a análise do gráfico (Figura 6), posso concluir que nenhuma criança teve Fraco nem Insuficiente; 21% obtiveram Suficiente, correspondendo a 6 crianças; 25% tiveram a qualificação de Bom, o que corresponde a 7 crianças, e as restantes 15 crianças obtiveram a qualificação de Muito Bom, correspondendo a 54%.

O grupo, na sua maioria, domina a descodificação e compreensão da escrita, independentemente de nem todos terem o mesmo ritmo de aprendizagem.

3.4 Dispositivo de Avaliação da atividade da Área de Estudo do Meio

3.4.1 Contextualização da atividade

A atividade de Estudo do Meio foi realizada no dia 13 de junho de 2012, com a turma do 2.º ano, a 18 alunos. Avaliava os conhecimentos sobre as características dos animais e consistia no preenchimento de lacunas existentes em seis frases.

Para a realização desta atividade distribuí as fichas avaliação, li e expliquei aos alunos o que era pretendido, para que estes não tivessem dúvidas. Esta atividade teve a duração de 15 minutos. Não se disponibilizou ajuda.

Em anexo encontra-se a proposta de atividade (Anexo 3).

3.4.2 Descrição dos parâmetros, critérios e cotações das atividades

1. Preenchimento dos espaços, existentes nas frases lacunares, recorrendo às palavras existentes no quadro-chave.

- Preenche corretamente todos os espaços
- Preenche corretamente 9 espaços
- Preenche corretamente 8 espaços
- Preenche corretamente 7 espaços
- Preenche corretamente 6 espaços
- Preenche corretamente 5 espaços
- Preenche corretamente 4 espaços
- Preenche corretamente 3 espaços
- Preenche corretamente 2 espaços
- Preenche corretamente 1 espaço
- Não preenche nenhum dos espaços corretamente
- Por cada erro ortográfico, descontar 0,5

No Quadro 24, encontra-se a tabela onde são atribuídas as cotações de cada um dos critérios estabelecidos nesta proposta de atividade.

Quadro 24 – Parâmetros e critérios de avaliação na Área de Estudo do Meio

Parâmetros	Critérios de avaliação	Cotações
1- Preenchimento dos espaços, existentes nas frases lacunares, recorrendo às palavras existentes no quadro-chave	Preenche corretamente todos os espaços	10
	Preenche corretamente 9 espaços	9
	Preenche corretamente 8 espaços	8
	Preenche corretamente 7 espaços	7
	Preenche corretamente 6 espaços	6
	Preenche corretamente 5 espaços	5
	Preenche corretamente 4 espaços	4
	Preenche corretamente 3 espaços	3
	Preenche corretamente 2 espaços	2
	Preenche corretamente 1 espaço	1
	Não preenche, corretamente, nenhum dos espaços	0
Total		10

No Quadro 25 é apresentada a grelha de avaliação da atividade.

3.4.3 Grelha de avaliação da atividade

Quadro 25 – Grelha de avaliação da atividade na Área de Estudo do Meio

Parâmetros	1. Preenchimento dos espaços, existentes nas frases lacunares, recorrendo às palavras existentes no quadro-chave											Cotação quantitativa	Cotação qualificativa	
Critérios	Preenche corretamente todos os espaços	Preenche corretamente 9 espaços	Preenche corretamente 8 espaços	Preenche corretamente 7 espaços	Preenche corretamente 6 espaços	Preenche corretamente 5 espaços	Preenche corretamente 4 espaços	Preenche corretamente 3 espaços	Preenche corretamente 2 espaços	Preenche corretamente 1 espaço	Erra todos os espaços			
n.º de crianças														
1			x										8	Bom
2	X												10	Muito bom
3	X												10	Muito bom
4	X												10	Muito bom
5						X							6	Suficiente
6		X											9	Muito bom
7		X											9	Muito bom
8	X												10	Muito bom
9	X												10	Muito bom
10	X												10	Muito bom
11				X									7	Bom
12		X											9	Muito bom
13		X											9	Muito bom
14							X						4	Insuficiente
15	X												10	Muito bom
16	X												10	Muito bom
17	X												10	Muito bom
18	x												10	Muito bom

3.4.4 Interpretação da grelha de avaliação

Ao observar a grelha de avaliação da atividade (Quadro 25), é possível verificar que em relação ao que era pretendido no parâmetro de avaliação, dez alunos preencheram corretamente todos os espaços lacunares, quatro alunos só não preencheram corretamente um espaço lacunar, um aluno preencheu corretamente oito espaços lacunares, um aluno preencheu corretamente sete espaços lacunares, um aluno só conseguiu preencher corretamente seis espaços lacunares, e um outro apenas preencheu corretamente 4 espaços lacunares.

3.4.5 Apresentação dos resultados em gráfico

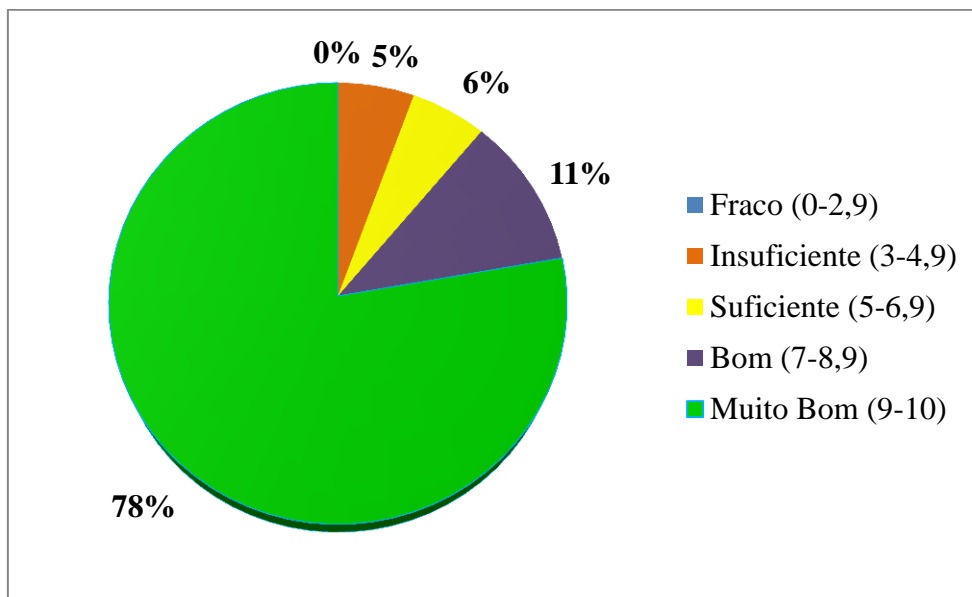


Figura 6 – Resultados da avaliação da actividade na área de Estudo do Meio

3.4.6 Análise do gráfico

Perante a leitura do gráfico (Figura 7), pode verificar-se que nenhum dos alunos obteve fraco, 5% dos alunos obteve o resultado de Insuficiente, 6% obtiveram a nota de Suficiente, 11% obtiveram a qualificação de Bom e 78% dos alunos obtiveram o resultado de Muito Bom.

A média da cotação total dos alunos é 8,9 valores (Bom).

Após a análise do gráfico, posso afirmar que a maior parte do grupo domina o conhecimento das características específicas a cada classe do reino animal, uma vez

que só registou uma negativa, e a maioria soube preencher corretamente as frases lacunares.

3.5 Dispositivo de Avaliação da atividade da Área de Português

3.5.1 Contextualização da atividade

A atividade na Área de Português foi realizada no dia 18 de janeiro de 2013, na turma do 3.º ano, a 29 alunos.

Para proceder à realização desta atividade, distribuí por cada aluno a proposta de trabalho. Pedi a um dos alunos que lesse a proposta e expliquei o que era pretendido. Esta atividade teve a duração de 15 minutos, sem ser disponibilizada qualquer tipo de ajuda.

Em anexo encontra-se a proposta de atividade (Anexo 4).

3.5.2 Descrição dos parâmetros, critérios e cotações das atividades

1. Conjugação de verbos no modo condicional– avaliar se os alunos sabem conjugar os verbos no modo condicional. Os critérios estabelecidos para este parâmetro foram:

- Sabe conjugar corretamente todos os verbos
- Sabe conjugar corretamente 5 verbos
- Sabe conjugar corretamente 4 verbos
- Sabe conjugar corretamente 3 verbos
- Sabe conjugar corretamente 2 verbos
- Sabe conjugar corretamente 1 verbo
- Não consegue conjugar nenhum verbo
- Por cada erro ortográfico descontar 0,5

No Quadro 26, encontra-se a tabela onde são atribuídas as cotações de cada critério estabelecido nesta proposta de atividade.

Quadro 26 – Parâmetros e critérios de avaliação na Área do Português

Parâmetros	Critérios de avaliação	Cotações
1- Conjugar os verbos no modo condicional	Sabe conjugar corretamente todos os verbos	10
	Sabe conjugar corretamente 5 verbos	8
	Sabe conjugar corretamente 4 verbos	6
	Sabe conjugar corretamente 3 verbos	4
	Sabe conjugar corretamente 2 verbos	2
	Sabe conjugar corretamente 1 verbo	1
	Não consegue conjugar nenhum verbo	0
	Cada erro ortográfico	-0,5
Total		10

No Quadro 27 é apresentada a grelha de avaliação da atividade.

3.5.3 Grelha de avaliação na Área de Português

Quadro 27 – Grelha de avaliação da atividade na Área de Português

Parâmetros	1. Conjugar os verbos no modo condicional								Cotação quantitativa	Cotação qualificativa	
	Critérios	Sabe conjugar corretamente todos os verbos	Sabe conjugar corretamente 5 verbos	Sabe conjugar corretamente 4 verbos	Sabe conjugar corretamente 3 verbos	Sabe conjugar corretamente 2 verbos	Sabe conjugar corretamente 1 verbo	Não sabe conjugar corretamente nenhum verbo			Erro ortográfico (-0,5)
n.º de crianças											
1	X									10	Muito bom
2	X									10	Muito bom
3	X								-1	9	Muito bom
4	X									10	Muito bom
5	X								-0,5	9,5	Muito bom
6	X									10	Muito bom
7		X							-0,5	7,5	Bom
8	X									10	Muito bom
9				X						4	Insuficiente
10	X									10	Muito bom
11	X									10	Muito bom
12	X									10	Muito bom
13				X					-0,5	3,5	Insuficiente
14		X								8	Bom
15		X								8	Bom
16		X							-0,5	7,5	Bom
17	X								-1	9	Muito bom
18	X								-1,5	8,5	Bom
19	X									10	Muito bom
20	X									10	Muito bom
21	X									10	Muito bom
22	X								-0,5	9,5	Muito bom
23	X									10	Muito bom
24			X							6	Suficiente
25	X									10	Muito bom
26	X									10	Muito bom
27	X								-2	8	Bom
28	X									10	Muito bom
29	X								-1	10	Muito bom

3.5.4 Interpretação da grelha de avaliação

Observando a grelha de avaliação da atividade (Quadro 27), posso verificar que em relação ao primeiro e único parâmetro, 22 alunos conseguiram conjugar todos os verbos no modo condicional corretamente, embora sete destes tenham dado erros ortográficos, sendo-lhes descontado 1, 0,5, 1, 1,5, 0,5, 2 e 1 valores. Cinco alunos conseguiram conjugar cinco verbos corretamente no condicional, um conseguiu conjugar quatro e dois alunos só conseguiram conjugar corretamente três verbos.

3.5.5 Apresentação dos resultados em gráfico

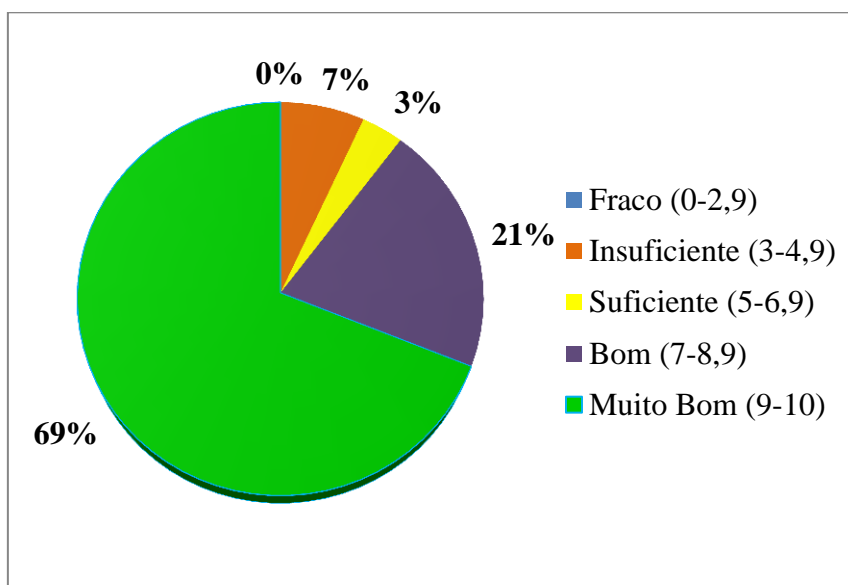


Figura 7 – Resultados da avaliação da actividade na Área do Português

3.5.6 Análise do gráfico

Após a análise do gráfico (Figura 8), posso concluir que nenhum dos alunos obteve Fraco, 7% obtiveram o resultado de Insuficiente, 3% tiveram Suficiente, 21% obtiveram a qualificação de Bom, e os restantes 69% obtiveram a classificação de Muito Bom.

Em relação aos alunos que obtiveram os resultados mais baixos, penso que seria importante fazer uma revisão sobre este conteúdo, de forma a perceber onde é que estes alunos têm dúvidas e consolidar a matéria.

Reflexões Finais

Nesta parte final do relatório, faço um balanço de toda a prática pedagógica, decorrida entre 27 de setembro de 2011 e 25 de janeiro de 2013. Farei, também, as considerações finais em que refletirei sobre a importância e pertinência do estágio na minha formação.

Por fim, apresentarei as limitações com que me deparei na execução deste relatório e as pesquisas que pretendo fazer futuramente.

1. Considerações Finais

Ao analisar todo o percurso de estágio, desde o 1.º Ano da Licenciatura em Educação Básica ao final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, posso afirmar que o balanço do mesmo foi positivo.

Segundo Campos (1995, p. 14), “a Prática Pedagógica concretiza-se através de atividades diferenciadas (desde a observação e análise até à responsabilização pela docência, sempre com supervisão) ao longo do curso e em períodos de duração crescente e responsabilização progressiva”. Na realidade, só durante o estágio é que os alunos tomam consciência da realidade pedagógica, pois é no decorrer deste que nos é permitido colocar em prática toda a teoria que aprendemos, que tomamos consciência de que precisamos de adquirir mais conhecimentos, que desenvolvemos competências práticas.

Ao longo de todos estes anos de estágio, durante a Licenciatura e Mestrado, trabalhei com crianças desde os 3 aos 10 anos. Na verdade, quando iniciei a Licenciatura, só pretendia vir a fazer o Mestrado em Educação Pré-Escolar, mas quando tive de estagiar com os alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico mudei de opinião; pela primeira vez, comecei a ponderar fazer também o Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, quando, até aí, sempre tinha referido que não queria, nem gostava de lecionar junto de crianças mais crescidas. Neste momento, e mesmo continuando a gostar de trabalhar com crianças mais pequenas, o gosto pelo 1.º Ciclo consegue sobrepor-se.

O contacto com os vários professores cooperantes, a observação das aulas e das diversas estratégias que estes iam utilizando na sala de aula, ensinaram-me a preparar as minhas aulas, a escolher as melhores estratégias a ter, a relacionar-me com os alunos e, também, a refletir e a avaliar a minha prestação.

O estágio é essencial para a construção da identidade profissional do professor. Korthagen (citado em Flores e Simão, 2009) refere:

(...) os alunos futuros professores reflectem sobre o seu pensamento, sentimento, desejo e acção sobre os mesmos aspectos nos seus alunos. O objectivo desta reflexão é torná-los mais conscientes sobre a forma como são orientados por alguns sinais durante o seu ensino, incluindo sinais vindos de dentro da pessoa, tais como sentimentos de irritação ou de precipitação. (pp. 48-49)

Durante o Mestrado, lecionei várias aulas. Umhas foram planeadas e outras que foram-me solicitadas, sem aviso prévio, quer pelas educadoras e professoras cooperantes (titulares de Grupo/turma), quer pela equipa de Supervisão Pedagógica. Estas aulas levaram-me a testar os meus conhecimentos.

As reuniões que tínhamos depois das aulas ajudaram-me a refletir sobre o que tinha feito, a perceber o que tinha feito bem e o que poderia ter feito para melhorar a aprendizagem dos alunos. Nunes (2003) refere que depois das aulas é fundamental,

(...) avaliarmos bem, com serenidade, com calma e com honestidade, o nosso trabalho: tomarmos consciência do que correu bem e do que falhou, encontrarmos as causas do sucesso e do insucesso e disponibilizarmo-nos para aperfeiçoar o que resultou bem e corrigir o que resultou mal. (p. 59)

Fundamentalmente, pude ter um contacto direto com as crianças em contexto escolar, fazer uma observação direta das professoras cooperantes durante as aulas, e ter a possibilidade de lecionar nas diversas áreas curriculares a diferentes Grupos e turmas. Tudo isto constituiu uma mais-valia em toda a minha aprendizagem. Não posso deixar de referir que esta prática permite, sem dúvida, ao futuro educador/professor desenvolver-se pessoal e profissionalmente.

2. Limitações

A maior limitação com que me deparei foi com a falta de tempo para poder elaborar o presente Relatório de Estágio Profissional, uma vez que, além de estudar à noite e trabalhar durante o dia, ainda tinha de percorrer cerca de 250 km/dia para poder vir para as aulas e para parte dos estágios.

Os horários da biblioteca também nem sempre nos facilitava o acesso aos livros pretendidos, e, por vezes, quando conseguia ir à biblioteca não existiam os livros que necessitava – ou porque estavam reservados ou por os colegas ainda não os terem vindo devolver.

3. Novas pesquisas

Um professor deve estar sempre num processo de formação contínua, pois as tecnologias estão sempre a inovar, a própria sociedade e os currículos estão sempre a sofrer alterações e o professor tem de estar em constante aprendizagem e formação. Assim, também eu pretendo estar sempre em formação.

Para além disso, futuramente, a nível académico, gostava de fazer uma especialização em Necessidades Educativas Especiais, para poder ajudar crianças com problemas.

Referências Bibliográficas

- Abrantes, P. Serrazina, L. & Oliveira, I. (1999). *A matemática na Educação Básica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Abreu, T. M. R. (2004). *A noção de número em Jardim de Infância: Um estudo de um caso*. Monografia em Ciências da Educação. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Aguera, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância – Atividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa Letras.
- Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica – uma perspetiva de desenvolvimento e aprendizagem*. (2.^a ed.). Coimbra: Almedina.
- Alarcão, I., Freitas, C. V., Ponte, J. P., Alarcão, J. & Tavares, M. J. F. (1997). *A formação de professores no Portugal de hoje* (Documento de um grupo de trabalho do CRUP – Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas).
- Albuquerque, F. (2000). *A hora do conto*. Lisboa: Teorema.
- Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo – Concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- André, H. A. (1986). *A prática da redação em grupo*. São Paulo: Editora Moderna.
- Antão, J. A. S. (1997). *Elogio da leitura – Tipos e técnicas de leitura*. Porto: ASA.
- Aranão, I. V. D. (1996). *A matemática através de brincadeiras e jogos*. Campinas, Brasil: Papyrus.
- Azevedo, M. (2000). *Teses, relatórios e trabalhos escolares – Sugestões para a estrutura da escrita*. Lisboa: Universidade Católica.
- Balancho, M. J. & Coelho, F. M. (1996). *Motivar os alunos. Criatividade na relação pedagógica: Conceitos e práticas* (2.^a ed.). Lisboa: Texto Editora.
- Barderas, S. (2000). *Didática de la matemática – El libro de los recursos*. Madrid: Editorial La Muralla, S.A.
- Bartolomeis, F. (1976). *A nova escola infantil: As crianças dos 3 aos 6*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bastos, G. (1999). *Literatura infantil e juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Bogdan, R. & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Borges, C. J. (1987). *Educação Física para o Pré-Escolar*. Rio de Janeiro: Editora Sprint.
- Borrás, L. (2002). *Manual da educação infantil: Recursos e técnicas para a formação no século XXI*. Setúbal: Marina Editores.
- Bouton, C. P. (1977). *O desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Moraes Editores.
- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Campos, B. P. (1995). *Formação de professores em Portugal*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Canavarro, J. M. (2007). *Para a compreensão do abandono escolar*. Lisboa: Texto Editores.
- Carneiro, A., Leite, E. & Malpique, M. (1983). *O espaço pedagógico 1*. Porto: Afrontamento.
- Carvalho, J. (1999). *O ensino da escrita – Da teoria às práticas pedagógicas*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia. Centro de Estudos em Educação e Psicologia.
- Catita, E. M. (2007). *Estratégias metodológicas para o ensino do meio físico e social do Pré-Escolar ao 1º ciclo*. Porto: Areal Editores.
- Condemarín, M. & Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Brasil: Artmed.
- Cordeiro, M. (2010). *O livro da criança do 1 aos 5 anos (5.ª ed.)*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Cortesão, L. (1993). *Avaliação formativa – Que desafios?* Lisboa: ASA.
- Cury, A. (2005). *Pais brilhantes, professores fascinantes – Como formar jovens felizes e inteligentes*. Portugal: Editora Pergaminho.
- Damas, E. et. al. (2010). *Alicerces da matemática. Guia prático para professores e educadores*. Porto: Areal Editores.
- Deus, M. (1997). *Guia prático da Cartilha Maternal*. Lisboa: Associação de Jardins-Escolas João de Deus.
- Dewey, J. (2002). *A escola e a sociedade – A criança e o currículo*. Lisboa: Relógio D'água editores.

- Duarte, I. (2008). *O conhecimento da língua: Desenvolver a consciência linguística*. Lisboa: Ministério da Educação. Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação – O papel dos professores*. Lisboa: Presença.
- Félix, N. (1998). *A História na Educação Básica*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica.
- Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: Desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editores.
- Flores, M. A. & Simão, A. M. V. (2009). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: Contextos e perspectivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo.
- Fontes, V., Botelho, M. L. & Sacramento, M. (s.d.) *A criança e o livro: Aspectos psicológicos, pedagógicos e literários*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Franco, J. A. (1999). *A poesia como estratégia*. Porto: Campo das Letras.
- Freire, P. (2006). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Freitas, L. V., Freitas, C. V. (2002). *Aprendizagem Cooperativa*. Lisboa: ASA.
- Galvão, C., Reis, P., Freire, A. & Oliveira, T. (2006). *Avaliação de competências em ciências: Sugestões para professores dos ensinos básicos e secundário*. Porto: ASA.
- García, M., Roces, C., & Gonzalés, P. (2002). Nuevas tecnologías y educación. In Gonzalés-Pienda et al. (coords). *Manual de Psicología de la Educación*. Madrid: Ediciones Pirámide; pp. 295-314.
- Gomez, M. T., Mir, V. & Serrats, M. G. (1993). *Como criar uma boa relação pedagógica*. Porto: ASA.
- Gonçalves, E. (1991). *A arte descobre a criança*. Amadora, Portugal: Raiz Editora.
- Grácio, R. (1995). *Da Educação* (Vol. I). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Herrero, J. (s.d.). *O diário à luz da psicopedagogia* (2.^a ed.). Lisboa: O Livro.
- Hohmann, M. & Weikart, D. P. (2004). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Instituto de Inovação Educacional (1992). *Avaliar é aprender; o novo sistema de avaliação*. Lisboa: IIE.
- Jean, G. (2000). *A leitura em voz alta*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Jensen, E. (2002). *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens – Um guia para pais e educadores*. Lisboa: ASA.
- Korthagen, F. A. J. (2001). *Linking Practice and Theory – The pedagogy of realistic teacher education*. LEA Publishers: Mahwah.
- Landeiro, A. & Gonçalves, H. (2011). *A grande aventura – Matemática 4.º ano*. Lisboa: Texto Editores.
- Leite, C. et. al. (1995). *Avaliar a Avaliação*. Lisboa: ASA.
- Lopes, J. A. (coord.). (2006). *Desenvolvimento de competências linguísticas em jardim-de-infância*. Porto: ASA.
- Magalhães, V. F. (2008). A promoção da leitura literária na infância: Um mundo de verdura a não perder. In: O. Sousa & A. Cardoso (eds.). *Desenvolver Competências em Língua Portuguesa*, Lisboa: CIED; pp. 55-73.
- Martins (2009). *Despertar para a Ciência: Actividades dos 3 aos 6 anos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Mata, L. (2008). *A descoberta da escrita: Textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Meirieu, P. (1995). *Os trabalhos de casa*. Lisboa: Presença.
- Mendes, M. F. & Delgado, C. C. (2008). *Geometria – Textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação - Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Mialaret, G. (1975). *A aprendizagem da matemática*. Coimbra: Almedina.
- Ministério da Educação (1990). *Ensino Básico 1.º ciclo*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2004a). *Programa de Estudo do Meio do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2004b). *Programa de Expressões do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Ministério da Educação (2007). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2012). *Metas Curriculares – Ensino Básico – Matemática*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Monteiro, M. (1995). Intercâmbios e visitas de estudo. In A. D. Carvalho (org.) *Novas metodologias em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Moreira, D. & Oliveira, I. (2003). *Iniciação à Matemática no Jardim-de-infância*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Moreira, P. (2004). *Ser professor: Competências básicas...3*. Porto: Porto Editora.
- Neto, C. (2001). *O jogo e o desenvolvimento da criança*. Lisboa: Edições FMH.
- Nunes, M. (2003). *Professor, ensine-me a dar aulas*. Porto: ASA.
- Oliveira, J. B., & Oliveira, A. B. (1996). *Psicologia da Educação Escolar I. Professor - Ensino*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Oliveira, L. (1989). *Educação ambiental. Guia prático para professoras, monitores e animadores culturais e de tempos livres*. Lisboa: Texto Editora.
- Oliveira, T. (1991). *Didática da Biologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pais, A. & Monteiro, M. (2002). *Avaliação – Uma prática diária*. Lisboa: Presença.
- Papalia, D. E., Olds, S. W. & Feldman, R. D. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: McGraw Hill de Portugal.
- Pardal, L. & Correia, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal.
- Pereira, A. (2002). *Educação para a Ciência*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pereira, M. (1992). *Didáctica das Ciências da Natureza*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pérez, M. R. (s.d.). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem-ensino*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Perrenoud, P. (1993). *Práticas pedagógicas. Profissão docente e formação – Perspetivas sociológicas*. Lisboa: Dom Quixote.
- Peterson, P. D. (2003). *O professor do Ensino Básico*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Peterson, R. & Felton-Collins, V. (1998). *Manual de Piaget para professores e pais*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Pombo, O., Guimarães, H. M. & Levy, T. (1994). *A interdisciplinaridade: Reflexão e experiência*. Lisboa: Texto Editora.
- Ponte, J. P. & Serrazina, M. L. (2000). *Didática da matemática do 1.º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Proença, M. C. (1990). *Ensinar/Aprender História*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rabinovich, S. B. (2007). *O espaço do movimento na educação infantil. Formação e experiência profissional*. São Paulo: Phorte Editora.
- Reis, M. P. C. P. (2008). A relação entre pais e professores: Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso. In *Educação para o desenvolvimento* n.º 1. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus, 66-76.
- Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Volume I. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, L. C. (1989). *Avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.
- Rosales, C. (1992). *Avaliar é refletir sobre o ensino*. Rio Tinto: ASA.
- Ruas, B. M. & Grosso, C. (2002). *Números e operações aritméticas*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus – Apresentação de um suporte interativo de leitura*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Saraiva, M. G. C. (2003). *Práticas educativas nos Jardins-Escolas João de Deus: Estudo exploratório 1940-1989*. Volume I. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia: Departamento de Pedagogia.
- Serrazina, L. & Matos, J. M. (1988). *O Geoplano na sala de aula*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática.

- Silveira-Botelho, A. T. C. P. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Sim-Sim, I. (2006). *Ler e ensinar a ler*. Porto: ASA.
- Sim-Sim, I. et. al. (2008). *Linguagem e comunicação no Jardim de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação, Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e as artes na educação: Música e artes plásticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Spodek, B. & Saracho O. N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Artmed.
- Teberosky, A. & Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever – Uma proposta construtivista*. Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Tenbrink, T. D. (2002). *Evolución. Guia practico para profesores*. Madrid: Narcea.
- Veloso, R. M. (2009). 'Curtir' literatura infantil no Jardim de Infância. In F. Viana, E. Coquet & M. Martins (org.). *Leitura, Literatura Infantil e Ilustração – Investigação e prática docente*. Braga: Centro de Estudos da Criança – Universidade do Minho; pp. 107-115.
- Veloso, R. M. & Riscado, L. (2002). Literatura infantil, brinquedo e segredo. *Malasartes* nº 10. Dezembro, 26-29.
- Viana, F. L. & Teixeira, M. M. (2002). *Aprender a ler – da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Porto: ASA.
- Vieira, F. (1993). *Supervisão – Uma prática reflexiva de formação de professores*. Rio Tinto, Portugal: ASA.
- Vilhena, G. & Silva, M. I. L. (2002). *Organização da componente de apoio à família*. Lisboa: Departamento da Educação Básica Núcleo de Educação Pré-Escolar – Ministério da Educação.
- Zabalza, M. A. (1998a). *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Artmed.
- Zabalza, M. A. (1998b). *Didáctica da educação infantil*. Porto: ASA.
- Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Rio Tinto, Portugal: ASA.

Zeichner, K. (1993). *A formação reflexiva de professores: Ideias e práticas*. Lisboa: EDUCA.

Legislação

Despacho Normativo nº 6/2010 de 19 de fevereiro. *Diário da República n.º 35 - II Série*. Ministério da Educação. Lisboa.

Despacho Normativo n.º 14/2011 de 18 de novembro de 2011. *Diário da República 2.ª série – N.º 222*. Ministério da Educação. Lisboa.

Webgrafia

Boggino, Norberto (2009). *A avaliação como estratégia de ensino. Avaliar processos e resultados*. Sísifo. Revista de Ciências da Educação, 09, pp 79-86. Recuperado em 2013, março, 21 de <http://sisifo.fpce.ul.pt/pdfs/Revista%209%20PT%20d7.pdf>

Bombeiros e Proteção Civil de Portugal (s.d.). Plano de prevenção e emergência para estabelecimentos de ensino. Recuperado em 2013, julho 1, de http://www.tinoni.com/pais_educadores/PUBLICAcoES/PPEEE_Div.pdf

Ministério da Educação. Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007. Recuperado em 2012, junho, 23 de <http://www.dgicd.min-edu.pt/educacao infancia/index.php?s=directorio&pid=3>

Ministério da Educação (s.d.). Gave: testes intermédios. Recuperado em 2013, maio, 12 de <http://www.gave.min-edu.pt/np3/430.html>

Ruivo, I. (2006). *João de Deus: Método de leitura com sentido*. Recuperado em 2013, junho 15, de http://195.23.38.178/casadaleitura/portalfbeta/bo/abz_indices/002199_ot_metodo_leitura_joao_deus_b.pdf

Anexos

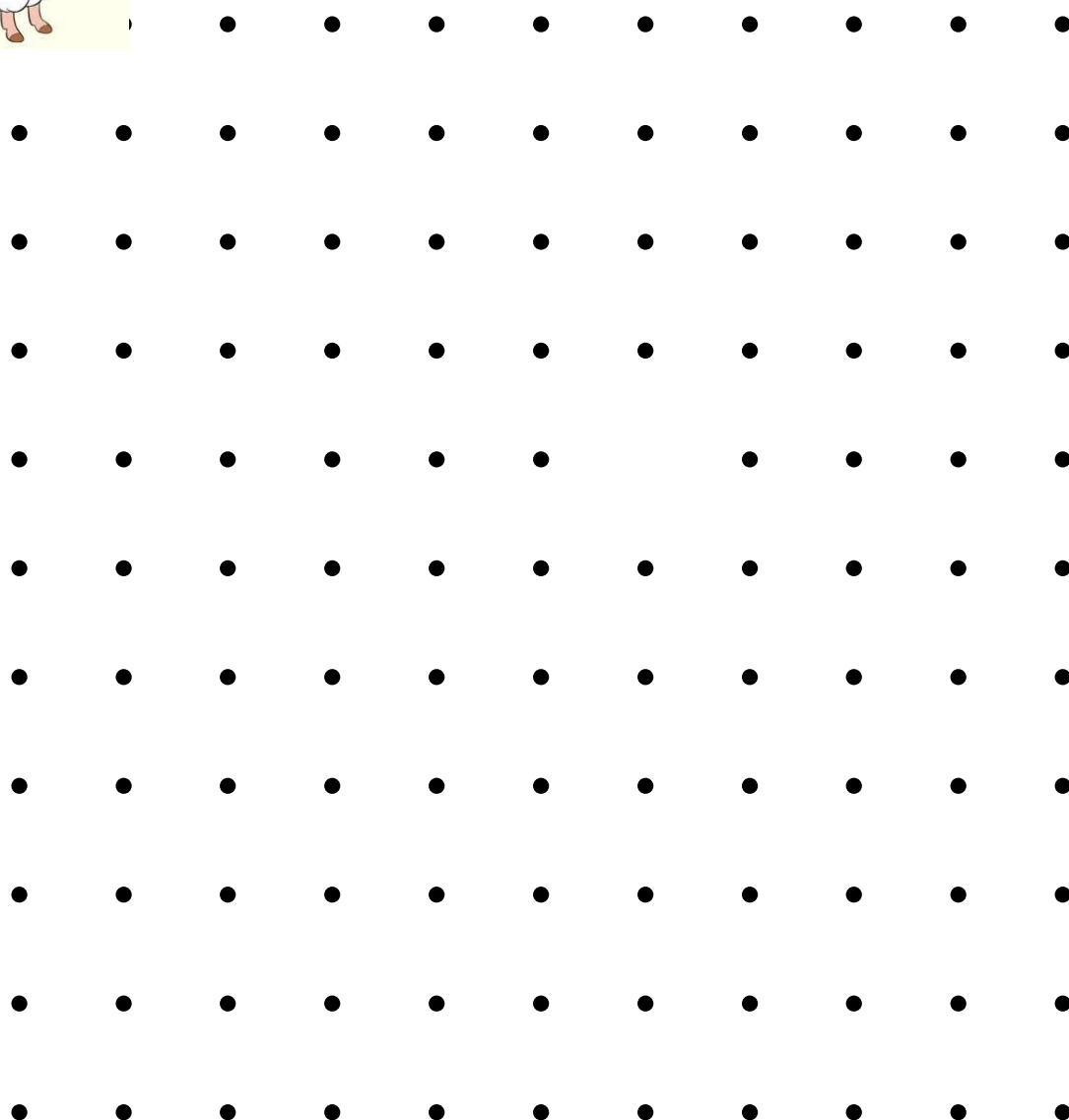
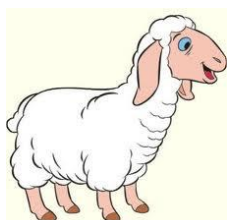
Anexo 1

**Dispositivo de avaliação na Área de Expressão e Comunicação no Domínio da
Matemática – Grupo dos 5 anos**

Proposta de Trabalho

Nome: _____ Data: _____

1 – Ajuda a ovelha a chegar ao seu filhote.



Anexo 2

**Dispositivos de avaliação na Área de Expressão e Comunicação no Domínio da
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – Grupo dos 5 anos**

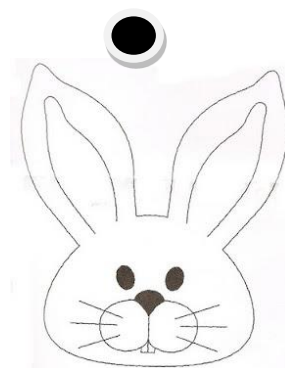
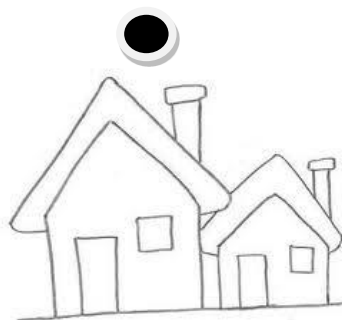
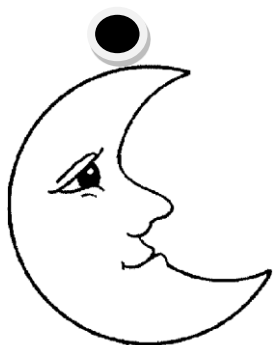
Proposta de Trabalho

Nome: _____ Data: _____

1 – Forma a palavra lida com as letras móveis.

1.1 – Cola-as entre as duas linhas.

1.2- Faz corresponder a palavra à imagem.



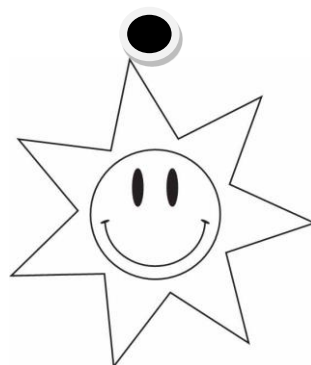
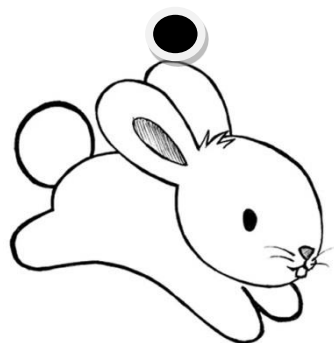
Proposta de Trabalho

Nome: _____ Data: _____

1 – Forma a palavra lida com as letras móveis.

1.1 – Cola-as entre as duas linhas.

1.2- Faz corresponder a palavra à imagem.



Anexo 3

Dispositivo de avaliação na Área de Estudo do Meio – 2.º Ano de escolaridade

Nome: _____ Data: _____

1 - Completas as seguintes frases, utilizando as palavras da chave.

a)- Os mamíferos têm o corpo coberto de _____. Deslocam-se com a ajuda de _____ alimentam-se de leite materno quando são bebês.

b)- As aves têm o corpo coberto de _____. Deslocam-se com a ajuda das _____.

c)- Os répteis têm o corpo coberto de _____ e podem ter patas curtas ou rastejar. Vivem debaixo de pedras ou da terra.

d)- Os _____ não têm pelos, nem escamas, nem penas. Têm patas traseiras maiores que as dianteiras. Caçam insetos com a língua.

e)- Os insetos não têm esqueleto interno. Alguns deslocam-se no _____ com a ajuda de asas. Têm três pares de patas.

f)- Os peixes têm o corpo coberto de _____. Deslocam-se com a ajuda das _____ e respiram por _____.

PELOS	PATAS	GUELRAS	VERMES	LÍNGUA	RASTEJAR
MOLUSCOS	ANFÍBIOS	SALTAR	VOAR	QUATRO	LÍNGUA
PULMÕES	AR	ÁGUA	ESCAMAS	MAMÍFEROS	BARBATANAS
BICO	ASAS	PENAS	INSETOS	ESCAMAS	

Anexo 4

Dispositivo de avaliação na Área de Português – 3.º ano de escolaridade

Nome: _____ Data: _____

1- Completa as frases, usando os verbos no modo condicional.

- 1.1- Se me aparecesse o génio da lâmpada, eu _____ (pedir) um desejo.
- 1.2- Se eu descascasse, a avó _____ (comer) a laranja toda.
- 1.3- Se nós encontrássemos, o professor, _____ (falar) do que aconteceu na aula.
- 1.4- Eu _____ (gostar) da Joana se ela cantasse uma música para mim.
- 1.5- Se o Miguel vivesse mais perto de mim, _____ (poder) brincar todas as tardes.
- 1.6- Eu _____ (dançar) se gostasse da música.

